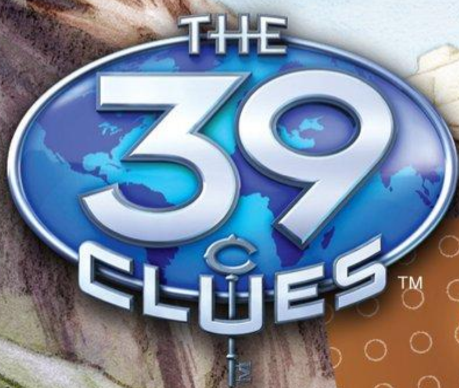


O NINHO DE COBRAS

PETER LERANGIS

LIVRO 7

editora ática

O NINHO DE COBRAS



O NINHO DE COBRAS

PETER LERANGIS


EU QUIS QUE ELE MORRESSE, DAN.
NUNCA SENTI ISSO ANTES.
O QUE HÁ DE ERRADO COMIGO?

Não é mais um jogo. A contagem de corpos aumenta. Abalados pelos acontecimentos recentes, Amy e Dan fogem para uma terra distante e rastream os passos de seu ancestral mais formidável: um líder militar de proporções míticas.

No entanto, assim como os irmãos começam a dominar a arte da guerra dos antigos, eles enfrentam um inimigo perigoso que não pode ser cortado com uma espada: a verdade. Amy e Dan descobrem algo tão devastador que muda tudo – o segredo de seus ancestrais.




Para os incríveis leitores, bibliotecários e professores que conheci e conhecerei

por meio desta série.

— P. L.





CAPÍTULO 1

AMY CAHILL NÃO ACREDITAVA EM PRESSÁGIOS. MAS UMA NEVE preta caía do céu, o chão roncava sob seus pés, o irmão miava e tio Alistair saltava de pijama cor-de-rosa pela praia.

Ela teve que admitir que os sinais não eram promissores.

— Aqui, Nellie? — gritou Alistair, em direção ao mar de lava, com as mãos em volta da boca. — Venha nos resgatar, minha querida!

Amy limpou um floco escuro do rosto. Cinzas.

Poderiam ser do incêndio de ontem à noite?

Não pense nisso. Não agora.

No mar, o ronco de um motor ao longe ficava mais alto. Nellie Gomez, *a au pair* de Amy e Dan, vinha numa pequena lancha em alta velocidade, avançando em direção à pequena ilha da Indonésia onde eles estavam presos. Na sinistra escuridão da manhã, céu e água se fundiam numa muralha azul e cinza e a lancha parecia flutuar no ar.

— *Prrrrrrrrrrr!* — gemeu Dan.

— O que você está fazendo? — perguntou Amy.

— Imitando um gato, um Mau Egípcio. — Dan olhou irritado para Amy, como se a frase fizesse todo o sentido. — Saladin odeia água. Se ele ouvir outro Mau, talvez suba até o convés com a Nellie... e finalmente

vamos vê-lo! Você não está com saudades?

— Estou — suspirou Amy. — Mas depois de ontem à noite... Eu também amo o Saladin, Dan. Mas sincera- mente não tenho pensado muito nele.

Ela ouviu o estrondo distante de um trovão. Ao olhar para o mar, seus olhos arderam. Uma lágrima desceu por seu rosto, deixando um rastro cinzento. Como era possível que o incêndio da noite anterior ainda produzisse tantas cinzas? Era apenas uma casa. Um lugar onde ela, Dan e Alistair teriam virado carvão, se não fosse por...

Não pense nela. Pense em coisas normais. Manteiga de amendoim. Lição de casa. TV Saladin.

Porém as imagens da noite anterior passavam em sua cabeça como um filme. As chamas lambendo a parede... Dan assustado como uma criança... Alistair berrando para eles... O grito pela janela, da última pessoa que eles queriam ver... a mulher que quase os tinha matado na Rússia.

Você achou que ela estava tentando te queimar viva ontem à noite. Mas não estava. Não foi a Irina.

A culpada era Isabel Kabra. Ela tinha incendiado a casa deles em Massachusetts muitos anos antes, e os pais de Dan e Amy não conseguiram escapar. Agora ela estava terminando o serviço. Era uma assassina. Uma máquina mortífera dos Lucian, coberta de pérolas e perfume.

Até a noite anterior, Isabel era uma das duas pessoas das quais Amy tinha mais medo.

A outra era a mulher loira que havia surgido do nada debaixo da janela deles.

Ontem, se alguém tivesse pedido para Amy listar As coisas mais improváveis de acontecer em um milhão de anos, logo abaixo de O mundo vai virar queijo e Meu irmão Dan vai dizer que me ama, viria o seguinte item:

Irina Spasky vai se sacrificar... por nós.

Mas Irina tinha saltado sobre o telhado com uma vara de bambu e mergulhado nas chamas. Tinha segurado a vara na frente da janela para

que eles pudessem escorregar até o chão em segurança. Depois, havia sumido no incêndio diante dos olhos de Amy. Por quê?

Como uma pessoa pode mudar tanto?

— Terra chamando Amy, câmbio — disse Dan. Cara, você consegue ouvir o que a Nellie está dizendo?

Pare de pensar.

Os pensamentos de Amy se dissiparam no ar esfumaçado. No mar, Nellie acenava freneticamente. Atrás dela, o céu estava escuro, coberto de nuvens baixas e agourentas.

— A coitadinha parece assustada — disse Alistair.

— Vem aí uma tempestade — falou Amy.

— Quem sabe ela acabou de ver o seu pijama, tio Alistair — sugeriu Dan. — Você precisa concordar que ele é meio assustador.

Alistair olhou para baixo. Seu pijama de seda estava rasgado e coberto de fuligem por causa do incêndio.

— Oh, puxa, vocês me dão licença para trocar de roupa?

Agora Nellie estava apontando para alguma coisa atrás dela, na direção de uma ilha chamada Rakata.

Amy ficou tensa. Em 1883, o vulcão Krakatoa tinha entrado em erupção bem ali, numa das piores catástrofes naturais da história.

Amy lembrou das palavras do barqueiro que os levara até lá.

Hoje não é bom... Muito ativo.

Ela sentiu as cinzas no rosto, e de repente tudo fez sentido. Amy estendeu as pontas pretas dos dedos para o irmão ver. Nellie não estava preocupada apenas com a tempestade.

— A-acho que ela está tentando dizer alguma coisa sobre o vulcão — disse Amy.

Os olhos de Dan se iluminaram.

— Uau. Será que vai ser como em Pompeia? Tipo, lá-lá-lá, estamos limpando a cozinha.., e opa!... banho de lava!

— Isso não é piada — disse Amy. — Pro seu governo, da última vez que o vulcão entrou em erupção, tsunamis se formaram em todo o Pacífico

Sul. Trinta e seis mil pessoas morreram.

Dan respirou fundo:

— Ok, Amy, relaxa. A Nellie já está chegando. Logo mais vamos embora daqui, iremos brincar com o Saladin, tudo vai voltar ao normal...

— Não temos nenhuma dica, Dan — disse Amy. — Mesmo se conseguirmos sair daqui, pra onde iremos? Vamos voltar para Boston e deixar o Serviço Social nos devolver pra tia Beatrice?

Dan olhou por cima do ombro para o lugar onde Alistair tinha desaparecido.

— Aposto que ele sabe para onde ir.

— Ótimo. Depois que o Alistair se trocar, a gente pergunta pra ele — disse Amy. — Você tem um detector de mentiras aí? E cadê ele, aliás?

Em matéria de confiança, Alistair era como as previsões do tempo. Você quer acreditar nelas, apesar de já terem falhado e te deixado na mão várias vezes. Afinal, onde ele tinha ido trocar de roupa? Será que ele tinha um esconderijo secreto aqui? Será que iria sumir agora, assim como tinha sumido depois do desabamento em Seul?

Os Ekaterina buscavam as pistas há anos. Assim como os outros clãs da família Cahill — os Tomas, os Lucian e os Janus —, todos com bastante dinheiro, experiência e disposição para matar. As chances deles eram muito maiores. O testamento de Grace, a avó de Amy e Dan, tinha piorado essa situação ao reunir alguns Cahill, escolhidos a dedo, para participar de uma caçada bizarra pelas 39 pistas que levariam ao maior poder jamais conhecido pela humanidade. Porém, o testamento também oferecia uma alternativa. Amy e Dan poderiam ter ficado com 1 milhão de dólares cada e deixado a caçada para lá.

Essa teria sido a escolha *normal*.

Mas Grace queria que eles achassem as pistas. Amy não conseguia se imaginar contrariando a vontade da avó. Dan não conseguia se imaginar desistindo de encontrar o maior poder jamais conhecido. Então começaram a seguir dicas deixadas por antepassados famosos, como Mozart e Benjamin Franklin. E por isso lá estavam eles, quatro continentes e seis pistas depois: uma menina de 14 anos, seu irmão de 11

e uma *au pair* cujo maior treinamento em espionagem consistia em baixar músicas punk da internet e resistir à dor na hora de fazer uma tatuagem. Quer dizer, a não ser que ela realmente fosse uma espiã profissional.

Na busca pelas 39 pistas, o Anormal era o novo Normal.

Mais uma vez, a voz de Nellie cortou o ar. Ela estava mais perto e o barulho do motor da lancha ficou mais baixo enquanto a embarcação se preparava para atracar. Agora seu grito foi perfeitamente nítido:

— A POLÍCIA! — Ela apontou por cima do ombro. — A POLÍCIA!

— Eles vão prender o vulcão? — perguntou Dan.

— Rápido! — disse Amy, agarrando o braço do irmão e indo na direção de Alistair. — Uma casa pegou fogo, Dan... e uma pessoa morreuJ A polícia investiga esse tipo de coisa. *Tio Alistair! A Nellie está sendo seguida pela policia!*

Alistair surgiu do mato vestindo um terno de seda cinza passado e engomado, uma camisa amarela limpinha e o chapéu-coco inclinado no ângulo certo. Ele ficou pálido quando ouviu o grito de Nellie.

— Isabel... — ele murmurou. — Ela deve ter dito à polícia que a culpa foi nossa. É o seu modus operandi.

Dan suspirou:

— Olha, quando acho que estou te acompanhando, *bum!,* você solta essas palavras complicadas.

Alistair colocou a ponta da bengala com cuidado sobre o pé de Dan, prendendo-o no lugar. Então se inclinou para o sobrinho

— Eu sei o que você está fazendo. Você acha que o humor vai aliviar nosso fardo. Mas algumas coisas não têm um lado engraçado, como ser jogado na prisão em Jacarta. Porque é para lá, meu jovem, que eles vão nos levar.

CAPÍTULO 2

— ESTRELA DO ROCK NÃO PULAR! — A LANCHA AVANÇAVA depressa, com o piloto gritando uma frase que não fez muito sentido para Amy.

— Estrela do rock com pressa! — Nellie respondeu, com um pé na amurada do barco. Quando o piloto atracou ao lado de um velho barco de pesca, ela pulou nas tábuas encharcadas. Vestia um colete jeans preto, shorts, meias três-quartos listradas, um tênis vermelho sem cadarço e uma camiseta com um desenho infantil. Seu cabelo espetado bicolor agora estava liso, fazendo com que de longe sua cabeça parecesse um gambá molhado. Enquanto Nellie corria até Dan e Amy, Saladin veio se esgueirando atrás dela.

— Ai, meu Deus, vocês! — exclamou Nellie. — Vocês estão bem! Estou tão feliz de ver vocês!

— Saladin! — Dan gritou, correndo na direção do gato.

— Saladin? E eu, não valho nada? — Nellie abarcou Dan e Saladin num grande abraço enquanto andava. — Ok, escuta, gente. Precisamos ter uma conversa. Ontem quando descobri que vocês dois tinham evaporado, eu tipo, pirei. Comecei a gritar com todo mundo... Cadê eles, por que vocês deixaram eles saírem... A galera do hotel ficou tipo, *Cumequié?*

Enfim, arrumei as coisas de vocês, achando que nunca mais ia ver aquele lugar, e encontrei meu camarada, o Arif, lá embaixo no saguão do hotel. Aí eu, tipo, Me ajuda, e ele levou as nossas coisas pra lancha dele... E então a gente estava no meio do mar quando o Arif recebeu uma mensagem de rádio e ficou superagitado, mas não entendi o que ele estava dizendo até ele falar POLÍCIA! E a gente viu essas viaturas e alguém trazendo um barco velho enorme, por isso a gente deu um sayonara, só que em indonésio, e costuramos um engarrafamento de barcos pra tentar despistar a policia, e fiquei ouvindo esses relatórios por rádio, que são metade em inglês. Houve um incêndio e alguém morreu, blá-blá-blá, e eu fiquei louca. Por que vocês fizeram isso? Porque você e a sua irmã me abandonaram no hotel sem deixar nem um recado?

— Foi mal — respondeu Dan. — Mas você estava dormindo...

Ele olhou para Amy. A vida inteira eles tinham conseguido se comunicar muito bem apenas como olhar, e Amy transmitiu a ele tudo o que pôde: e além disso, Nellie, nós vimos que você estava recebendo e-mails protegidos por senha...

...e lá na Rússia você também recebeu uma mensagem de voz que dizia "Ligue para reportar a situação"...

... além disso, você por acaso sabe pilotar aviões...

... e não queremos ser paranoicos, mas uma coisa que aprendemos nesta busca pelas pistas é "Não confiem em ninguém".

— Caramba! Eles fazem isso na sua frente também, Ai? — perguntou Nellie, jogando uma mochila enorme para Dan e outra para Amy. — Será que é telepatia?

Alistair parecia perplexo.

— Eles... o que você disse?

Nellie entregou a gaiolinha de Saladin para Arif. Ela tomou os braços de Alistair e Arif e foi para a floresta.

— Não se incomodem com a gente, rapaziada — ela disse para Amy e Dan. — Só vamos nos esconder nas árvores. Vocês podem enviar mensagens mentais pra gente da prisão. Só não esqueçam de explicar por que traíram sua fiel babá.

— Espera, estamos indo! — disse Dan, colocando a mochila nas costas enquanto corria atrás dela. — E você é uma *au pair!*

Conforme se aproximavam da floresta, Amy vislumbrou as ruínas fumegantes da casa. Ela desviou o olhar, não queria ver. Não queria pensar em Irina.

A viagem de Irina à ilha tinha sido só de ida.

Esse pensamento fez Amy parar onde estava.

— Por que não usamos o barco de pesca da Irina? — ela gritou. — A polícia não vai reconhecer.

— É pequeno demais — disse Alistair. — E fui eu quem chegou nesse barco, não a Irina.

— Então como... — disse Dan. — Tio Alistair, tem outro píer nesta ilha?

— Bom, agora que você mencionou... — Alistair parou, para recuperar o fôlego. — Muitos anos atrás encontrei os restos de um pequeno veleiro numa enseada minúscula ao norte. Por que a pergunta?

— Talvez lá haja um barco para fugirmos! — exclamou Amy. — Se a lrina não atracou aqui, talvez tenha deixado o barco nessa enseada!

— Brilhante, minha querida! — disse Alistair.

— Fui eu quem teve a ideia — resmungou Dan.

Alistair libertou-se de Nellie e, confiante, apontou com a bengala para uma árvore ao longe.

— Estão vendo aquela marca amarela no alto da árvore? É a sinalização de uma trilha. Se seguirmos as árvores marcadas, vamos chegar à enseada. Mas as marcas estão bem apagadas, por isso temos que avançar com cuidado. Vou abrir caminho entre os arbustos. — Ele tirou o paletó, pendurando-o no braço esquerdo, depois estendeu o braço para Nellie. — Você pode me dar uma ajudinha, querida?

Nellie segurou firme o braço de Alistair que estava coberto com o paletó. Ele andava depressa, destroçando trepadeiras e galhos com a bengala. Arif seguiu logo atrás, resmungando. Depois de um tempo, tudo o que estava em um dos bolsos do paletó de Alistair começou a cair.

— Suas coisas estão caindo! — Dan recolheu do chão um pente,

pastilhas de menta, um lenço e uma bolsinha de feltro azul.

A bolsa tinha letras russas.

— Epa... isso é da trina? — Dan enfiou a mão e tirou um frasco com um líquido azulado.

Alistair virou para trás, enxugando a testa com a manga.

— Hã... bom, eu vi uma coisa no chão ontem à noite. Perto da casa. Não sabia direito o que era, por isso...

Os venenos da Irina, pensou Amy.

Alistair pegou a bolsinha da mão de Dan e continuou andando, enfiando-a no bolso. Estava tão calmo. Tão equilibrado.

Mas... ela morreu. Essas coisas eram dela. Isso é roubo. Amy olhou para Dan, mas ele já estava correndo na frente, seguindo as marcas da trilha.

— Dan? — Nellie berrou. — *Ei, Indiana Jones, faz algum barulho pra gente saber que você está vivo!*

Eles pararam. Uns poucos segundos de silêncio tenso foram seguidos por um grito estridente.

— AAAAAAHHHH! COBRAS! SAI DE CIMA DE MIM!

Amy saiu correndo. Enroscou o tornozelo num cipó molhado, tropeçou por cima de um arbusto e escorregou por uma descida íngreme, coberta de areia.

Ela caiu na lama lá embaixo, detida pelos tênis imundos de Dan. Ele surgiu acima dela, sorrindo, apoiando-se na proa de uma grande lancha de dois andares.

— Achei primeiro.

Amy lutou para ficar de pé

Achei que você estava sendo atacado!

— Era a minha imitação de Indiana Jones. Boa, né? Amy sorriu e depois empurrou Dan para dentro da água.

— E essa — ela disse — é a minha do Darth Vader.

CAPÍTULO 3

DE PÉ JUNTO À AMURADA, DAN CAHILL OLHOU PARA O MAR AGITADO e pensou: *Aquele que é responsável pelo destino do mundo não vomita o almoço.*

Ele segurou com força, e a sensação foi a mesma daquele dia em que a tia Beatrice tinha deixado ele andar de xícara maluca depois de três porções de batatas fritas. O resultado tinha sido meio nojento.

O barco chacoalhava, batendo contra ondas gigantes. A chuva tinha parado, mas com isso as cinzas vulcânicas tomaram o ar. Entre cinzas e neblina, Dan não conseguia ver a ilha onde na noite passada ele e Amy quase viraram churrasquinho de irmãos. Arif tinha evitado a polícia por um canal atrás da ilha. Depois de contornara costa sul, agora avançava de novo para Jacarta. Bom, seria melhor dizer balançava. A viagem demoraria três horas, O que significava três horas de silêncio pesado entre Dan e a irmã. Amy estava brava com ele.

Aquele que é responsável pelo destino do mundo não pensa na irmã enquanto tenta não vomitar o almoço.

Geralmente, bastava contar até dez e Amy começaria a tagarelar sobre algum assunto fascinante, como a alta do preço do linho no Uruguai. Mas a raiva de agora era diferente. Desordenada. Amy estava brava com todo

mundo: Alistair, Nellie, ele.

Não que ele culpasse a irmã. Era tudo muito confuso e a confusão deixava Amy irritada. Até mesmo o lema deles — *Não confiem em ninguém* — não merecia confiança. Irina primeiro era malvada, depois boa. Nellie era boa, depois (talvez) malvada. Alistair estava em urna categoria à parte. Além disso, eles não sabiam onde procurar a próxima pista. E a viagem o estava deixando enjoado.

Respire fundo. Pense em coisas alegres. Coisas engraçadas.

Aquela estratégia não estava ajudando muito. Ninguém ria das piadas dele. Mas elas eram o único jeito de aliviar a lembrança do que tinha acontecido ontem. A lembrança de Irina.

Ele não conseguia parar de ouvir as últimas palavras dela — *Tudo depende de você e de Dan. Vá*! — nem de ver seu rosto. Era como se Irina surgisse de dentro do mar, espiasse de cima das nuvens da tempestade, chorasse ao vento.

E fizesse cócegas no tornozelo dele.

— *AIIII*! — exclamou Dan, pulando para longe.

— *Prrr?* — ronronou Saladin, tão confuso quanto o dono.

— Não queria te assustar, amiguinho — disse Dan, pegando o gato no colo. Sentiu o coração dele bater contra seu peito. — Como você faz isso? Como você faz eu me sentir tão melhor? Eu tento fazer todo mundo se sentir bem e só consigo deixar eles bravos. E com você é, tipo, puf, tudo de volta à normalidade.

Dan sorriu. De volta à normalidade era uma expressão que seu pai usava, uma das poucas coisas que lembrava.

— Cara, quero que você conheça uma pessoa — falou Dan. Enfiou a mão no bolso e tirou o velho passaporte australiano do pai. Tinha um leve cheiro adocicado de mofo. Dan imaginava que aquele era o cheiro da colônia do pai, mas Amy garantia que era só o papel do passaporte. Ele abriu a capa azul e olhou para a foto e o nome falso logo abaixo: ROGER NUDELMAN. Provavelmente, o pai tinha escondido a identidade para enganar adversários em busca das pistas. Mas aquele nome bobo sempre fazia Dan sorrir.

— Diga oi, Rogerl — cochichou. — Ele também era um piadista, Saladin. Eu tenho certeza. Assim como eu. É tradição familiar.

O barco empinou numa onda e depois caiu com um estrondo. Começava a chover outra vez e por isso Dan enfiou rapidamente o passaporte de volta no bolso.

Com o barulho de um trovão, o céu despencou sobre eles. Dan se encolheu. Saladin pulou para longe e correu para uma pequena cabine envidraçada. Dan foi atrás. A chuva era tão grossa que ele mal conseguia respirar.

— *Ya, saya mendengar mereka...* — Dentro da cabine, Arif, o piloto, gritava num celular enquanto controlava o volante. Ele se virou de repente. — Não entrar!

— Hã, chuva? — Dan apontou para fora. — Molhado? — Sacudiu a cabeça, espirrando água no chão. — Toalhas?

Arif resmungou alguma coisa em indonésio ao telefone, depois apontou para um baú de madeira que ocupava toda a parte dos fundos da cabine.

Saladin já estava arranhando alguma coisa na fresta entre o baú e a parede. Conseguiu tirar dali uma latinha oval. Um cheiro rançoso de peixe se espalhou pelo ar e Dan sentiu seu estômago revirar. Assim que Saladin começou a lamber avidamente a substância preto e gosmenta, Dan notou a etiqueta na lata: CAVIAR SEVRUGA RUSSO GENUÍNO.

O lanche da Irina.

Por que os russos gostavam de comidas tão nojentas?

Inspire. Expire.

Você não vai vomitar.

Dan abriu o baú e encontrou uma pilha de toalhas brancas, junto com cordas, cobertores e cadernos. Quando tirou uma das toalhas, ficou paralisado de medo.

Junto à pilha havia uma bolsa de couro com as letras INS gravadas.

Irina N. Spasky.

Dan tirou a bolsa e fechou a tampa do baú em silêncio.

A porta da cabine abriu de repente, assustando Arif. Amy entrou

tropeçando, encharcada, e parecia furiosa.

— Você está aqui! Achei que você tinha caído do barco enquanto vomitava.

Olhando de relance para Arif, Dan enfiou a bolsa embaixo do braço. Puxou Amy para fora até um toldo que os protegia da chuva.

— Antes que você diga alguma coisa ainda mais carinhosa, veja isso — disse Dan.

Amy levou um susto quando viu a bolsa.

— É da Irina!

Dan abriu a bolsa e fuçou o que havia dentro: maquiagem, um telescópio em formato de porta-batom, alguns frascos de aparência suspeita, um caderno de couro...

— O que é isso? — Amy disse, tirando uma carteira fina de couro. Dentro dela havia um bolo de cartões presos com elásticos. Sem perder tempo, ela tirou os elásticos e folheou o maço. O cartão de cima a fez recuar: era uma cópia de um documento seu, o cartão da Previdência Social dos Estados Unidos.

Embaixo havia cópias das carteirinhas de escola de lan e Natalie, uma identidade para cada Holt, um cartão de visitas da empresa Burrit-Oh! com uma foto de um Alistair muito mais jovem...

— Dan, isso é assustador. Ela tinha documentos de todo mundo que está atrás das pistas!

Do fundo da carteira, ela tirou três saquinhos plásticos hermeticamente fechados. Cada um deles com quadrados finos de plástico, lembrando laminas de microscópio.

—O quê...?

Mas Dan já estava ocupado com o caderno de couro. Olha isso! — ele disse, examinando uma página cheia de rabiscos com números de telefone, contas e anotações em russo.

Amy pôs os saquinhos de volta na carteira e a enfiou na mochila.

— Não entendo uma palavra...

Ela folheou até a última página e parou.

Следующее место, 39 Ключи? От тетради RCH.

I'm with you and you're with me and so we are all together.

— Nós sabemos o que o 39 significa, e a frase depois é fácil traduzir: “Estou com você e você está comigo e assim estamos todos juntos” — disse Dan. — Ela estava reunindo informações sobre as pistas. Talvez isso tenha a ver com o nosso próximo destino. Talvez ela fosse nos dar isto... pra nos ajudar!

Os olhos de Amy ficaram marejados.

— Ela estava do nosso lado, Dan. Isso não é justo! Por que ela não disse nada? Ela só estava fingindo ser malvada, ou será que mudou de opinião?

Dan tentou sorrir:

— Típico de uma Lucian, né? Dissimulada e imprevisível.

— Não acredito que você falou isso! — Amy ralhou, ríspida. — Ela salvou nossas vidas!

— Ei — disse Dan. — Eu só estava brincando...

— Os Lucian são mentirosos — Amy continuou num tom de zombaria meio monótono. — Os Tomas comem cacos de vidro no café da manhã, os Ekaterina são inteligentes e podem construir um computador a partir de unha do pé, os Janus escrevem livros dormindo, blá-blá-blá Você realmente acha que tudo isso é verdade, Dan? E a gente? Não somos parecidos com nenhum deles. Mas pertencemos a um desses clãs.

Amy estava tendo outro chilique. Ela precisava dar uma relaxada. Dan pegou Saladin do chão e virou o rosto do gato para ela, imitando uma voz felina:

— E a que clã pertenço eu, o coral oso Saladin? — Dan ronronou. — E-CÀT-erina? To-MIAU?

Amy virou e saiu andando, como se não tivesse nem escutado o irmão.

O barco deu outra empinada brusca e Dan sentiu suas entranhas dançarem. Ele soltou um arroto involuntário.

— *Uoooooooou AAAAAAAHHHHHHHH... enfia dois dedos na minha goela pra tirar meu coração... pra provar que me ama, baby...!* — Segurando seu iPod, Nellie saiu pela escotilha e veio mancando na direção deles, como uma criatura feita com partes de outros corpos. Era um movimento que Dan e Amy reconheciam como dança. Tirando os fones de ouvido, ela ergueu o rosto para o céu e deixou que a chuva batesse nele por alguns segundos.

— Uhu, isso é melhor que limpeza de pele! — Nellie gritou, correndo para se juntar a Dan e Amy embaixo do toldo.

— Se você esperar — disse Dan —, daqui a pouco rola um tratamento de lava.

Ela sacudiu os cabelos para secá-los e se apoiou na parede.

— Vocês estão bem? Lá embaixo, tive uma longa conversa com o seu tio. Ele me contou todos os detalhes. O que aconteceu ontem à noite.., o que vocês viram... deve ter sido barra-pesada pra duas crianças.

— Pra qualquer pessoa — disse Dan, fazendo que sim com a cabeça.

Amy continuou andando à deriva, mal notando a presença de Nellie.

— I'm with you and you're with me and so we are all together... — Amy murmurou para si mesma.

Nellie caiu na gargalhada:

— O que você disse?

— É uma anotação bizarra — Dan começou a falar. — Estava no...

— Nada! — interrompeu Amy, virando-se para eles. Encarou Dan com um olhar inconfundível: Não podemos contar para ela. Não podemos mais confiar nela.

Dan a fitou de volta, meio perdido. Se não confiarmos na Nellie, ele disse com os olhos, como vamos nos virar? Quem vai dirigir pra gente... e pagar a comida e as passagens de avião, e encobrir o fato de que somos dois menores de idade percorrendo o mundo sozinhos? Precisamos contar para ela!

Dan respirou fundo e evitou o olhar incisivo da irmã:

— Certo. Nós vimos que você tinha um monte de e -mail protegidos por senha.

— Dan! — Amy gritou.

— Eram de uma pessoa chamada clashgrrl — Dan continuou desembuchando. — O assunto era “Relatório” ou algo assim. E também vimos uma mensagem de texto. “Não deixe que eles se afastem.” Além disso, achamos estranho que uma pessoa que sabe pilotar um avião precise trabalhar como *au pair*.

— Opa. Vocês me espionaram? — perguntou Nellie.

— Não é bem assim... — Amy começou a falar.

O trovão ecoou outra vez. O barco se inclinou. Dan, Amy e NeIlie agarraram as barras de metal que sustentavam o toldo.

— Seus xeretinhas! — Nellie praticamente precisou gritar para ser ouvida por causa da chuva. Ela balançou a cabeça e deu de ombros. — Bom, pelo menos vocês são honestos. 0k, querem mesmo saber? Clashgrrl?

Essa é minha amigona da escola. Nós falamos sobre tudo. Tipo, coisas que não deviam ser lidas por pirralhos intrometidos, sabe? Além disso, ela é gerente de informática, é totalmente nerd. E pro seu governo, ela acha que estou nos Estados Unidos, e com “não deixe que eles se afastem” ela quis dizer os dois CDs de fotos que ela me deu para esconder do namorado, por motivos que não quero contar a vocês, muito obrigada. E o motivo pra eu ainda não ser, tipo, uma piloto de verdade é porque meu pai enfiou na cabeça maluca dele que eu preciso fazer 25 anos antes de sequer pensar em pilotar comercialmente. E é por isso que vocês deram tanta sorte de ter alguém como eu. Alguma outra pergunta?

Dan sentiu-se um idiota completo. Amy estava roçando os pés um no outro, olhando para o convés.

— Foi mal — Dan gemeu.

— Confiança é uma coisa complicada — disse Amy.

—Aceito suas desculpas—disse Nellie, olhando para Dan com um olhar de expectativa. — Agora é sua vez.

— 0k — disse Dan. — Isso que a Amy disse... “I’m with you and you’re with me”... é uma mensagem que a Irina deixou. Provavelmente um código, eu acho.

Nellie riu.

— Fala sério! A Irina disse isso? — Ela começou a percorrer a lista de músicas do iPod.

— Você sabe o que é? — Amy perguntou, incrédula.

— *Voilà*! — disse Nellie, mostrando a tela do ipod.

Dan espremeu os olhos e leu na capa do álbum:

— Velvet Cesspool...

— A melhor banda de todos os tempos! — Nellie contorceu o tosto numa expressão de dor e começou a cantar:

I'm with you and you're with me!
And so we are all together!
So we are all together! So we are all together!
We are marching to Peoria! Peoria! Peoria!
We are marching to Peoria!
Peoria, hoo-RARRRRRRAAAAGGGGHHHHHHHHHHHH!

— HÃ? — Dan coçou a cabeça. — Eu achava que a Irina curtia mais, tipo, música russa de igreja, uma coisa bem fúnebre.

Nellie estendeu o iPod para Amy:

— É do álbum Amputation for Beginners. Terceira música, "The Tracks of My Spit". Vai, ouve.

Amy colocou os fones de ouvido. Por um instante, seu rosto ficou todo franzido como se estivesse chupando limão, cena que Dan achou divertida de assistir. Mas logo ela sorriu e falou:

— Dan, você não entendeu? Nossa próxima parada está na letra da música! Era isso que a Irina estava tentando nos dizer, mas não teve chance de terminar. Está bem aqui no final do verso... o lugar para onde eles estão marchando na música!

Dan deu um soco no ar.

— UHUUU! Tchau, tchau, Jacarta, olá... — A voz dele foi sumindo e sua expressão murchou de repente. — Peoria? Lá nos Estados Unidos, em Illinois?

— Bom, ninguém disse que todos os antepassados da família Cahill precisavam morar em lugares exóticos — respondeu Amy. — Aposto que Peoria é uma cidade legal.

Atrás deles a escotilha se abriu de repente e tio Alistair saiu mancando na chuva. Estava corcunda e sonolento e trazia um guarda-chuva junto com a bengala.

— Meu Deus, que tempestade — ele disse, andando depressa até o toldo. — Mas confesso que dormi a maior parte do tempo, até ouvir esses gritos pavorosos...

— Eu estava cantando, Ai — retrucou Nellie.

— Sim, bom, eu não estou exatamente a par desses novos estilos — continuou Alistair. — Mas, hã, essa letra... Tem uma música que lembro do clube glee de Harvard. O curioso é que quem nos trouxe a canção foi um estudante muito inteligente, ele era de...

Outro relâmpago cortou a escuridão funesta do céu com um branco azulado. Como se estivesse apenas esperando uma deixa, o mar começou a subir a estibordo. Dentro da cabine Arif gritava, mas sua voz era abafada pelo som violento da chuva.

— O que ele está dizendo? — berrou Dan.

Alistair observou a neblina lá fora.

— Talvez seja nós temos companhia em indonésio!

Uma luz vermelha vinha piscando na direção deles.

— A polícia... — disse Dan.

— Por que eles iriam suspeitar deste barco? — perguntou Amy. — Eles estão procurando a lancha que a Nellie pegou!

O motor do barco, que até então rugia para vencer a força da tempestade, agora começava a desacelerar. Arif saiu pela porta da cabine, com os braços erguidos.

— Ele vai entregar a gente! — Dan gritou.

— É claro — disse Alistair. — Se eles nos capturassem, ele seria cúmplice de uma fuga. Se ele nos entregar, será um herói.

Nei lie entrou correndo pela porta da cabine.

— Todo mundo pra dentro, agora! — ela gritou por cima do ombro. —

Vão!

Antes que eles tivessem tempo de reagir, Nellie já estava sentada diante dos controles, O motor ganhou velocidade.

A proa se ergueu e o barco foi inclinando para a direita. Alistair agarrou uma pilha de coletes salva-vidas.

— Vistam isso! — gritou, jogando coletes para Dan, Amy e Nellie.

Dan vestiu seu colete depressa e protegeu Saladin em seus braços. Ele tentou chegar à escotilha, mas Nellie estava virando o barco num ângulo muito fechado. Ele, Amy e Alistair foram tropeçando na direção da popa.

Nellie conseguira fechar a cabine com um estrondo. Do lado de fora, Arif gritava, esmurrando a porta.

— Tudo a bombordo, Nellie... não é pra esse lado! — Alistair gritou pela janela da cabine. — Vai ser raso demais!

A lateral do barco levantou a estibordo e os joelhos de Dan dobraram. Ele escorregou no convés, segurando Saladin com força. Alistair, tentando ficar de pé, perdeu o equilíbrio. Girando os braços, foi cambaleando para a lateral do barco. Amy agarrou o braço dele, porém esse peso a mais só serviu para aumentar o impulso.

O convés ficou ainda mais empinado. Dan esticou os braços para se proteger junto à amurada, que continuava descendo, chegando mais perto da água.

Alistair e Amy caíram em cima dele, acertando-o de lado. Ele soltou Saladin.

O grito do gato foi a última coisa que Dan ouviu antes de ele e Saladin mergulharem no mar de lava.

CAPÍTULO 4

— SALADIN! — GRITOU DAN QUANDO SUA CABEÇA SURGIU ACIMA DA superfície da água.

O gato se debatia com o pelo encharcado grudado no rosto. Seus olhos estavam imensos, como se tivessem dobrado de tamanho. Ele parecia estar apavorado.

— Dan... nade até a praia! —berrou Amy. Ela estava à direita dele, nadando cachorrinho. — Estou vendo. Não estamos tão longe!

— Saladin! — repetiu Dan.

— Pelo amor de Deus, deixe o gato! — Alistair gritou.

— É só um bicho!

Dan enxergou dois vultos vindo em sua direção, um grande e um pequeno. Um deles era o barco, balançando para os dois lados enquanto Nellie se esforçava para vê-lo por cima do volante. O outro era Alistair, nadando com braçadas lentas e regulares, de algum modo conseguindo segurar a bengala.

Dan nadou mais rápido. Não queria que ninguém o agarrasse na água. Não antes de alcançar Saladin.

— Peguei! — Quando ele segurou o gato e o puxou para perto de si, o bicho gemeu e arranhou. — Calminha amigo...

Uma onda bateu em seu rosto. Ele se deixou erguer com ela, tentando não engolir água. Tentando não soltar Saladin.

Onde estava a praia?

Na descida da onda, Dan olhou desesperado ao redor, procurando algum ponto de referência. Através da chuva, enxergou uma luzinha que piscava. E começou a nadar, segurando Saladin com força. Em pouco tempo, Alistair estava do seu lado.

— Muito bem, Daniel! — ele gritou.

— *Prrrrrraaaaaauuuuuurrrr!* — Saladin gemeu.

Amy estava logo à frente dele. O barco tinha morrido. Nellie e Arif agora estavam perto da amurada, discutindo em duas línguas diferentes. Nellie estava vestindo um colete salva-vidas e preparando-se para pular.

Uma onda quebrou sobre Dan e ele engoliu água. Ele podia sentir o líquido enchendo seus pulmões. Era exaustivo nadar com uma mão só, mesmo de colete salva-vidas. A água do mar espirrando em seus olhos o cegava...

E então ele deu uma cabeçada no joelho de Amy.

— RRRAAAAU. — guinchou Saladin.

Dan baixou os pés e sentiu a areia embaixo deles.

Saladin tremia. Seu peito batia forte e depressa. Dan ficou de pé, aninhando o gato nos braços. Olhou para trás à procura do barco da polícia, mas não viu nada além de neblina e chuva. Nadando contra a arrebentação, Nellie berrou:

— Estou logo atrás de vocês!

— Você está bem? — Amy perguntou a Dan.

— Tranquilo — ele disse, confirmando com a cabeça. — Valeu. O Saladin também.

Enquanto ele assistia Nellie ficar de pé na parte rasa, uma luz branca vinda da praia o cegou por um instante. Dan cobriu os olhos de Saladin enquanto a luz se movia até Amy, depois até Nellie. Por fim, o facho parou em Alistair.

Uma mão saiu da névoa, agarrou Dan e o puxou para a praia. Outros dois braços prenderam Nellie e Amy.

— *Itu dia!* — uma voz gritou.

A voz de Alistair, abafada porém nervosa, se fez ouvir em meio ao tamborilar da chuva:

— Por obséquio, senhores policiais, me soltem! Isto é um equívoco!

— *Ikuti kami!* — retrucou a voz.

Dan virou de costas e viu um dos policiais algemar Alistair e o arrastar para uma van. Dan sacudiu o braço para se libertar e correu na direção deles.

— Fique aí, Dan! — Alistar gritou para trás. — A Isabel deve ter me incriminado pelo incêndio! Talvez eu consiga reverter isso a nosso favor... mas só se você não criar confusão! Deixe que eu cuido disto.

— Mas... eles não podem fazer isso! — Dan gritou de volta.

Um dos policiais se virou para Dan.

GIup. Dan engoliu as outras palavras de protesto. Aninhou Saladin no peito e recuou.

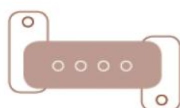
— Dan, não se mexa—ordenou Nellie. —Vocês dois, fiquem em segurança!

Pelo canto do olho, Dan enxergou o barco flutuando bem perto da praia. Arif ainda estava a bordo, falando em voz baixa num celular.

O policial olhou feio para cada um deles e começou a apontar.

— *Tetap di situ!* Você, você, você, você... ficar!

Então, latindo uma ordem, ele enfiou Alistair na van e fechou a porta. Depois sentou no banco do motorista e eles desapareceram na neblina.



— É uma acusação falsa — disse Nellie. — Duvido que cole. Ele vai ser solto rapidinho.

— Por que a Isabel iria incriminar justo ele? — perguntou Amy.

Dan concordou com a cabeça, trocando a gaiolinha dó gato da mão direita para a esquerda.

— Mas era a gente que ela queria matar. Isso não faz sentido

— Acho que ele está segurando uma bomba por vocês — disse Nellie. — Vocês estão devendo um favorzão pra ele.

Os sapatos encharcados de Amy faziam barulho quando os três entraram se arrastando na cidade, vindos do cais. A chuva parou tão de repente quanto tinha começado, e o resto da manhã foi agradável. Depois que Alistair foi levado embora, eles conseguiram recuperar as bagagens no barco, porém estava tudo ensopado — menos o computador de Dan, que tinha sido embrulhado em plástico, bem ao estilo Dan Cahill.

Alistair não saía da cabeça de Amy, mas ela não queria admitir o que estava pensando: que não se importaria nem um pouco se o tio ficasse um tempão preso na Indonésia.

Devendo um favorzão para ele? Até onde Amy sabia, Alistair podia muito bem ter encenado tudo aquilo. Só para escapar outra vez.

Nós demos a pista para ele. Confiamos nele.

Como ele fez isso? E como eles acabaram confiando num cara...

Um cara que estava na nossa casa na noite do incêndio e não fez nada para impedir isso.

— Não devemos nada pra ele — Amy rosnou.

Dan olhou para ela, espantado:

— Ei, o Alistair estava disposto a morrer por nós ontem à noite.

— Acho que ele está tramando alguma coisa — disse Amy. — E talvez a Isabel ainda esteja atrás de nós. — O sol bateu em seus olhos. Ele agora brilhava por trás das árvores, salpicando as calçadas escurecidas pela água, como se uma noite já tivesse se passado e já fosse o dia seguinte. Logo adiante, ela viu táxis zunindo numa rua movimentada. — Vamos reservar um voo e ir embora daqui.

Nellie suspirou:

— 0k, sem problema. Um dos meus cartões já era, mas posso usar o resto do outro. Me lembrem de jogar na loteria quando chegarmos em Peoria.

— Peoria... — murmurou Dan. — Não tenho nada contra esse lugar, mas vocês não têm medo de a gente estar enganado sobre isso?

— Ei, nós deciframos a mensagem — disse Nellie. — Além disso, tem dois buscadores de pistas que conhecem a música. Irina escreveu a letra e Alistair cantou no clube glee de Harvard. Tudo se encaixa, cara.

— Glee é um nome antigo pra corais de escola — Amy disse. — O papai e a mamãe cantavam no clube glee da faculdade deles. Quando nós éramos pequenos, os amigos deles iam lá em casa cantar a capella. Música sem instrumentos, sabe? Um cara trazia uma partitura. A Grace às vezes vinha assistir. Eu adorava ouvir aquilo. Principalmente algumas das canções incríveis em alemão e francês.

— Faz sentido que você goste de coisas chatas — disse Dan.

Em sua memória, Amy ainda via os homens e mulheres de pé na velha sala de estar com seus óculos de leitura na metade do nariz. Ela ainda lembrava as letras enfeitadas dos títulos das músicas impressos na partitura...

E naquele instante, ela soube exatamente qual era a próxima coisa a fazer.

Um pouco mais adiante na rua havia um prédio baixo de tijolos marrons com bandeiras tremulando dos dois lados da porta da frente. As palavras *Perpustakaan Umum* estavam entalhadas em mármore acima da entrada e, embora fossem completamente desconhecidas, Amy sentiu que sabia exatamente que prédio era aquele.

— Podemos parar um pouquinho aqui?

Dan estava começando a ficar pálido.

— Ah, essa foi boa. Uma biblioteca, né? Só pra me irritar. Afinal não tem nenhum motivo pra gente entrar numa biblioteca. Certo? Quer dizer, a gente não precisa pesquisar sobre Peoria, precisa?

Amy começou a andar na direção do prédio:

— Não é sobre Peoria. É sobre outra coisa.

— Isso não tem graça, Amy! — Dan gritou enquanto ela abria as portas pesadas de latão. — Amy... Amy?

CAPÍTULO 5

ALISTAIR OH NÃO TINHA NADA CONTRA BRACELETES DE METAL, porém algemas deixavam marcas desagradáveis na pele.

Enquanto a van da polícia sacudia numa estrada a oeste de Jacarta, ele ajeitou a algema cuidadosamente para que ficasse por cima do punho de sua camisa de algodão egípcio. Esse tipo de coisa era uma boa distração do caos em sua mente. Nada mais fazia sentido... Como Irina Spasky podia estar morta? Por que ela tinha salvado ele e as crianças?

Alistair só tinha conseguido assistir, descrente. Tinha sido um covarde, da mesma forma como fora sete anos atrás...

Não pense nisso agora.

Ele precisava manter a mente limpa. Havia problemas mais imediatos.

O veículo deu um tranco ao passar por um buraco e Alistair ouviu um gemido de reclamação vindo da frente. Da pessoa que o incriminara. A pessoa que ele, muito ingênuo, tinha imaginado ser Isabel Kabra.

No banco do passageiro da frente, um velho senhor esquelético que ele conhecia bem virou seu corpo rígido.

— Está muito desconfortável, Alistair? Você até que parece bem para alguém que morreu no Parque de Bukhansan.

As palavras de Bae Oh feriram Alistair como uma lamina enferrujada.

Ele encarou o tio, tentando detectar um resquício de sentimento em seus olhos cor de aço.

Quando criança, Alistair tinha medo de Bae, desde o dia em que o velho o recebeu sob custódia. O que aconteceu imediatamente depois do misterioso assassinato de Gordon Oh, pai de Alistair.

Bae era o segundo na fila de sucessão para a liderança do clã Ekaterina. A única pedra em seu caminho era o irmão, Gordon. No funeral de Gordon, Bae parecia estar soluçando. Alistair só tinha 5 anos, mas nunca se esqueceu de que olhou para as bochechas do tio e percebeu que estavam totalmente secas.

Os inocentes choraram. Os culpados fingiram.

— Meu tio, devo parabenizá-lo por seus dotes de ator — disse Alistair. — Eles evoluíram desde que eu era criança. Você convenceu o polícia de que eu comecei o incêndio?

— Não consigo compreender sua hostilidade para com a minha pessoa, Alistair — respondeu Bae. — Eu tenho coração, você sabe. Seus obituários nos jornais de Seul me comoveram e fiquei exultante ao descobrir que você estava vivo. Mesmo após aquela ceninha no meu escritório, que aliás me deixou perplexo, devo acrescentar. Já lhe ocorreu que você está sendo injusto comigo?

— Interessante você alegar isso quando estou aqui preso numa viatura de polícia — rebateu Alistair.

— Uma coisa de cada vez — disse Bae. —Talvez você queira me contar como sobreviveu ao desabamento.

— A vida precisa guardar alguns mistérios, não acha? — respondeu Alistair. — Você com certeza tem os seus.

Bae deu um suspiro.

— Tentei adestrá-lo a vida inteira, Alistair. Você tinha tanto potencial. Achei que poderíamos dividir as incumbências da liderança do clã Ekaterina... eu como líder, você como meu sucessor. Por que você nunca assumiu a responsabilidade? Ficou perdendo seu tempo com essas malditas crianças americanas. Eu não lhe ensinei nada, meu filho?

— Eu não sou seu filho — disse Alistair por entre os dentes cerrados.

— Sou filho de Gordon Oh.

Bae baixou a cabeça por um instante.

— Gordon, meu caro Gordon... ele murmurou.

Conte para ele, pensou Alistair. É hora de confrontá-lo.

Por que era tão difícil enfrentar Bae? Alistair tivera a oportunidade de fazê-lo depois do desabamento. Tinha entrado escondido no escritório de Bae e afugentado sua secretária.

Eu estava a sós com ele, mas fui embora. Não fiz nada.

Ele não vai mais me amedrontar.

— Eu achei a carta — falou Alistair com calma, respirando fundo. — Você a escreveu no papel timbrado das indústrias Oh em 1948. Uma carta a respeito de um pagamento pelo assassinato do meu pai.

Bae arregalou os olhos:

— Era um pagamento para o motorista!

— Cinco mil dólares para levar uma pessoa de um ludo ao outro da cidade... no exato dia em que meu pai foi assassinado? — disse Alistair. — Com a ordem de "destruir a carta imediatamente"?

— Foi um pagamento total para a empresa de limusine por vários meses de serviço. E para seu governo, era nossa rotina destruir toda a correspondência! — Bae olhou chocado para o sobrinho, balançando a cabeça devagar. — Francamente, Alistair, você me surpreende.

Alistair, você me surpreende...

Alistair, você me decepciona...

Alistair, como você conseguiu ser expulso da faculdade... DE NOVO?

Alistair afastou as lembranças que pareciam nunca se dissipar, por mais velho que ficasse. Ele estava deixando Bae penetrar em sua alma outra vez. *Ele vai mentir na sua cara porque sabe que você vai perder o controle, Alistair disse a si mesmo. E então, mais uma vez, estará nas mãos dele.*

Alistair enfrentou o olhar do tio.

— Como vou confiar em alguém que mente para a polícia sobre o próprio sobrinho? — perguntou. — Você sabe que não fui eu quem armou o incêndio e nunca vai conseguir fazer essa acusação colar.

Abrindo o sobretudo, Bae pôs a mão numa grossa carteira de couro que despontava de um bolso interno.

— Tenho meios para decidir o que cola e o que não cola. E posso ser convencido a usar essa influência a seu favor.

Alistair riu.

— Mentiras e subornos, como sempre...

— Diferentemente de você, Alistair, eu dou valor à verdade — afirmou Bae. — Você é um Ekaterina. E no entanto esconde a verdade de mim, seu antigo tutor e líder de clã. Você só precisa me dar o que me deve... a verdade sobre o que ocorreu naquela ilha, e tudo o que você sabe sobre as descobertas de Robert Cahill Henderson.

— Eu... nunca... vou...

— Cuidado com a pressão, meu filho — disse Bae. — Seus anos como magnata falido da indústria alimentícia castigaram seu corpo. Burritos de queijo em excesso enfraquecem o coração.

Alistair fechou os olhos por um breve instante e lembrou de uma coisa que seu pai havia lhe dito, uma frase e ele nunca tinha entendido quando criança: Silêncio é força. Ele respirou fundo e depois olhou com calma para Bae Oh.

— E então? — perguntou Bae.

Alistair de repente caiu para trás no assento. Ele leve uma convulsão e depois outra. Lutou para respirar, debatendo-se como um louco, puxando o braço algemado do policial.

O carro agora estava dando uma guinada, em direção à beira da estrada. Os pneus cantaram. Enquanto o policial no banco de trás tentava imobilizar Alistair, o motorista dava meia-volta.

— Continue! — gritou Bae. — Não temos tempo! AGGHH... GLLLLURGHHHH! — Alistair cuspiu. Sacudindo violentamente o tronco, ele sentiu sua cabeça bater no teto e depois desabou, inerte, no banco de trás.

CAPÍTULO 6

MOFO. PAPEL PODRE. AMY SORRIU. NÃO HAVIA NADA MAIS inebriante do que o cheiro de livros velhos.

Numa salinha de biblioteca com ar-condicionado em Java, ela pôs na mesa uma pilha de livros de música dos arquivos da biblioteca. Eram pesados e fizeram um som reconfortante ao bater na mesa. A mochila molhada de Amy tinha criado uma pequena poça no chão. Uma jovem bibliotecária veio correndo com uma toalha para proteger os assentos de tecido das roupas encharcadas. Ela franziu a testa, fazendo uma leve reprimenda em indonésio.

— Obrigada — disse Amy. — D-d-desculpa.

Encabulada, ela se concentrou nos livros, abrindo primeiro o do topo: Glees, cantigas marinhas, hinos de guerra, madrigais e motetos. No verso da capa havia um selo: o livro tinha sido doado por um ex-aluno de Harvard da região.

Mal ela abriu o livro, ouviu um tumulto perto da porta. A bibliotecária e Nellie estavam perseguindo Saladin por toda a sala. Dan vinha emburrado atrás delas. Ele encolheu os ombros para Amy.

— Foi mal... levei ele pra jantar e tomar um banho. Agora está todo

arisco.

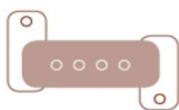
— Peguei! — exclamou Nellie, agarrando Saladin pela coleira.

Enquanto Nellie levava o gato para fora, Amy virou para o irmão:

— Como está o Saladin?

— Está bravo — disse Dan. — Depois do banho, achamos um cybercafé. Olhei um fórum de criadores de Mau Egípcio e, ops, não tem salmão nessa área. Ele teve que comer atum.

Mas Amy não ouviu uma palavra do que o irmão havia dito. Estava ocupada demais olhando para o título de uma canção na página 47.



A menos de cem quilômetros de distância, numa rodovia em frente ao aeroporto, Bae Oh via seu sobrinho à beira de uma parada cardíaca.

— Ttttiii... Ti... Tio... — chamava Alistair.

O motorista estava ajoelhado sobre Alistair, falando em tom de urgência num celular enquanto tentava imobilizar o sobrinho de Bae. O policial que estava preso a Alistair mexia nas chaves das algemas.

— Por misericórdia, homem, faça alguma coisa! — gritou Bae.

Alistair ergueu suas mãos trêmulas. Estava engasgando, seu corpo se retorcia. Vê-lo daquele jeito deixou Bae chocado. Alistair sempre tinha se portado com dignidade. Tinha sobrevivido a explosões mortais e enormes desabamentos sem desarrumar um fio de cabelo.

Era irônico pensar que ele seria vencido pelo próprio coração.

E nada do que se orgulhar, pensou Bae, nada além de uma vida *jogada no lixo. A faculdade, os negócios e agora a saúde: Alistair fracassou em tudo. Se ao menos não tivesse sido tão mole. Tão ignorante no uso do poder. Tão disposto a pôr os outros em primeiro lugar. "A faculdade tem uma competição desnecessária, tio..."" Quero ter minha própria empresa para alimentar as pessoas a preços razoáveis, tio..."* A esta altura, ele podia ter virado alguma coisa no clã Ekaterina. Em vez de ser um problema constante.

Ah, enfim, pensou Bae, observando a vida se esvair de Alistair. Muitas vezes os problemas têm soluções inesperadas.

O policial finalmente abriu a algema. Quando ela caiu, o braço de Alistair despencou no leito da estrada com um baque forte. Os policiais ficaram perplexos.

— *Mati?* — um deles perguntou em voz baixa.

Morto, traduziu Bae em silêncio.

Ele se escorou na van da polícia. Os olhos de Alistair estavam abertos e imóveis. Olhos acusadores. Em repouso, ele parecia com o pai.

— Gordon... — sussurrou Bae.

Para Não é o Gordon. É o menino.

Lutando para ficar de pé, Bae avançou mais para dentro do acostamento, afastando-se do barulho do trânsito. Apoiado na bengala, falou em seu celular.

— Alô... estou ligando para comunicar a morte natural de Alistair Oh...

— AAAAAGHHHH! — Ao som do grito de um policial, Bae voltou correndo para o veículo.

Os dois policiais estavam estirados no chão, contorcendo-se de dor. Alistair Oh estava de pé entre eles, limpando a poeira da roupa. Virou-se paró Bae, acenou alegremente com a cabeça, depois recolheu a bengala de Bae do chão.

— Você deixou cair isso, tio?

Bae estendeu a mão.

— Mas... mas você estava...

— Posso ter sido expulso de Harvard, mas tirei nota máxima em artes dramáticas — disse Alistair, abrindo o topo da bengala de Bae e revelando uma coleção de pequenos interruptores pretos. — Opa, o que é isso aqui?

Bae se jogou para a frente.

— Não, Alistair, você não sabe o que está fazendo!

— Observe — disse Alistair. Ele brandiu o cabo da bengala na direção de Bae, soltando uma nuvem preta de gás-pimenta.

Bae caiu na estrada, num acesso de tosse. Nisso, torceu a perna.

Ouviu um estalo abaixo do joelho. A dor se alastrou a partir da perna, infiltrando-se nos pulmões, e ele sentiu como se seu corpo fosse explodir.

Gritou, lutando para não perder a consciência.

Alistair se aproximou, de bengala erguida.

— Você parece aflito, meu caro e piedoso tio.

Respire. Olhos abertos. Foco. Bae encarou seu sobrinho. Alistair tinha a chance perfeita. Bastava um único golpe na cabeça.

— AAÃGHH! — Alistair ergueu a bengala sobre a cabeça.

Bae fechou os olhos. Ouviu uma batida seca no chão. Sentiu suas mãos sendo puxadas para cima. Suas costas escorregando na grama. Uma algema se fechando ao redor de seu pulso com um ruído metálico. Outra se fechando na maçaneta do carro.

Por sobre o som de seus próprios gritos, ele notou vagamente uma sirene de polícia ao longe cortando o ar. E a voz de seu sobrinho, ficando cada vez mais fraca.

Alistair estava cantando.

— I'm with you and you're with me and so we are all together...

CAPÍTULO 7

O AEROPORTO INTERNACIONAL DE PEORIA TINHA SUA COTA DE MÃES e crianças entediadas. Mas poucas delas possuíam um arsenal de venenos guardados em frascos de xampu, o que deixou lan Kabra bastante orgulhoso.

O fato de os irmãos Cahill terem perdido o voo estragou um pouco as coisas. Para não falar nos uniformes de aeroporto que os Kabras estavam vestindo.

— Não acredito que precisamos ficar com essa aparência tão... tão... — gaguejou Natalie Kabra.

— Proletária? — disse lan, cuja camisa de segurança de empresa aérea já estava lhe dando coceira. — Lembre o que nossa mãe disse. Não é mais tão fácil se infiltrar entre funcionários de aeroporto. Agradeça a nossos contatos entre os Lucian.

— Não vou nem falar desses crachazinhos em forma de avião — resmungou Natalie.

— Querem fazer silêncio, vocês dois? — Isabel Kabra chamou a atenção dos filhos enquanto eles dobravam uma esquina, andando em direção à sala dos funcionários do aeroporto. A aba do chapéu em que se lia SUPERVISORA não escondia a raiva em seus olhos enquanto ela

sussurrava no celular: — Arif, *fale devagar.*

Meu indonésio é excelente, mas não é perfeito... Sim, eu sei que você foi mais esperto que eles... É claro que eles não suspeitaram que você falava inglês, é justamente por isso que nós lhe pagamos tão bem... Sim, eu vi os nomes deles na lista de passageiros para Peoria, mas eles não estavam nos assentos deles, Arif! ... Ah, você tem informações sobre o próximo voo.., três horas? Bom. Vamos torcer para que os dois estejam nele. E, Arif... melhor você torcer também.

Ela fechou o celular, com o rosto corado.

— Então certo, que boa notícia! *Hakuna matata*, etc. — disse Ian, alegre. — Vamos descansar e ter um bom tempo para jantar enquanto esperamos. — Ele olhou em volta e viu as várias opções de *fast-food* de aeroporto. — Bom, hã... vamos descansar...

— *Três horas... aqui?* — Natalie arrumou seu colarinho engomado. — Até ontem era Tóquio, Paris, Viena, Seul, Sydney e Java. Eu tinha tanto respeito pela escolha de locais dos Cahill. Mas... oh, francamente, mãe. Vir sacudindo nesse teco-teco até P-Peo... — Seu rosto ficou verde. — Com licença, não estou passando bem.

Ian observou a irmã sair correndo;

— Ela até que tem uma certa razão.

— Razão de reclamar do lugar? — Isabel virou subitamente para o filho. — Depois que essas crianças escaparam de nós na Indonésia? Duas vezes? O que isso lhe diz, lan?

— Que eles são sortudos? — arriscou lan.

— Essas crianças — disse a mãe dele — são nossos únicos adversários de peso.

lan soltou uma risada estridente:

— Essa foi boa, mãe!

— Você está rindo de mim, lan?

— Não. — lan desmanchou o sorriso. — Então é possível, mãe, que eles tenham voado para algum outro lugar?

— Lembre-se de quem está guiando os dois — respondeu Isabel. — Aquela babá de brinco no nariz acoplada a um iPod. Me espanta que eles

consigam pegar algum voo na hora certa. Virão no próximo que conseguirem. Lembrem-se, nosso pequeno acordo com Bae Oh permitiu que nos livrássemos de Alistair. Aqui em Peoria, eles estarão sozinhos. Para eliminá-los, não pode haver incertezas. Essa é a lição que aprendemos na Indonésia.

Ian concordou com a cabeça.

Não questione sua mãe, ele disse a si mesmo. *Não quando ela está nesse estado.*

Mesmo assim, era uma pena atacá-los com tanta [orça. Principalmente a menina, Amy. Ele nunca conhecera alguém como ela. Tímida. Delicada. Com um excitante toque de hostilidade. Tão diferente das meninas de Londres... Elas se jogavam em cima de lan tanas vezes, que os motoristas dele precisavam até andar com kits de primeiros socorros.

Será que ela não entende? Ela não é inteligente o bastante para desistir da busca?

O problema era o menino e a *au pair.* Ele era um esquentadinho em tamanho de amostra grátis. Ela era uma coleção de piercings e hábitos porcos. Se ao menos Amy e Dan tivessem ficado presos na caverna em Seul por tempo suficiente para perderem a coragem... Por que aqueles dois enfrentavam a mãe dele?

Eles não sabem como é morar com ela.

— Tem toda a razão — disse lan. — Eles estão pedindo. Tomara que não escutem o cérebro do grupo.

— E quem seria o cérebro do grupo...? — perguntou Isabel.

lan desviou o olhar.

— Bom, a irmã, eu diria. Amy.

Ele sentiu um sorriso surgindo em seus lábios.

— lan? — A mãe agarrou o pulso dele. — Se você está por acaso começando a pensar em...

— Mãe! — lan sentiu o sangue irrigando seu rosto. — Como você pode chegar a suspeitar que...?

— Mãe! lan! — Natalie saiu correndo do banheiro. Parecia ainda mais

enjoada do que antes. — Acabei de receber uma mensagem da Reagan Holt!

— Isabel Kabra pareceu escandalizada:

— Você mandou uma mensagem para um Tomas?

— Não! Ela hackeou meu celular. — Chocada, Natalie olhou para a tela em sua mão e começou a ler. — "Obg, Nat. Conseguimos descobrir pra onde a Amy e o Dan estão indo, gracas ao seu celulam"... Credo, não sabe nem escrever! ... "graças ao seu celular. Estamos na cola deles e, se sentirmos cheiro de Lucian, FIQUEM ESPERTOS. Xau. Reagan."

lan resmungou. Os Holt eram uma das partes mais desagradáveis dessa caçada: malvados, brutos e burros.

—Acabou o sonho de pegar os irmãos Cahill sozinhos.

— Quem sabe a gente pode pôr uma placa de "Proibido Tomas nesta área" na pista de aterrissagem — disse Natalie. — Isso vai confundir a estúpida família Holt por um dia ou mais.

— Esses palermas — Isabel falou com um sorriso tranquilo — talvez sejam bons de paraglider, mas não vao me impedir de isolar Dan e Amy aqui. E assim que pusermos as mãos neles, vamos nos divertir um bocado.

Ela tirou da bolsa um frasco verde brilhante.

lan engoliu em seco.

— É o líquido que roubamos dos Cahill em Paris! disse Natalie. — Mãe, você pegou o frasco errado!

Isabel olhou feio para a filha:

— Como o Ian com certeza percebeu, este frasco é falso. Dentro dele tem um veneno. Depois que injetarmos isso neles, os dois vão sofrer uma lenta deterioração das funções corporais, culminando numa longa internação hospitalar e depois a morte.

Isabel abriu a bolsa e revelou uma coleção de seringas hipodérmicas.

— Entendi — disse lan. — Vamos, hã, alimentá-los à força, digamos

O rosto de Natalie estava ficando verde.

— E se eles... tiverem um antídoto? — ela gemeu.

— Boa pergunta... meu Deus, foi mesmo a Natalie que falou isso? — ironizou Isabel. — Bom, sim, corre um boato de que um dos clãs criou

antídotos para os venenos dos Kabra ao longo dos anos. Sempre suspeitei que que Grace estivesse por trás disso. Mas, puxa, acho que é meio tarde para as crianças correrem até ela chorando, não é?

lan contraiu o rosto. Olhou para a irmã a fim de ver se ela concordava, mas ei a parecia muito concentrada no celular, como sempre

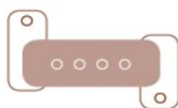
— 0k, que tal mudarmos de assunto? — disse Natalie, erguendo o rosto. — Há, algum de vocês dois sabe por que alguém pesquisaria “salmão” na internet?

— Não sei. Talvez para encontrar um bom restaurante japonês — respondeu lan.

— Meu RSS do Dan Cahill mostra uma busca poucas horas atrás... “Salmão”? — Natalie coçou a cabeça. — Para o gato deles!

Isabel agarrou o telefone tão rápido que seu chapéu ficou torto:

— Natalie... *de onde veio esse pedido?*



— Estamos em Alerta Vermelho.

O professor se sentou na hora. Ainda estava meio dormindo quando atendeu o celular.

Esse telefonema só podia significar uma coisa.

— Eles estão aqui?

— Não tenho permissão para dizer — afirmou uma voz áspera que ele bem conhecia. — Mas esse é meu último pedido a você.

Segurando o telefone com o ombro, o professor se vestiu depressa, em silêncio.

— Você sabe que eu não posso fazer o que você quer. Não sou um de vocês.

— Você deixou os Tomas...

— Eu sou um educador — o professor disse. — Acredito no poder da educação. Não precisamos ficar nos degolando. Esse tipo de pensamento prejudicou meu país, meu povo.., e a família.

Ele se ajoelhou perto do laptop e digitou a senha da rede. Descendo o

cursor pelo lado esquerdo, clicou em INFORMAÇÕES DE PASSAGEIROS AÉREOS.

Ele percorreu um índice de listas de voos.

Ali. Bem como ele suspeitava.

Correndo até o carro, ele mantinha apenas metade de sua atenção na voz do outro lado da linha.

— ... seu objetivo é exatamente o mesmo que o nosso — a voz dizia.

— Mas nossos métodos são totalmente diferentes — o professor falou alto ao dar partida no carro, para disfarçar o barulho do motor. — Não tenho prazer algum em infundir o medo. E, pelo que me lembro, você também não, anos atrás!

— Isabel Kabra matou Trina Spasky — disse a voz. — Ela está ficando irritada. E desleixada. Detectei que o telefone dela foi interceptado. Temos que nos unir. Precisamos de você.

O professor passou por um sinal vermelho em alta velocidade. Uma buzina forte soou nos seus ouvidos e ele pisou nos freios. Enquanto atravessava o cruzamento com uma guinada do carro, os motoristas atrás dele latiam palavrões.

— Como assim?... Como a Irina morreu? — ele gritou.

— Enquanto salvava a vida das crianças!

—O quê?

— *Onde você está?* — a voz perguntou de novo.

O professor desligou. *Seria mesmo possível?*

Ele encostou o carro e esperou sua respiração voltar ao normal. Precisava de foco. Para sua própria segurança. Pela segurança dos outros motoristas. E, talvez, por um fim pacífico para meio milênio de violência desnecessária.

Irina criou juízo. Irina está morta.

A perseguição estava esquentando. Lealdades estavam enfraquecendo.

Ele enfiou a mão no porta-luvas e tirou um pequeno porta-retrato. Era uma foto de um homem vestindo um traje zulu de guerra completo, penas brancas nos braços e panturrilhas. O homem usava um cocar branco e preto, portava um escudo de corpo inteiro e uma arma cortante que não

era uma espada nem uma faca. Seu rosto era esquálido e grave, sua pele preta como carvão, quase tão escura quanto o óleo de Macassar com que untava os cabelos.

O professor pôs o retrato no banco do carro. Continuou a dirigir cantando, como sempre fazia para esquecer os problemas. Em vinte minutos, chegou ao aeroporto. Mostrando seu distintivo para os seguranças, entrou pela rua de serviço que levava aos fundos do terminal.

Eles chegariam em questão de minutos.

CAPÍTULO 8

MUDAR OS PLANOS DE VIAGEM ERA UMA COISA. ENTRAR NO aeroporto de um país estranho com uma mochila molhada que fedia como um cadáver de gambá era uma história bem diferente.

— Bem-vindos à África do Sul! — anunciou a aeromoça numa voz alegre.

— Obrigada! — Torcendo para que o cheiro não fosse muito perceptível, Amy saiu correndo pela porta do avião e se juntou ao tumulto do Aeroporto Internacional Oliver Tombo.

Um dia antes, ela não teria nem sonhado que eles estariam ali. Mas a visita à biblioteca tinha esclarecido muitas coisas.

— Tomara que você esteja certa — resmungou Nellie, mal-humorada depois da desconfortável noite de sono.

— Quem peidou? — perguntou Dan.

— São nossas roupas — disse Amy.

— Nossas roupas peidaram? — perguntou Dan.

— Eu não conheço eles, senhoras e senhores — disse Nellie em voz baixa. — Nunca vi esses dois na vida...

Dan começou acorrer na direção de uma placa que dizia OLHE SEU E-MAIL/NAVEGUE NA INTERNET AQUI!

— Nellie, vou usar seu cartão de crédito, ok?

— Claro, afinal eu sou um caixa eletrônico! — Nellie pegou o braço de Amy. — Me conta de novo: por que você decidiu vir até aqui? Lembro que era uma ideia inteligente e lembro de fazer as reservas falsas para Peoria, mas eu ainda eslava meio dormindo quando fizemos isso.

Amy tirou do bolso uma cópia da partitura que encontrara na biblioteca: "Marching to Pretoria".

— É uma música tradicional, executada por corais no mundo inteiro — continuou Amy. — Incluindo o clube glee de Harvard. Era isso que tio Alistair estava tentando nos dizer; a letra verdadeira diz Pretória. Na África do Sul. É muito mais provável que Irina conhecesse a letra original. Ela estava nos dizendo para vir aqui.

Nellie estava de olho em Dan, que percorria uma tela abarrotada de texto.

— Não vá ficar muito tempo aí, amiguinho. Não sou rica, principalmente quando vocês me obrigam a comprar passagens só pra enganar os outros. E ainda vou comprar telefones pra vocês.

— Aaaaahhh! — Dan gritou, saltando para longe do computador. — Não, não, não, não!

Amy quase pulou no ar. Ela e Nellie correram na direção do computador.

— Que foi, Dan? — gritou Amy. — O que aconteceu?

— Acabei de descobrir que é difícil achar salmão fresco na África do Sul, O Saladin vai me matar.

Se havia algo pior que esperar uma gaiolinha de gato aparecer em uma esteira de bagagem, era esperar uma gaiolinha de gato e ao mesmo tempo ouvir uma palestra da irmã mais velha sobre a história da África do Sul. E Nellie tinha saído para comprar celulares e alugar um carro, por isso Dan não tinha nenhuma escapatória.

— "... Depósitos de ouro e diamantes foram encontrados" — Amy estava lendo um panfleto —, "por isso cada vez mais mineradores ingleses vieram à região do Transvaal, que era controlada pelos holandeses. As tensões acerca disso acabaram levando à Guerra dos Bôeres." Dan, foi

nessa época que compuseram a música “Marching to Pretoria”. Era sobre a Guerra dos Bôeres!

— O quê? Guerra dos Bueiros?

— Guerra dos B-ô-e-r-e-s — disse Amy. — Bôer é uma palavra holandesa que significa fazendeiro. A maior parte dos colonizadores do século XVII eram holandeses, alemães e huguenotes franceses, quase todos fazendeiros e criadores de gado. Também ficaram conheci(los como africâneres.

Dan se distraiu e deu um encontrão num homem mais velho que vestia um paletó puído e calças rasgadas.

— Desculpa — Dan gemeu, dando um salto de lado.

O homem estava com um sorriso enigmático nos lábios. Sua pele era marrom-escuro, tinha uma Cicatriz curva que percorria o queixo, e olhos verde acinzentados que pareciam dançar à luz fluorescente.

— Precisam de um serviço de carro? — ele perguntou. — Ou jovens animados como vocês conseguem se orientar na África do Sul por conta própria?

Ele entregou um cartão-postal para Dan.

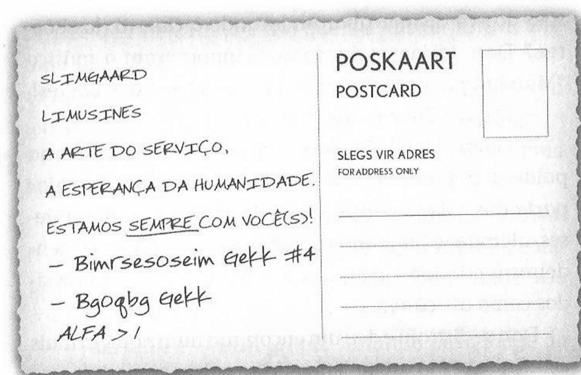
— Hã... não, obrigado — disse Dan.

— Mesmo assim, guarde o cartão — disse o homem. — Só por via das dúvidas! Nunca se sabe quando Slimgaard pode ser útil!

Quando o homem foi embora, Amy se aproximou.

— O que foi isso? — ela perguntou, ainda de olho na esteira rolante.

Dan passou os olhos no cartão:



— "A esperança da humanidade"? — disse Amy. — Um serviço de limusine com um cartão escrito à mão?

Dan virou o cartão. O outro lado mostrava a imagem de um homem africano alto portando um escudo, com um texto logo abaixo que parecia um verbete de enciclopédia.

Shaka, 1787-1 828. Fundador da nação zulu. Filho de um rei tribal zulu e de Nandi, uma mulher de outro kraal. Seu nascimento foi considerado vergonhoso; seu nome significa "parasita intestinal". Shaka e Nandi foram exilados, passando a sofrer os maus-tratos de outras tribos locais. Aos 16 anos, Shaka voltou sua ira para um leopardo que o atacava e matou o animal sozinho. Com força física e astúcia, subiu ao poder, movido pela vingança. Shaka desprezou as táticas bélicas tribais da época (o arremesso de lanças a longas distâncias) e aperfeiçoou o combate de perto com lanças curtas, de lâmina larga. Sua renomada estratégia de ataque "chifre de búfalo" ajudou a construir uma força militar que conquistou tribos locais e criou um dos remos mais poderosos já conhecidos. Embora muitos historiadores modernos condenem abertamente sua violência, Shalca é considerado o pai da Ilação zulu unida e um herói para os sul-africanos.

— Legal — Dan murmurou para si mesmo, olhando fixo para a imagem de Shaka.

— Uhu... olha! O Saladin chegou! — Amy agora eslava correndo até a esteira rolante de bagagem. Num instante, estava de Volta com a gaiolinha do gato. — Quer ser o primeiro a abrir e dizer oi?

Mas Dan não conseguia tirar os olhos da imagem cio escudo de Shaka.

— Amy — ele disse —, o que você está vendo aqui?

— Hã... o Saladin morrendo de fome e você olhando um cartão-postal turístico brega? — ela respondeu.

— O escudo dele — disse Dan. — Dá uma olhada no escudo dele.

Amy quase soltou a gaiolinha no chão... e Dan soube na mesma hora que não estava vendo coisas.

No centro do escudo de Shaka estava o brasão dos Tomas.

CAPÍTULO 9

POR UM TRIZ, AMY TINHA ESCAPADO DE SER ESMAGADA POR UM trem de metrô. Tinha fugido de desabamentos e ficado presa em tumbas asfixiantes. Porém, ficar esperando Dan sair de uma livraria era um choque que ela jamais havia previsto.

— Talvez a gente devesse procurar um médico — murmurou Nellie, entregando a Amy um celular reciclado que tinha comprado numa loja do aeroporto.

— Obrigada... bom, pelo menos ele está interessado em alguma coisa — disse Amy, guardando o telefone no bolso.

Dan estava sorrindo ao sair da livraria do aeroporto com uma biografia de Shaka Zulu.

— Valeu, vocês duas. Isso aqui é demais. Eles não tinham nada escrito pelos Gekk, mas esta parecia legal.

— Os Gekk? — perguntou Amy.

— As pessoas que escreveram o texto no cartão do Shaka — Dan mostrou o cartão-postal. — Não sei pronunciar os primeiros nomes, mas gosto do estilo deles. Ei, e como está o Saladin?

Ouvindo seu nome, Saladin arranhou a parede da gaiolinha. Era incrível quanta raiva podia estar contida em um miado.

Quando Dan se ajoelhou na frente da gaiolinha, Nellie agarrou o braço dele.

— Opa, pera!! Da última vez que você fez isso eu acabei perseguindo esse gato pela biblioteca inteira. Vocês dois precisam se comportar melhor. A funcionária da locadora de carros está de olho em mim. Já foi bem difícil convencê-la a me alugar um carro. Estou com medo de ela mudar de ideia. Ah, e toma aqui seu telefone, Dan. Não diga que eu nunca te dei nada.

Nellie pegou a gaiolinha e foi avançando pelo corredor. Dan seguiu atrás, folheando a biografia de Shaka.

— No índice não tem nada que pareça ter a ver com os Cahill. Ele só pode ser descendente do Thomas, né?

Amy fez que não com a cabeça:

— Thomas Cahill se estabeleceu no Japão. Os pais do Shaka eram membros de tribos africanas. E nenhum deles jamais tinha visto um europeu. Nunca mesmo. Shaka só foi conhecer europeus, tipo, no século XIX. Certo?

— Certo... — Dan folheou seu livro. — Um cara de uma delegação britânica... o Fynn... salva a vida do Shaka. Trata um ferimento de espada, dá remédios pra ele. Tintura de cabelo, também. Quando o Shaka vê os cabelos grisalhos sumirem, ele fica tipo, uou, eles me rejuvenesceram. É mágica! Até aquele dia, o Shaka não gostava de europeus. Agora ele percebe, opa, eles têm uma coisa de que eu preciso.

— A tintura de cabelo? — disse Nellie.

— As armas — respondeu Dan. — Então agora ele, tipo, ok, eu confio neles. O que acaba sendo uma péssima ideia.

Nellie os levou para um elevador.

— A questão é que, se ele não era descendente de um Cahill, não poderia pertencer à família — disse Amy. — Então como ele arranjou um escudo com o brasão dos Tomas?

— Numa loja de escudos usados? — respondeu Dan. — Não sei. Vamos pesquisar mais um pouco sobre ele.

— Não acredito que você sugeriu isso.

— O Shaka é divertido, não é chato — disse Dan. — Os zulus

matavam pessoas torcendo o pescoço? Crec... morreu. Empalavam inimigos em estacas, depois plantavam elas que nem árvores! O Shaka era um gênio. Tipo, pra que ficar arremessando lanças, galera? É suar à toa. O inimigo só saí da frente, e além disso você perde a lança! Então ele ensina todo mundo a fazer espetinho de inimigos com espadas recicláveis... combate ecológico! E sabe o arquirrival dele, um cara chamado Zwide? O Shaka deu a mãe desse cara pros chacais comerem. Quem não ia querer pesquisar uma pessoa dessas?

— Parece mesmo demais — disse Amy numa voz monótona.

A porta do elevador se abriu e Nellie entrou no estacionamento da locadora de carros.

— A carruagem está à nossa espera, crianças. Estamos procurando a vaga 37K.

Dan entrou no estacionamento atrás dela e vasculhou a área com os olhos.

— Nossa... você pediu um daqueles jipões? UU-HUU!

Berrando de contentamento, ele correu na direção de um enorme Hummer preto ao lado de uma pilastra com o número 37K.

Nellie examinou o recibo.

— Eu pedi o carro mais barato. Mesmo se tivesse buracos no chão, tipo o carro dos Flintstones.

Amy contou até sete antes de ouvir o que estava esperando: um "aaaaahhhh!" desolado de Dan. Elas o acharam apoiado num Yugo amarelo de duas portas, olhando melancólico para o lado direito, onde estava o Hummer na vaga 38K.

— Errei por um — ele disse.

Nellie olhou dentro do carro.

— Ótimo. Câmbio manual!

— Acho que você devia pedir um carro melhor — disse Dan. — Olha essa sucata velha. O volante está do lado errado!

— São todos assim — disse Nellie. — Aqui eles dirigem do outro lado da rua.

— A mulher da locadora insultou sua honra! — pressionou Dan. —

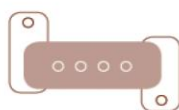
Shaka Zulu não teria se contentado com um Yugo.

— Cara, já foi bem difícil conseguir este — disse Nellie

Amy se afastou do irmão e da *au pair* e deixou os dois discutindo. Então se esgueirou até o outro lado do Hummer. Tinha alguma coisa estranha naquele carro. As janelas eram escuras, quase pretas. Mas também estavam embaçadas.

Ela se debruçou do lado do motorista, espiando pela janela. Não conseguiu ver muita coisa, mas o banco da frente parecia ter um formato suspeito... como se tivesse um volume, não fosse reto.

Então o volume se mexeu.



Dan se acomodou com relutância no banco da frente do Yugo, pondo a gaiolinha de Saladin no colo. Os bancos eram duros.

— Tem cheiro de peixe aqui — disse Dan.

— Pelo menos o Saladin vai gostar — respondeu Nellie.

— Agora posso soltar ele? — perguntou Dan, começando a desafivelar as tiras da gaiolinha.

Amy então abriu depressa a porta do passageiro e mergulhou no banco de trás.

—Vai! Vai!

Do lado deles, o Hummer começou a balançar. De dentro vinham sons de berros.

— Tem alguém lá dentro? — disse Dan.

— Eles estavam esperando a gente! — Amy gritou.

— Achei que estavam todos em Illinois! — disse Nellie, pisando no acelerador e engatando a marcha a ré. O carro pulou do chão e deu um tranco para trás.

IIIIIIII...

— Tem razão, esse carro é mesmo uma sucata velha — disse Nellie.

Dan sentiu o braço de Amy passar por cima do seu ombro e agarrar a

gaiolinha do gato.

— Me dá isso antes que o Saladin saia voando pela janela! — ela falou.

Cantando pneu, o Yugo saiu de ré da vaga 37K. Nellie torceu o volante para a direita e o carro deu uma guinada de noventa graus.

— *Olé!* — ela gritou, engatando a primeira marcha.

Dan estava olhando para trás.

— Há... Amy, eles não estão seguindo a gente.

— É porque eu peguei isso aqui — disse Amy, mostrando um molho de chaves. — Aportada frente estava aberta e eu enfiei a mão.

— *Uhu, boa!* — disse Dan. A irmã dele estava toda sorridente e orgulhosa de si mesma. — Você tomou suas pílulas de Cahill!

TUM. Com um solavanco, o carro passou por cima de uma barreira plástica e ganhou as ruas. Dan não sabia o que esperar de Johannesburgo, mas não estava vendo muita coisa, apenas campos desolados que se estendiam em todas as direções.

— Galera? Como a gente chega em Pretória? — perguntou Nellie.

— Direção nordeste — disse Amy, passando as páginas de um folheto. — Deve demorar mais ou menos meia hora. A Biblioteca Estadual fica lá e é enorme. Lá tem também os arquivos do governo, a Universidade da África do Sul, o Museu Nacional de História Cultural. É provável que a gente consiga encontrar alguma conexão entre Shaka e os Cahill.

— Nordeste... — disse Nellie, espiando pela janela da esquerda. — Vejamos. O sol está nascendo no leste...

— *Cuidado!* — berrou Dan.

O Hummer de repente fez uma ultrapassagem pela esquerda e entrou na frente do carro deles.

— Como eles arranjaram outra chave tão rápido? — disse Nellie.

— Agora você conseguiu — gritou Dan. — Eles estão irados!

— Vai rápido — disse Amy.

— Estou indo o mais rápido possível! — berrou Nellie

Ela foi costurando o trânsito, passando por uma saída brusca à direita.

— Nellie, saia dessa estrada! — disse Dan.

— Não tem como — respondeu Amy. — Ela perdeu a saída...

—Ainda não!

Nellie torceu todo o volante para a direita. O Yugo se inclinou bruscamente, levantando as rodas esquerdas do chão enquanto subia no acostamento coberto de grama.

O carro sacolejava, com o para-choque da frente raspando várias vezes na terra, que era dura como pedra. As rodas de trás começaram a patinar de um lado para o outro, soltando nuvens de poeira. A centímetros de distância, a estrada terminava abruptamente numa vala íngreme.

— Segurem-se! — gritou Nellie.

— Vamos morrer! — berrou Amy.

Ela fechou os olhos enquanto o chão sumia de debaixo do carro.

CAPÍTULO 10

DAN NÃO FAZIA IDEIA DE QUE MORRER MACHUCAVA TANTO A língua.

— *AIII... ai-ai-ai-ai-ai!* — ele gritou, com o sangue escorrendo por cima de seu lábio inferior.

Seus olhos se abriram, O Yugo estava dentro da vala, inclinado para a direita. Nellie acelerou e os pneus esquerdos apenas raspavam na borda de cima da vala.

— SEGUREM-SE!

Com um tranco, o carro se ergueu e caiu na beira de uma rampa de saída. Deu uma guinada, endireitou-se e ganhou velocidade.

Dan sugou o sangue de sua língua mordida, que estava começando a inchar. Observou a poeira assentar ao redor deles. Nellie tinha conseguido voltar até a rampa de saída e eles iam em direção a unia área de aspecto soturno, na periferia da cidade, cujos contornos surgiam ao fundo.

Como ela aprendeu a dirigir assim?

— Você conseguiu! — comemorou Amy. — Você escapou!

— Por que voxê feix ixo? — disse Dan, com a língua inchada e latejando. — Mordi a língua!

Nellie estava olhando furiosa para a frente, sentando a mão na buzina:

— Ei, quem foi que ensinou esses imbecis a dirigir?

Havia um carro vindo direto na direção deles.

— O lado esquerdo da estrada, Nellie! — gritou Amy.

— Eles dirigem do lado esquerdo!

—Ih, foi mal! Viajei!

Nellie mudou para a pista da esquerda e pisou no acelerador. Passou voando por um cruzamento sem parar para nenhum dos carros. Colada do lado esquerdo da estrada, ela passou por prédios caiados e cercas de arame, por mulheres equilibrando baldes na cabeça e motocicletas com três homens em cima.

O som de pneus cantando fez Dan virar a cabeça. Pela janela de trás ele avistou o Hummer preso no cruzamento, rodeado por motoristas buzinando.

Nellie forçou o Yugo até o limite. A cidade era pequena e a estrada de quatro pistas logo se reduziu a duas. Fora da cidade, o campo era plano e verde, com formações rochosas ao longe que pareciam enormes punhos de pedra. Bois e vacas pastavam na grama e o campo era pontuado por barracos de zinco e cabanas de madeira.

— Despistamos eles de verdade — disse Amy.

Mas Dan estava de olho na janela de trás. Um leve zumbido ficou mais forte, como um avião que se aproxima.

E então, pela poeira, uma vasta silhueta preta veio roncando pela estrada.

A língua de Dan parecia um maço de papel-toalha.

— Hummuh! — ele disse. — HUMMUH!

Enquanto Nellie passava por cima de um morro em alta velocidade, um rebanho de cabras distraídas vinha cruzando a estrada, O pastor era um velho todo enrugado, cantando sozinho e marcando o ritmo batendo no chão com um bastão. Vendo o carro, as cabras levantaram a cabeça como se quisessem dizer Desculpa, a gente chegou primeiro.

— SAI DA FRENTE! — gritou Nellie.

— São cabras! — disse Amy. — Elas não entendem a nossa língua!

— NÃ-Ã-Ã-Ã-ÂO! — berrou Dan.

Nellie meteu o pé com força no freio. O Yugo envergou para a esquerda, subindo a planície esturricada. Dan ficou esperando o som do massacre de cabras, mas ouviu apenas as pedras esmagadas embaixo deles.

Então, de trás, veio um som oco, fantasmagórico: *IIIIIIIIIIII...*

Dan abriu os olhos, O Yugo estava avançando em terreno aberto. Sem cabras.

O cheiro de borracha queimada chegou até ele. Dan se virou para olhar pela janela traseira.

As cabras agora estavam amontoadas na estrada, ainda ruminando, ainda berrando, ainda vivas e ilesas, O Hummer, que não tinha acertado o rebanho por um triz, desapareceu num galinheiro. Uma nuvem de penas brancas se ergueu e algumas aves furiosas expressavam seu descontentamento.

Um fazendeiro foi até eles numa picape roxa e pulou para fora berrando.

Dan se recostou no assento e soltou um suspiro de alívio, Esfregou a língua nos lábios, tentando fazer a dor parar, enquanto Nellie conduzia o carro de volta para a rodovia.

CAPÍTULO 11

QUANDO OS OLHOS DE DAN SE ABRIRAM DEPOIS DE UMA SONECA, O Yugo estava estacionado embaixo de uma árvore no topo de uma colina. Abaixo deles havia um campo onde um grupo de homens jogava futebol.

Ele apertou a língua contra o céu da boca. A ponta ainda estava doendo, mas o inchaço diminuíra.

— Aiiiiii...

— Onde estamos? — disse Amy, grogue.

— Paramos pro almoço — disse Nellie. — Estamos na periferia de Pretória. Tem um mercadinho mais adiante ria estrada, Pensei em escondermos o carro aqui, caso nossos amigos resolvam nos procurar.

— Hã, gente? — disse Dan, olhando atrás de Amy. Aquilo é o que eu acho que é?

Amy virou de costas. Uma picape roxa enorme subia a estrada na direção deles, deixando um rastro de penas brancas atrás de si.

— Por que essa picape está aqui? — disse Amy. — Ela pertence ao dono do galinheiro que o Hummer destruiu.

— A não ser que os caras do Hummer tenham sequestrado a picape! — disse Dan.

— Vamos! — Nellie pulou dentro do carro e virou a chave no contato. O carro cuspiu e chiou. Ela tentou outra vez e o motor morreu.

— Corram! — disse Amy.

Os três saíram em disparada em direção ao campo de futebol. Os jogadores pararam, olhando perplexos para eles. Mais além do campo, a encosta da colina avançava para dentro de um bosque espesso. Seria fácil se perder ali.

Amy foi subindo, mantendo-se bem atrás de Nellie. Mas, quando as duas chegaram ao topo, Dan não estava mais com elas.

— Mas que...? — disse Nellie.

Dan estava falando com um dos jogadores de futebol, fazendo gestos para a picape. O homem assentia com a cabeça, enquanto outros jogadores se amontoavam em volta deles.

— Dan! — Amy começou a chamar, mas Nellie tapou sua boca com a mão.

Em poucos instantes, Dan estava subindo a colina depressa.

— Mexam-se! — ele disse. — Precisamos nos esconder.

— O que você estava fazendo?— Amy perguntou.

— Agora corre, depois a gente conversa. — Dan passou por elas e, entrando no bosque, encontrou uma trilha que acompanhava o traçado da serra. Quando o campo de futebol surgiu à vista outra vez, ele se agachou atrás de um arbusto denso.

— Vamos esperar — ele sussurrou. — Se tudo der certo, vai rolar uma briga enorme lá embaixo. Daí damos a volta até o carro e tentamos outra vez.

Amy e Nellie se ajoelharam, uma de cada lado de Dan. No campo, o time de futebol havia fechado um cerco em volta de cinco pessoas vestindo elaboradas e coloridas túnicas africanas e chapéus exóticos com penas. Um sujeito, que parecia ser o capitão do time, estava gesticulando acaloradamente.

Num instante, os perseguidores de Amy e Dan começaram a despir as túnicas. O mais corpulento deles vi o primeiro a tirar o chapéu.

Os cabelos espetados do corte militar de Eisenhower Holt eram

inconfundíveis. Assim como o pit bull salivante que pulava na lateral do campo.

— Os Holt? — exclamou Dan.

Amy agarrou o braço de Dan.

— Eram essas roupas que eles estavam usando quando os vi agachados dentro do Hummer. É assim que eles acham que uma pessoa deve se disfarçar. O que você falou pros jogadores?

— A verdade, mais ou menos — respondeu Dan. — Que as pessoas naquela picape eram uma gangue de bandidos perseguindo crianças inocentes. Agora vamos, hora de a gente se mandar.

Amy olhou para a esquerda e observou o caminho que eles precisariam tomar para chegar ao carro. Por no mínimo cinquenta metros, estariam totalmente expostos.

Lá embaixo, Eisenhower gritava para um dos jogadores. Empurrava o homem. Mas Hamilton estava na lateral do campo, penteando o cabelo e se olhando num espelhinho de mão. Cuidando do visual.

A luz do sol refletiu no espelho de Hamilton. Dan recuou, protegendo o rosto com a mão.

— Cretino — reclamou.

O reflexo pousou em Nellie.

— Ai! Opa, valeu. Vamos sair daqui.

— Esperem — disse Amy. — Acho que ele está mirando o reflexo em nós.

Dan ficou tenso:

— Nossa. Não se mexa, Nellie. Ele está mandando uma mensagem!

— Uma o quê? — perguntou Nellie.

— Ti-ti-ti, ta-ta-ta, ti-ti-ti — disse Dan em voz baixa.

— É o pedido universal de ajuda em código Morse. Hamilton está usando código Morse! Que coisa mais Segunda Guerra Mundial!

Ele tirou o cartão de Shaka do bolso e o entregou

Segura isso de pé. Tente pegar o reflexo do espelho melhor que conseguir. Vou anotar as letras.

— Você sabe código Morse? — Nellie se espantou.

— Dã, lógico — respondeu Dan.

Quando Dan conseguiu pegar um lápis e uma embalagem de doce, os sinais luminosos tinham parado. Mas começaram outra vez assim que Amy levantou o cartão.

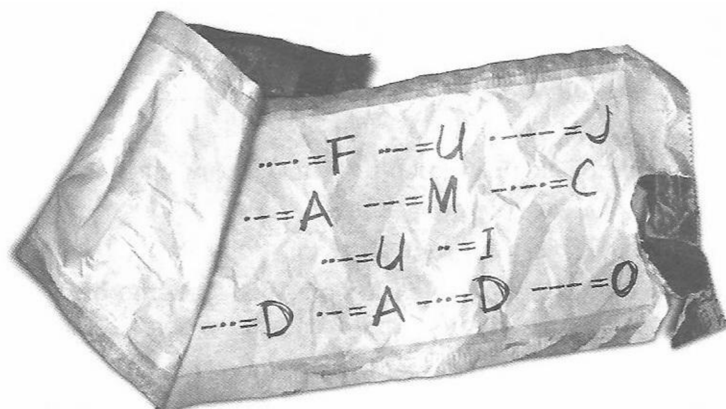
Dan foi sussurrando enquanto anotava:

— Ti-ti-ta-ti... ti-ti-ta... ti-ta-ta-ta... ti-ta... ta-ta... ta-ti -ta-ti.. ti-ti-ta... ti-ti... ta-ti-ti... ti-ta... ta-ti-ti... ta-ta-ta.

De repente, Hamilton guardou o espelho no bolso e correu para dentro do campo. Estava sendo provocado pelos jogadores africanos, numa mistura de inglês e alguma outra língua.

— O que diz a mensagem? — perguntou Amy.

Dan mostrou o que tinha anotado:



Dan leu as letras.

— “Fuj amc ui dado?” — ele disse.

— Hã, eu sou só uma *au pair* meio burra — disse Nellie — mas será que não é *Fujam, cuidado?*

VRUUUUMMMM.... TICI TIC-TIC-TIC

Amy ergueu os olhos na direção do som.

No topo da serra, cerca de vinte metros adiante e bem fora de vista para quem estava na clareira, o Yugo amarelo tinha parado em outra clareira. A janela do motorista estava suja de terra.

Um reluzente sapato masculino em dois tons saiu do carro, plantando-

se no chão, seguido de uma calça de linho cor de creme.

— Saudações, meus queridos sobrinha e sobrinho — disse Alistair Oh.

CAPÍTULO 12

— VOCÊ ESTÁ... AQUI! — EXCLAMOU AMY. — COMO ESCAPOU?

— Como achou a gente? — perguntou Dan.

— Como deu partida no carro? — completou Nellie.

— Tudo será devidamente explicado a seu tempo, meus caros. — Alistair fez um gesto urgente na direção da porta. — Sugiro entrarmos no carro e fugirmos de nossos adversários musculosos.

— Eu dirijo! — Nellie correu para o lado do motorista.

— Permita-me — disse Alistair, bloqueando o caminho dela.

Amy deu um passo à frente, depois parou onde estava.

Fujam, cuidado. Esse era o aviso.

Hamilton não quis dizer "cuidado com os Holt", ela pensou. Quis dizer "cuidado com o Alistair".

— Não, Nellie! — Amy gritou. — Não entre aí. Amy observou tio Alistair. Ele estava inclinando a cabeça para um lado. Sua echarpe de seda amarela franzia de leve com o movimento.

— Pra onde você vai quando não está com a gente? — perguntou Amy.

— Amy...? — disse Alistair, enxugando a testa com um lenço branco.

Amy respirou fundo e contou até três. Era uma técnica que sua mãe lhe ensinara. Às vezes era só esse o tempo necessário para comparar o coração com o cérebro.

— Pense nisso, Dan. Nós abrimos nosso coração pra ele toda vez. Ele aparece de repente para nos salvar. Nós damos tudo o que achamos para ele. Depois ele some. O que ele faz com as informações? E como ele e os Holt nos acharam ao mesmo tempo... no meio da África do Sul?

Dan lançou um olhar desconfortável para o tio Alistair. Nellie se afastou da porta do carro.

— Se quer mesmo saber — disse Alistair, olhando apreensivo para o pé da colina —, fiquei retido na Indonésia sob acusações falsas, mas escapei. Apostei na hipótese de que vocês estavam, digamos, marchando para Pretória, mas os voos internacionais geralmente pousam em Johannesburgo. Consegui persuadir funcionários de uma empresa aérea a revelar listas de voo para mim. Foi preciso investigar as locadoras de carros para descobrir qual veículo vocês alugaram, mas os Ekat são bons nisso. Contratei um motorista para me conduzir a Pretória. Então vi o Hummer, que despertou minhas suspeitas.

— E você seguiu o Hummer... — disse Amy.

— Precisamente — respondeu Alistair. — Agora podemos ir?

— Espere — disse Dan. — Como os Holt acharam a gente?

— *Podemos conversar dentro do carro!* — disse Alistair.

— Você é um cara esperto — disse Amy. — Ouviu a Nellie cantar a música e pá! Sabia qual era a dica. Você está anos-luz à frente de todos os outros. E está nos dizendo que os Holt descobriram tudo isso sem a sua ajuda?

Alistair inclinou a cabeça, curioso.

— Você está insinuando que tenho uma aliança com os Holt? Não consigo nem terminar uma conversa com eles!

— Vamos, tropas — disse Nellie, estendendo a mão para a porta do carro. — Vamos deixar o Velho Senhor Burrito aqui com a família Frankenstein. Talvez, quando descobrirem que o plano falhou, eles o usem como bola de futebol.

Nellie entrou no carro. Virou a chave uma... duas... três vezes, e o motor finalmente deu partida.

— Vocês não vão me deixar aqui, vão? — Alistair agora olhava para Amy. Seu rosto demonstrava choque, pânico. Era uma expressão que ela reconhecia do incêndio de anteontem.

Ele estava disposto a salvar nossas vidas. Estava prestes a pular do parapeito por nós, até que a Irina chegou.

Mas ela também conhecia aquele olhar de outra ocasião. De sete anos atrás. Quando ele tinha vindo à casa deles para roubar um poema. Um poema com uma pista escondida. Um poema que Hope Cahill e Arthur Trent achavam que resolveria o enigma das 39 pistas.

Só queremos o que é nosso.

Alguém tinha dito isso durante a noite. Ela tinha ouvido uma voz vinda do estúdio, logo após ter sido despertada pelo tumulto.

A voz de Alistair.

Alistair não tinha começado o incêndio. Mas podia ter dito alguma coisa. Podia ter evitado...

— Amy...? — chamou Alistair. — Você está bem, minha querida?

Amy o encarou:

— Por que você escondeu isso deles... o fato de que você tinha roubado o poema?

— Eu... agora não é uma boa hora... — Alistair gaguejou.

— Você podia ter contado pra eles — disse Amy. — Podia ter gritado *O poema está comigo!* Ela estava correndo para dentro de um incêndio, tio Alistair!

— Eu estava lutando com tantas pessoas — disse Alistair. — Mal conseguia enxergar direito. Eisenhower Holt teve a ideia estapafúrdia de usar a mangueira do jardim vizinho...

— Eisenhower Holt também estava lá? — disse Amy.

— E sua esposa, Mary-Todd — confirmou Alistair.

O rosto de Dan estava vermelho:

— Quantas pessoas estavam ali... ficaram paradas olhando e não fizeram nada pra ajudar eles?

Eisenhower.

Sim, Amy agora o via na lembrança daquela noite. Um homem bruto de rosto vermelho e cabelos espetados.

Todos estavam nisso juntos. Unidos. Talvez eles não tenham armado o incêndio, mas não teria acontecido sem eles.

Eram assassinos, todos eles.

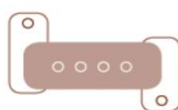
Seus olhos se encheram de lágrimas, porém Amy segurou o choro. Sem pensar, agarrou a echarpe de seda do tio Alistair e o puxou para perto de si.

— Não me importo se você está cooperando com eles ou não — ela disse. — Seja como for, quando o acharem, vão transformar sua vida num inferno.

Ela soltou o tio e pulou de volta para o banco de trás ao lado de Dan. Nellie acelerou o motor.

— Esperem... vocês não podem... — Alistair balbuciou, lutando para abrir alguma coisa no topo da sua bengala.

— Ah, não? — disse Nellie, pisando no acelerador. — Fica olhando.



Alistair Oh se afastou cambaleando da nuvem de poeira e fumaça de escapamento. Nunca tinha visto a menina tão brava.

Lidar com as crianças agora ia ser praticamente impossível.

Você já devia ter previsto isso, meu velho, ele disse a si mesmo. Eles são netos da Grace.

Eles eram espertos. Espertos demais. Tinham decifrado Alistair quase perfeitamente. Se ao menos não tivessem interpretado mal suas razões.

Os Holt, como de costume, tinham estragado tudo. Só Deus sabe como aqueles palermas haviam retomado o rastro das crianças na África do SulI Ou como tinham conseguido emboscá-lo no aeroporto. O passeio no Hummer e a caminhonete de galinhas tinham sido uma tortura, porém nada se comparava à humilhação de ser usado como isca.

Eles têm medo de nós, Alistair, mas não de você, Mary-Todd dissera.

Vamos devagar para assustá-los. Você surge por trás e traz as crianças de carro até nós.

Senão você morre, Eisenhower acrescentara.

Alistar espanou o pó da roupa e levantou a bengala. Ninguém lembrava que as Indústrias Oh tinham patrocinado a Nascar. Nenhum deles sabia que Alistair Oh era capaz de dirigir até o mais precário dos automóveis.

Ele olhou para o pé da colina. A discussão ainda corria solta. Logo o tumulto terminaria e os Holt viriam atrás dele. Ele tinha que fugir a pé enquanto ainda havia chance.

Virando em direção à estrada, Alistair notou um brilho prateado no chão de terra: um celular. Devia estar descarregado, mas talvez fosse resquício de algum piquenique recente. Se estivesse funcionando, podia usá-lo para chamar um serviço de carro.

Ao pegar o aparelho, ele notou um aviso de mensagem de texto. Ele apertou LER.

SVS! M347.

Que triste as pessoas não se comunicarem com palavras de verdade hoje em dia. Até agora ele já tinha aprendido o que era “vc”, “bjs”, “abs”, “tdb”, “qq”, mas não “svs”. *Santa viagem submarina*, talvez. Seus velhos sonhos? Soldados vigiando sempre. Ele contraiu o rosto no lembrar dos burritos Sabor Vinagrete e Salsicha, uma famosa linha de produtos que tinha acabado com sua empresa. Ele estava tão obcecado pela busca das 39 pistas que tinha deixado de supervisionar a estocagem dos produtos, o que resultou em treze consumidores doentes. E na falência da empresa.

Ele clicou nos diversos menus, tentando achar alguma informação que identificasse o telefone. Mas foi em vão. Por fim, com o telefone grudado no ouvido, digitou o número do serviço de informações.

Estática. Sons cortados.

Ele jogou o telefone de volta no chão e, com cuidado, pôs de volta seu chapéu-coco que tinha caído.

Tuc.

Uma bola de futebol derrubou o chapéu outra vez.

— Parado aí ordenou uma voz rouca atrás dele. — Mãos ao alto e dê meia-volta... agora!

Alistair tentou não tremer enquanto se virava.

— Eu espero — disse Eisenhower Holt — que você seja bom de defesa.

CAPÍTULO 13

DAN FICOU SE PERGUNTANDO COMO SHAKA ZULU SE PORTARIA NO andar num Yugo capenga com duas mulheres discutindo sobre quartos de hotel.

— É você que está preocupada com o dinheiro — disse Amy. — Uma barraca seria perfeito. A gente ia usar todo dia.

— Preciso de um espelho, lençóis limpos e aqueles sabonetinhos embrulhados em papel — disse Nellie. — Eu coleciono. Quando você voltar para casa e usar esses sabonetes, lembrará dos lugares por onde passou...

— O que importa nessa busca não é o conforto — disse Amy. — Você está agindo como os Kabra e o Alistair, está sendo mimada e fresca. Primeiro são os segredos, depois é...

— Licença, dona Expert em Controle da Agressividade — interrompeu Nellie. — O que aconteceu com você?

— CORTEM-LHE AS CABEÇAS! — anunciou Dan.

— Fica na tua, Shaka — disse Amy numa voz monótona.

Porém Dan a ignorou. Um bravo guerreiro jamais mordia a isca. Ele estava lutando para se concentrar no cartão-postal de Shaka, que agora

estava enrugado e empapado de suor depois da última aventura deles. Ele olhou as últimas linhas:

BIMRSESOSEIM GEKK #4
BGOQBG GEKK
ALFA > 1

— Isso não parece certo — falou.

— Muitas palavras africanas têm pronúncia estranha — Amy começou a dar uma de professora. — Você faz um estalo enquanto fala, que nem essa tribo, *Xhosa.*

Do jeito como Amy disse o nome, pareceu um estalo da língua seguido de *-osa.*

— Certo, mas essas palavras têm, tipo, X e pontos de exclamação no meio e tal — disse Dan. — Estas do cartão são diferentes. Não parecem africanas. Parecem apenas... esquisitas.

— Se não é bizarro africano, talvez sela bizarro holandês — retrucou Nellie. — Eles usam várias letras duplas. Minha tia casou com um cara chamado Vanderdoonk.

Amy estava olhando os nomes de perto:

— Os irmãos Gekk? Eu te disse, são os motoristas de limusine. Este é um cartão de visitas de um serviço de transporte.

— Mas e essa coisa embaixo do nome? — perguntou Dan.

— Alfa maior que um — disse Amy. — Alfa significa “A”... tipo, os melhores. Eles estão se gabando. É propaganda.

Dan começou a rabiscar. Escreveu o alfabeto no topo do cartão.

— Estou achando que é um código. “Alfa” significa “alfabeto”. “Maior que um” na verdade é uma seta apontando para a direita. Talvez signifique “substitua cada letra pela que está à direita”... tipo, B vira C.

— Você realmente pensa assim? — perguntou Nellie.

Dan começou a substituir as letras uma por uma.

CJNSTFTPTFJN HFLL #4

— Como eu disse, foi uma ideia imbecil — murmurou Dan.

— Opa, peraí — disse Amy. — E se em vez de um simples código de substituição você tiver que substituir (tida consoante pela próxima consoante, e cada vogal pela próxima vogal? Tipo, B vira C mas I vira O?

— Você também? — perguntou Nellie.

Dan começou a escrever de novo:

CONSTITUTION HILL #4

— Bingo! — exclamou Amy. Ela folheou livretos que linha escondido no porta-luvas. — Constitution Hill... é uma região de Johannesburgo. Onde ficava um antigo presídio. Número 4 deve ser um endereço.

— Johannesburgo? — estranhou Nellie. — Achei que estávamos marchando para Pretória!

— Não esqueça o outro Gekk — disse Dan.

Rapidamente, ele decodificou o segundo nome, usando o método de Amy:

CHURCH HILL

— “Church Hill”... encontre isso! — disse Dan.

Amy fez que não com a cabeça.

— Não. Não existe um lugar com esse nome. Precisamos arranjar um mapa melhor. Mas pelo menos temos um ponto de partida. Certo, Neilie, temos que voltar na direção do aeroporto, na direção de Johannesburgo!

— E se Church Hill ficar em Pretória? — disse Dan. — Afinal, já estamos aqui!

Nellie pisou nos freios e parou no acostamento.

— Opa, opa, vocês dois. Já fiz manobras acrobáticas com um Yugo, já fugi dos Holt, desrespeitei um idoso e por pouco não fui vítima de um rebanho de cabras. Estou, tipo, prestes a desistir. Vou levar vocês para onde quiserem, mas quero terminar o que comecei com a Amy... e eu vou escolher onde nós ficamos, ok? Digo que vamos ficar num hotel. E vou reservar o quarto agora, senão vamos acabar dormindo no carro. — Ela pôs a mão no bolso. — Algum de vocês dois está com o meu celular?

— Não — Amy e Dan disseram ao mesmo tempo.

Nellie procurou no chão, depois no porta-luvas.

— Que estranho. Estava comigo quando estávamos no campo.

— Os Holt provavelmente estão brincando de pênalti com o seu celular — disse Dan.

— Hã, amigo — disse Nellie. — Isso não é brincadeira. Preciso desse telefone.

— A operadora salva todas as suas coisas na internet

— Dan falou. — Os números dos seus namorados...

— Não tem graça — disse Nellie. — Você não entende! Preciso desse telefone!

Dan lançou um olhar para Amy. Aquela não era a Nellie normal.

— Agora quem é que está precisando controlar a agressividade? — Amy disse em voz baixa.

Nellie respirou fundo e deixou a cabeça pender sobre o volante.

— 0k. Foi mal. Estou perdendo a cabeça. Posso usar seu telefone, Amy?

Amy entregou o telefone para ela. Enquanto Nellie ligava, Dan tirou seu próprio celular e rapidamente acessou sua conta de e-mail. Olhou a mensagem mais recente:

vencemos. 10-7.
ilikeike

— Ei, Amy — disse Dan, mostrando a tela para a imã. — Nós conhecemos alguém com esse nome?

— Ilikeike... — Amy deu de ombros. — Parece havaiano.

Dan digitou de volta:

hã, legal. quem é vc?

Logo depois, chegou a resposta:

incanto 100 m n da BOOM na P Kruger s
enão tacoman faz BUUM
ilikeike

— Deve ser engano — suspirou Dan.

— Espera — disse Amy. — Não é havaiano. *"I like Ike", Eu gosto do Ike,* era o slogan de uma campanha presidencial dos anos 1950!

— Fatos históricos me fazem tremer de entusiasmo — ironizou Dan.

— A campanha do presidente Dwight David Eisenhower! — disse Amy.

Eisenhower.

Dan olhou para a tela.

— "Tacoman"... mas o tio Alistair fazia burritos... Pois é, isso parece uma coisa que Eisenhower escreveria.

— Exatamente! — exclamou Amy. — E *incanto* deve ser encontro. Ele quer que a gente o encontre.., senão alguma coisa ruim vai acontecer com o tio Alistair.

— Cara, mas e se isso for uma armadilha? — perguntou Dan.

— E se não for? — respondeu Amy. — Pense bem, Dan. Os Holt acharam o Alistair no topo daquele morro depois que fomos embora. Se ele estava cooperando com eles, os Ho].t iriam ficar bravos com o Alistair porque ele não entregou a gente. Se ele não estava cooperando, os Holt também ficariam bravos ao descobrir que ele estava interferindo.

— Não podemos simplesmente ignorar isso — disse Nellie.

— Podemos sim — retrucou Amy. — Por que temos que ficar percorrendo um país estranho e arriscar nossas vidas? Que dívida nós temos com o Alistair?

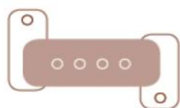
Dan olhou para a irmã, inquieto:

— Amy...? Sei que você não está falando sério, né?

Sua irmã desviou o olhar com o rosto corado. Respirou fundo e murmurou alguma coisa que ele entendeu como um sim.

— Certo... — concordou Dan. — Cem m n... deve ser cem metros ao norte de... o que é Boom? — Ele pegou o mapa de Pretória que estava com Amy. Do lado direito havia uma lista alfabética de nomes de ruas. — É uma rua... rua Boom no lado norte da cidade, perto do zoológico! Perto da rua Paul Kruger.

— Segurem firme, senhoras e senhores — disse *a au pair*, devolvendo o celular para Amy. — Nellie Gomez e os irmãos Cahill numa aventura explosiva: boom!



A rua Boom rodeava um grande campo em frente ao zoológico. Na esquina com a Paul Kruger, Nellie fez uma curva brusca à esquerda, cantando pneu.

Uma placa de trânsito num cavalete de madeira dizia:

PERIGO: CANTEIRO DE OBRAS

ENTRADA PERMITIDA SOMENTE

COM CAPACETE DE PROTEÇÃO*

Na parte de baixo da placa, rabiscadas em letras quase ilegíveis junto a um asterisco, estavam as palavras **ou com parentesco Cahill!*

— Contorne essa placa — disse Dan. — Eles estão logo à frente.

Depois da placa, a rua descia em uma ladeira íngreme. A picape roxa estava estacionada lá embaixo. O tio Alistair estava a postos do lado dela, com a bengala na mão e o chapéu-coco bem assentado na cabeça.

Nellie engatou a primeira e foi descendo a ladeira, controlando o freio. Ao ouvir o gemido do motor, Alistair ergueu os olhos e acenou para que eles se aproximassem.

— O Alistair está mesmo cooperando com os Holt — sussurrou Amy.

— Ele parece preocupado com alguma coisa — disse Dan.

— Tomem cuidado — respondeu Amy.

Quando Nellie desacelerou, os acenos de Alistair ficaram mais rápidos.

— Hã, galera, que é isso no chapéu dele?

Dois fios azuis brotavam de trás do chapéu de Alistair e se estendiam até a janela do motorista da picape. Amy não enxergou ninguém dentro da cabine, mas Alistair olhava agitado para o outro lado da rua.

Ali, parados ao lado de uma acácia grossa e cheia de protuberâncias, estavam Eisenhower, Mary-Todd, Reagan, Madison e Hamilton Holt, junto com o pit bull Arnold. Eisenhower tinha um ar triunfante e malicioso, com seu pescoço da cor de carne malpassada. E segurava um barbante amarelo que ia até o chapéu de Alistair.

— Vamos conversar — ele disse.

—Vamos cair fora! —exclamou Dan.

Nellie engatou a marcha a ré.

O rosto de Alistair ficou cinza.

— *Não, por favor não!* — ele gritou.

— Bater em retirada não é.. repito, não é... uma manobra recomendada! — Eisenhower latiu. — Se vocês dão valor à vida humana.

— Não ouçam o que ele diz! — disse Amy. — Vai, Nellie, vai!

— Alto lál — Eisenhower levantou a mão. — Seu tio está conectado à bateria da picape por meio de uma tecnologia aprendida e aperfeiçoada pessoalmente por mim no Curso de Introdução aos Explosivos, instrutor Todd Bempster, turma de West Point do ano não-é-da-sua-conta, com eletrônica avançada demais para explicar em termos civis, porém fácil de executar com a ajuda de uns poucos eletrodom...

— Vai direto ao ponto, pode ser, meu quindinzinho? — disse Mary-Todd.

Eisenhower ergueu o barbante com um sorriso vitorioso.

— Se o chapéu cair da cabeça do Alistair, a picape explode.

— Ele está blefando — disse Dan numa voz trêmula.

— Não está. — Amy sabia que Eisenhower não era de brincadeira. E ela gostava da ideia.

AGORA você vai sentir o que nossos pais sentiram, tio Alistair. Vai saber como é ser abandonado, em vez de ser aquele que abandona.

VOCÊS AÍ NO YUGO: ATRAVESSEM A RUA SENÃO VÃO VER O QUE É BOM PRA TOSSE — berrou Eisenhower. — E RAPIDÍNHO! NÃO QUERO MOLEZA!

Amy respirou fundo. Tentou se agarrar a algum pensamento coerente em seu cérebro, mas estavam todos voando lá dentro, escorregadios e escuros como morcegos.

Dan pôs a mão de leve no ombro dela.

—Me siga.

Ele saiu do carro e desceu a ladeira em direção aos Holt. Amy seguiu atrás, atordoada. Do outro lado da rua, ela percebeu uma mudança nos rostos de Reagan e Madison, algo como alívio. Amy percebeu que aquele esquema não era ideia delas. Hamilton parecia estar simplesmente em pânico.

Ela tentou olhar nos olhos dele. Ele piscava depressa, como se estivesse envergonhado ou segurando lágrimas. Amy sentiu um impulso de gratidão por ele. Por ter salvado a vida dela. Por ajudá-los contra Alistair.

— Hein...? — ela disse.

Eisenhower bateu com sua mão carnuda no ombro do filho, quase o derrubando.

— Sabemos que vocês estão aqui atrás da pista dos Tomas.

— Estamos? — Nellie perguntou.

— Ah, isso foi muito convincente — ironizou Madison, revirando os olhos.

— Na verdade — murmurou Reagan —, foi mesmo.

— Quando interceptamos vocês na Indonésia e ouvimos que estavam indo para Peoria — disse Eisenhower —, fizemos questão de ir atrás.

— Você quis dizer Pretória — corrigiu Nellie.

— Meu mari... digo, nós reservamos o voo errado — disse Mary-Todd. — As duas opções estavam perto uma da outra na lista de cidades. Está vendo, nosso erro acabou sendo um acerto.

— Vocês acharam a gente por engano? — perguntou Amy. Ela olhou

para Dan, mas ele estava com o olhar fixo à frente, como se hipnotizado por alguma coisa.

— Quem vocês vieram encontrar? — Eisenhower exigiu.

— A Reagan fez uma pesquisa, sabe? — disse Madison, guardando o chiclete embaixo da língua. — Ela descobriu que os Tomas possuem uma pista. Tem alguma coisa a ver com uma certa tribo sul-africana.

— Mas, se é uma pista dos Tomas, como vocês não sabem qual é? — perguntou Dan.

— Moleque pentelho — disse Eisenhower. — Igualzinho aos outros. Rindo da gente. Nos olhando de cima. Deixando a gente de fora dos segredos da família.

— Fofuchinho... — interferiu Mary-Todd. — Cuidado com a sua pressão...

Quanto mais furioso Eisenhower ficava, mais vermelho seu rosto se tornava. Ele fechou o punho em volta do barbante. Amy pensou ter ouvido um ui assustado de Alistair.

— Não! — gritou Neilie.

— Quem é seu contato? — insistiu Eisenhower. — Cadê a pista dos Tomas?

Fique calma, Amy ordenou a si mesma. Ela estava tremendo.

Ela olhou para Dan. Seu irmão parecia paralisado, ainda com o olhar fixo à frente.

— O chapéu do seu tio — disse Eisenhower num tom tenso e comedido — está conectado a um fio por um ímã que gera um circuito aterrado. Se o chapéu cair, o circuito se quebra. A picape... bum! E, pra garantir, também ligamos o circuito na cabeça do senhor Oh. Quinhentos volts. Eu odiaria, ver isso acontecer num belo dia como este, vocês não?

De repente, Dan saiu do transe.

— *Eu sei qual é a pista!* — ele cuspiu.

Amy se virou:

— Você sabe?

O irmão dela apontava com o braço para o Vugo:

— Eu... preciso pegar o mapa. Permissão, senhor?

Mapa? Amy encarou o irmão, totalmente confusa.

— Permissão concedida! — latiu Eisenhower. — E você sabe o que acontece se isso for um truque.

Dan correu até o carro. Estava suando. As pontas de seus dedos tremiam. Ele abriu a porta do passageiro e se debruçou dentro do carro.

—*Prrr?*

Saladin miou faminto no banco de trás

— RAUF! — Arnold avançou de repente. Sua coleira escapou das mãos de Mary-Todd.

— N-ã-ã-ão! — Amy gritou. —Fecha a porta, Doa!

Dan virou de costas, desajeitado. Puxou seu corpo inteiro para dentro do carro. Quando bateu a porta do motorista, Arnold deu uma grande cabeçada nela.

O Yugo começou a descer morro abaixo, na direção da picape.

— *Puxe o freio de mão!* — gritou Nellie, correndo atrás do carro.

—O quê? —disse Dan.

— Ele vai bater na picape! — Reogcrn gritou. — Parem ele!

— Não... oh, por favor, não... Alistair murmurou, contraindo seu rosto franzido e pálido.

— ISSO NÃO ESTÁ DE ACORDO COM O PROTOCOLO! — Eisenhower berrou.

Hamilton Holt atravessou a rua em disparada. Abriu a porta da frente da picape e mergulhou dentro do veículo. Seus dedos mexeram num emaranhado de fios azuis no painel.

O Yugo estava ganhando velocidade.

—A alavanca fica no meio! — gritou Nellie. — Puxe!

Hamilton pulou para fora da picape. Debruçou-se sobre Alistair, virando-o de costas, e depois rapidamente girou.

O Yugo estava a cinco metros... três...

— *Agora!* — ele gritou. — Pare agora, Dan!

Amy ouviu uma barulheira metálica. O Yugo derrapou para a esquerda e virou de lado na rua.

Ela viu, horrorizada, o para-lamas direito traseiro bater com força na

picape.

— DANI — ela gritou, correndo na direção dele... Seu irmão estava tremendo. Com o olhar fixo no volante do carro parado.

São e salvo.

Hamilton, Nellie e Amy se reuniram ao lado do Yugo.

— Eu reiniciei o mecanismo — disse Hamilton. — Agora está no timer. Três minutos. Pega isso. Corre.

Ele entregou para Amy um papel dobrado e saiu correndo, atravessando a rua.

— Andem! — ele gritou para sua família. — *Vai explodir!*

Os Holt correram na outra direção. Pelo canto do olho, Amy enxergava Alistair agachado atrás de uma árvore. Quando os Holt já tinham se afastado meio quarteirão, ele começou a fugir mancando, mas depressa

Amy sentiu uma mão em seu ombro. Dan estava o puxando-a para dentro do carro.

A porta fechou e Nellie arrancou o carro em disparada, enquanto a picape explodiu.

CAPÍTULO 14

AMY SE ENCOLHEU AO OUVIR A EXPLOSÃO DA BOMBA NA RUA BOOM. Nellie estava subindo a rampa de entrada da rodovia, com o Yugo em alta velocidade.

— Iiiiii-RÃ! — Dan gritou, dando um soco no teto do carro.

Amy estava em frangalhos por dentro.

— Você achou aquilo divertido? — ela se indignou. — Podíamos todos ter morrido... por sua causal O que você acha que estava fazendo?

— Você não viu ele? — disse Dan. — O Hamilton... estava piscando!

— E daí? — disse Amy.

— Piscando em código morse, Amy! — Dan explicou. — *Ti-ti-ti, ta-ta-ta, ti-ta-ti-ti, ta, ti, ta—ta-ta, ti-ti-ta-ti, ti-ta-ti, ti, ti-ti, ta-ta-ta*! Três palavras: solte o freio! Ele estava me dando instruções.

— Você entendeu isso? — disse Nellie.

— Primeiro eu tipo, nossa, o quê? — disse Dan. — Mas ele continuou repetindo a mesma mensagem. Ele queria que eu fizesse alguma coisa para distrair todo mundo!

— Você está maluco? — pressionou Amy. — E se o Hamilton não tivesse conseguido mexer nos fios a tempo? Você bateu na picape, Dan!

Você bateu nela! Distrair todo mundo não significa morrer!

Dan murchou. Seu rosto se fechou e ele soltou o corpo no assento.

— Você sabe mesmo como estragar um dia feliz.

O carro ficou em silêncio enquanto Nellie entrava na rodovia e avançava em alta velocidade rumo a Johannesburgo.

— Então, escoteiros — ela cantarolou —, que tal comemorarmos nossa fuga, a fuga do Alistair, a boa ação do Hamilton e as grandes habilidades de decifrar do Dan, parando em algum lugar para comprar um GPS novo? E talvez, tipo, comida? — Ela parou de falar enquanto Amy e Dan se mexiam no banco, desconfortáveis. — Eu sabia que vocês iam amar essa ideia. Vou ficar de olho em algum lugar pra gente comer.

Amy ficou olhando os campos planos e esturricados que passavam depressa pela janela.

— Queria saber onde ele está agora, o Alistair.

— Vi o Hamilton sussurrar alguma coisa para ele depois de mexer nos fios — disse Nellie. — Devia estar falando pra ele fazer que nem frieira: dar no pé.

Dan balançou a cabeça.

— Não acredito que aquele maluco ia exterminar o Alistair.

Amy fechou os olhos. O plano era tão bárbaro.

Zap. Uma tremidinha do chapéu.

De repente, sentiu vontade de chorar.

Alguma coisa estava borbulhando dentro de Amy, algo tão lamacento e profundo que ela não conseguia definir.

— Eu... quis que ele morresse, Dan. Nunca senti isso antes. O que há de errado comigo?

— Ei, moça... — disse Nellie, numa voz doce.

Dan fez que sim com a cabeça.

— Verdade. É compreensível. É mesmo.

— É? — perguntou Amy. — Eu não entendo. Você devia dar uma volta dentro do meu cérebro, Dan. É como um quarto escuro cercado de areia movediça.

— Eu sei como é — ele murmurou. — As vezes também odeio estar

dentro do meu cérebro. Preciso sair.

— O que você faz? — disse Amy.

— Vou pra outro lugar. — Dan encolheu os ombros. — Para os meus dedos dos pés. Meus ombros. Mas principalmente pra cá. — Bateu no peito e ficou vermelho na mesma hora. — Eu sei. É idiotice.

— Na verdade, não é — disse Amy. — Eu queria conseguir fazer isso também.

— Não é uma coisa que você faz — explicou Dan. — Quer dizer, sempre tem alguma coisa acontecendo lá dentro, quer você queira, quer não. Você só precisa, tipo, levantar os óculos escuros e espiar lá dentro.

Amy respirou fundo. Essa ideia era tão típica do Dan. Ela fechou os olhos e pensou nos últimos dias. Em Alistair e na busca. Em Dan e sua viagem pelo corpo.

Levantar os óculos escuros...

A areia movediça estava desaparecendo. Ela foi varrida por uma onda de alívio. E começou a chorar.

— Eu me odeio — ela choramingou. — Odeio o que estou vendo.

— Por quê? — perguntou Dan.

Pare de sentir alívio! Ela reprimiu a si mesma. Alívio é fraqueza. Alívio é compaixão. Compaixão é confiança.

Não confie em ninguém.

— Por que você tem ideias tão idiotas, Dan?! — ela vociferou.

Dan sorriu:

— Você realmente ficou feliz, não ficou? Pelo Alistair?

— Eu não devia! — Amy se esforçou para represar as lágrimas. — Não posso! Ele sempre escapa. A mamãe e o papai não escaparam, mas ele escapa. Não é justo. Ele merece morrer.

— Amy? — disse Dan.

— Não quero ficar contente por termos salvado o Alistair! — continuou Amy. — Porque salvá-lo é trair a memória dos nossos pais.

Dan assentiu com a cabeça. Picou em silêncio por um bom tempo e finalmente disse:

— Não tem como evitar, Amy. Evitar ficar feliz por ele estar vivo.

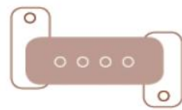
Acho que a mamãe e o papai ficariam orgulhosos de você. Eles davam valor à vida. E por isso eram diferentes de alguns desses outros Cahill. E dos Madrigal.

Amy pensou por um instante. Ele tinha razão. Ser como um Madrigal era o pior destino que ela podia imaginar.

Às vezes, só às vezes, Amy sentia vontade de abraçar o irmão. Mas da última vez em que tinha feito isso, ele se libertou e escreveu na camiseta a sigla DC: Doença Contagiosa. Então ela apenas sorriu e perguntou:

— Como você sabe, Dan? Você era tão pequeno quando eles morreram. Lembra mesmo deles?

— Não na cabeça — Dan respondeu, com o olhar perdido na paisagem que passava. — Mas em todo o resto do corpo...



— Vire à esquerda, agora... — disse uma voz tranquila vinda do painel do Yugo.

— Obrigada, Carlos — Nellie respondeu com um sorriso. — Vou casar como Carlos. Eu mando ele fazer uma coisa e ele simplesmente faz. Sem reclamar.

O novo aparelho de GPS da Nellie, que eles tinham batizado de Carlos, estava levando os três para dentro da cidade de Johannesburgo. Logo adiante, um amontoado de arranha-céus de vidro e aço fazia um leve aclive rumo a uma estrutura esbelta e graciosa, como um cetro gigante.

O rosto de Amy estava enterrado num livro. Ela lia o texto em voz alta, o que fez a viagem parecer durar umas 15 horas.

— "A N1 Western Bypass é parte de um sistema rodoviário que cerca a cidade. É o trecho de estrada mais movimentado da África do Sul" — recitou Amy. — Quando estiver perto de Constitution Hill, observe a torre Hillbrow, uma das estruturas mais altas da África do Sul que lembra uma versão mais modesta da Space Needle em Seattle."

— Hã... Amy? — disse Dan. — Nós estamos aqui. Estamos no trânsito. Estamos vendo a torre.

Amy o ignorou:

— Vamos achar a saída Jan Smuts.

— Parece o nome de um dos namorados da Nellie — brincou Dan.

Nellie se debruçou e deu um soquinho nele:

—Sou fiel ao Carlos. E ele vai achar a saída para nós.

— Smuts foi um líder militar africâner e primeiro-ministro da África do Sul — informou Amy. — Ele apoiava o apartheid, a separação das raças. Mas em 1948 se declarou publicamente contra e perdeu a eleição. Você acredita? Tipo, que os africanos, as pessoas que estavam aqui primeiro, foram tratadas desse jeito? E só podia ser presidente quem concordasse com isso?

— Eles podiam ter votado para expulsar os malvados — disse Dan. — Que nem a gente faz nos Estados Unidos. Bom, quer dizer, de vez em quando.

— Não somos tão bonzinhos assim — falou Nellie. — Meu pai, Pedro Gomez, foi expulso da cidade dele no subúrbio. As pessoas odiavam os mexicanos que se reuniam nas ruas... mas eles só estavam esperando ser contratados por fazendeiros para fazer serviços temporários! E minha avó? Ela pretendia morar no sul, até que viu uma placa num bebedouro dizendo "Apenas pessoas de cor". Ela não sabia direito se era "de cor" ou não. Mas só a ideia de ela ter que pensar nisso é repulsiva. Cara, por que você acha que houve passeatas e protestos nas décadas de 1950 e 1960?

Dan se lembrou de todas as imagens em livros didáticos e de um milhão de especiais do canal educativo que a tia Beatrice assistia para pegar no sono.

— As pessoas eram loucas naquela época — ele concluiu.

— Loucura é uma coisa que não se pode evitar — disse Amy. — Isto foi planejado. A África do Sul sempre separou as raças, mesmo nos tempos coloniais. Os nativos não podiam entrar em cidades de brancos depois do anoitecer. Tinham que carregar passes, senão eram presos. Mas o apartheid só começou oficialmente lá pela década de 1940. Você tinha

que ser rotulado como negro, de cor, branco ou indiano. "De cor" significava que você parecia meio branco, meio negro. Quem não fosse branco não podia votar e tinha que viver em áreas segregadas, como nossas reservas indígenas, mas chamadas bantustãos. Esses lugares tinham suas próprias escolas, médicos e tal, com qualidade muito inferior. O governo transformou os bantustãos em países separados para poder controlar as pessoas com leis de imigração. Havia pontos de ônibus para brancos e pontos para pessoas de cor. Era proibido casar com alguém que não fosse da sua raça.

A cabeça de Dan estava girando. Aquilo não parecia real de jeito nenhum. Não combinava com o que ele estava vendo pela janela do carro. Mas quando Amy desandava a falar daquele jeito, sempre tinha certeza dos fatos.

De cor?

— Como dava para saber se uma pessoa era de cor? — perguntou Dan. — O que isso significava?

— Eles tinham testes — disse Nellie, encolhendo os ombros. — Vai ver comparavam a cor da sua pele com amostras de tinta... Não sei. Às vezes duas pessoas da mesma família eram enquadradas em raças diferentes. Por isso tinham que se mudar. Cara, tinha gente protestando o tempo todo. Teve o levante dos estudantes em Soweto na década de 1960, sabe? Crianças foram mortas pela polícia. E Nelson Mandela? Ficou preso por quase trinta anos. Ele quase morreu.

— Mandela é como um grande mandachuva — afirmou Dan. Ele lembrava do cara nos noticiários, todo sorridente e gentil, como um tio legal.

— Agora ele é — disse Amy. — O governo acordou. Os estrangeiros pararam de investir na África do Sul. Os protestos estavam arruinando o país. O apartheid terminou, mas só m 1994.

Dan olhou pela janela. Estava ficando enjoado, mas não por causa do carro. *Países diferentes para raças diferentes... A Polícia matando crianças... 1994?* Não parecia real.

Ele via pessoas que todas as cores brotando de dentro de prédios,

saindo do trabalho. Alguns estavam cabisbaixos, alguns falaram em celulares. Não fosse as línguas estranhas, aquela cidade poderia ser Boston.

Enquanto o Yugo subia um morro soltando fumaça, ele viu um estranho conjunto de prédios e uma placa dando as boas-vindas a Constitution Hill. O prédio da esquerda era brilhante e moderno, com uma torre de vidro que se erguia no centro. Uma parede perto da entrada exibia as palavras Tribunal Constitucional em diferentes cores e línguas.

Nellie estacionou, e ela e Amy foram direto para a entrada do tribunal, uma enorme porta de madeira entalhada. Mas Dan ficou olhando fixo para a direita, onde se via outro conjunto de prédios, sujos e com a tinta descascada. Havia uma decrépita torre de observação acima de um aglomerado de arame farpado, montada em dois dos prédios maiores. Estava mal equilibrada, como se qualquer empurrão pudesse fazê-la desabar.

— Desculpa, moça — ele ouviu um guarda falando com Amy. — Shaka Zulu morreu muitas décadas antes de a prisão ser construída. Não tem nada a ver com Shaka. Mas é claro que vocês são bem-vindos se quiserem entrar para ver o museu.

— Vamos — disse Amy, agarrando o braço de Dan.

Dan foi andando atrás dela e de Nellie.

— Ótimo. Um museu ao lado de uma prisão na cidade errada. Isso é um bom começo.

— Xiu — disse Amy. Eles entraram num saguão cavernoso, bastante iluminado, com colunas inclinadas e mosaicos coloridos nas paredes. — Tem uma biblioteca aqui. Eu vi placas.

— *Quêêê?* — Dan respondeu na hora. — O cara disse prisão, não biblioteca! Ah, esqueci. Dá na mesma.

Amy virou à esquerda e depois seguiu placas ao longo de um corredor comprido até eles saírem numa sala de pé-direito alto com uma larga escadaria em espiral.

— Posso ajudar? — perguntou uma mulher de pele marrom-clara e cabelos grisalhos. Ela usava um cordão de pérolas simples que de algum

modo pareciam captar o matiz intenso de seus olhos castanhos.

Amy se perguntou se o tom de pele dela seria considerado “negro” ou “de cor” durante o apartheid, e na mesma hora ficou envergonhada.

— Oi, eu sou a... hã, Amy e esse é o m-m-meu irmão Dan, e a N-Nellie — ela respondeu.

— Estamos procurando informações sobre Shaka Zulu — disse Dan. — E também sorvete. Se tiver.

— Americanos... que simpáticos. — A mulher sorriu e estendeu a mão. — Eu sou a senhora Winifred Thembeka, a bibliotecária daqui. Esse lugar é principalmente dedicado a informações sobre direitos humanos. Puxa, infelizmente não temos muita coisa sobre Shaka, embora esteja sendo planejada uma exposição para daqui dois anos.

— *Dois anos?* — Dan se espantou.

A senhora Thembeka confirmou amigavelmente com a cabeça.

— A sala de leitura principal fica no terceiro andar, caso queiram usar. O sorvete é vendido na lanchonete.

— Obrigada. — Amy puxou Dan na direção da escada.

O terceiro andar continha uma sala de leitura arejada que levava a intermináveis pilhas de livros.

— Achei que esse fosse um centro de *direitos humanos* — disse Dan, libertando-se da irmã. — E agora o que a gente faz? Procura o Shaka em todos os livros e torce pra achar uma dica?

— Tenha fé — disse Amy, sentando na frente de um computador e digitando o nome de Shaka.

Nellie suspirou:

— Espero que você esteja certa, Amy. Porque nosso pequeno comedor de sorvete até que tem razão. Quer dizer, eu te amo e tal, mas estou achando que nesse ritmo nós vamos acabar morando nessa biblioteca.

Dan se sentou em outro computador, pronto para começar sua própria busca. Havia um folheto sobre o Constitution Hill em cima do teclado e, ao empurrá-lo para o lado, ele olhou para o título: “A vergonhosa história do Número Quatro.”

Vergonhoso história. Aquilo tinha potencial.

Ele começou a ler:

Para compreender a história do povo sul-africano, sua determinação e ousadia contra a opressão, começamos no complexo presidiário Old Fort, também conhecido como Número Quatro.

Originalmente batizado de Mentonville, ele foi inaugurado em 1893 num lugar que na época se chamava Hospital Hill. Um forte foi construído à sua volta vários anos depois, quando uitlanders (forasteiros) britânicos tentaram derrubar o governo dos bôeres. No começo, a prisão abrigava apenas detentos brancos. O Número Quatro foi construído como uma suposto "prisão nativa" para negros. Os informantes tinham seus dentes arrancados. Alguns os usavam ao redor do pescoço. Construído para 356 prisioneiros, o complexo logo passou a abrigar 1100. As gangues de detentos muitas vezes se atacavam. Os sanitários com descarga só foram introduzidos em 1959. Mineradores grevistas, vítimas de leis injustas do apartheid, manifestantes contra a "Lei do Passe", estudantes rebeldes do levante de Soweto de 1976 — todos eram mantidos no Número Quatro, assim como vários heróis do Movimento Congressista, incluindo Nelson e Winnie Mandela, Albertina Sisulu e Oliver R. Tambo.

Dan parou de ler. Era assim que eles tratavam as pessoas durante o apartheid. Que desperdício de vida humana no Número Quatro!

Número Quatro.

As letras manuscritas na parte de baixo do cartão de Shaka surgiram na mente de Dan.

BIMRSESOSEIM GEKK #4

— Amy! — ele exclamou. — Número Quatro... lembra? Estava escrito depois do nome que deciframos. Número Quatro também é o nome da velha prisão!

Amy correu até ele:

— Constitution Hill, Número Quatro... é isso, Dan!

Dan continuou lendo, desta vez em voz alta:

— "Diversas figuras históricas já passaram pela célebre prisão: Mahatma Gandhi, por protestar contra a condição dos indianos; Winston

Churchill, mantido aqui enquanto era correspondente de guerra, antes de ter sido transferido para a prisão em Pretória. Embora Churchill tenha escrito sobre a Guerra dos Bôeres em seus livros De Londres a Ladysmith via Pretória e A marcha de lan Hamilton, um arquivo escondido de correspondência pessoal sobre a Número Quatro foi encontrado recentemente em Pretória. A maior parte desses papéis foi roubada, mas um dos únicos documentos restantes foi doado à biblioteca de Constitution HilI como legado do acervo particular da falecida senhora Grace CahilI...

Dan parou de ler. O silêncio no terceiro andar era completo, como se até mesmo a tubulação de ar-condicionado e a eletricidade dos computadores tivessem sido desligadas.

— Grace... — ele começou.

— Dan... — disse Amy. — E esse segundo nome? O outro irmão Gekk? Você lembra como ficou depois de decodificar?

Dan lembrava.

— Church Hill... — ele disse. — Churchill!

— É um erro de digitação — interrompeu Nellie. — Deviam ser dois H, não três.

— Churchill era um Cahill — concluiu Amy. — Um Lucian.

— E o documento era de Pretória. Como em “Marching to Pretoria” — disse Dan. — A música que a Irina anotou, lembram? Ela indicava onde o documento estava. Mas a Grace chegou aqui primeiro!

Dan digitou o nome WINSTON CHURCHILL. Uma lista de documentos apareceu, cada um identificado por uma linha de texto. Dan procurou pelo que dizia “doação da senhora G. Cahill” e clicou no botão ACESSAR.

Nesse instante, a tela ficou azul.

ACERVO PARTICULAR

PROIBIDA CONSULTA PÚBLICA

CAPÍTULO 15

A CARA DE SOU SÓ UM GAROTINHO FOFO E CURIOSO, MARCA registrada de Dan, sempre dava algum resultado.

— Podemos ver só esse documento do Churchill? — ele perguntou à senhora Thembeka, com uma inocência merecedora de um prêmio de atuação. — Ia ser tão legal tocar numa coisa que o Churchill escreveu pessoalmente.

Ele se voltou para Amy procurando apoio, mas ela mal estava prestando atenção. Seu nariz estava enterrado numa biografia de Winston Churchill que havia encontrado.

O telefone da senhora Thembeka começou a tocar e ela virou para atender.

— Sinto muitíssimo, meu bem, mas nossos acervos particulares têm acesso bastante restrito. Peço desculpas.

— Boa tentativa — disse Nellie em voz baixa.

Os olhos de Dan pousaram nos arquivos de metal no escritório da biblioteca, logo atrás da senhora Thembeka. Os papéis só podiam estar lá dentro. Ele olhou ansioso em volta, à procura de alguma coisa que pudesse usar para ajudar a distrair a bibliotecária. Mas seus olhos se fixaram numa

placa de bronze pendurada logo acima de um dos arquivos:

A Biblioteca de Constitution Hill
Agradece o apoio
De nossos generosos patrocinadores para a Campanha de Alfabetização
Ruth Aluwani
Oliver Bheka
Piet Broeksma
Grace Cahill

— Amy, olhe! — exclamou Dan. — Grace! Ela está em todas as coisas.

A senhora Thembeka ergueu os olhos para murmurou alguma coisa ao telefone, desligou abruptamente e saiu de detrás da mesa.

— Vocês conheceram Grace Cahill? — ela disse. Enquanto ela lançava olhares alternados para Dan, Amy e Nellie, seus olhos ficaram marejados. — Oh, meu Deus, eu devia ter percebido. Vocês são a cara dela.

— Eu? — disse Dan. Ele adorava a avó, mas ela tinha cabelo cinza e um monte de rugas.

— Os olhos são iguais. E você... — A senhora Thembeka pegou a mão de Amy. — Você deve ser a neta querida de quem ela falava tanto. Por favor, sentem-se. — Ela apontou para uma cadeira um pequeno sofá, e foi fechar a porta do escritório. — Fiquei estarrecida ao saber do falecimento da sua avó. Éramos boas amigas, pois é. Como vocês acharam este lugar? Foi o Robert?

Dan olhou para Amy.

— Há, nós não conhecemos nenhum Robert.

A senhora Thembeka pôs a mão numa gaveta da mesa, tirou uma pilha de fatos antigas e mostrou uma para eles.

— Estão vendo? Isso foi, oh, dez anos atrás.

Na foto, a senhora Thembeka e Grace estavam de braços dados

embaixo de um letreiro de teatro, onde se liam as palavras de Athol Fugard. A pele de Grace estava bastante bronzeada. Na verdade, a cor de sua pele era quase idêntica à da senhora Thembeka.

— Vocês parecem irmãs.

A senhora Thembeka riu:

— Quem sabe fôssemos. Nossas almas eram muito parecidas.

Dan virou a foto e viu algumas palavras meio apagadas:

Lêmur de dia... Aloe de noite...

Boas aventuras, caros amigos!

Ele mostrou as palavras para Amy, que parecia prestes a chorar.

— Lêmur... — ela disse. — Deve ser o Lêmur Voador, o avião particular da Grace.

— Nós tínhamos passado a tarde inteira voando... oh, como ela adorava aquele avião 1 Suazilândia, o Parque Nacional do Banhine em Moçambique, abastecer...

— O que é "aloe"? — perguntou Dan.

A senhora Thembeka sorriu:

— Uma referência à peça que vimos, Uma lição do aloe. O aloe é uma planta que cresce nas condições mais precárias que se possam imaginar: no sol forte, sem água durante meses. É um símbolo do povo sul-africano, que sobreviveu apesar do apartheid. Algumas espécies de aloe possuem propriedades medicinais extraordinárias. Grace adorava essa peça.

— Como você a conheceu? — perguntou Amy.

— Ela pertencia ao comitê administrativo da biblioteca que me entrevistou — disse a senhora Thembeka em voz baixa. — Eles estavam prestes a contratar um administrador com mais experiência, mas Grace insistiu que queria uma pessoa apaixonada por direitos humanos. Eu estava envolvida na luta desde.., o que aconteceu com meu primo Vuyo. Ele era estudante em Soweto...

Era.

A voz da senhora Thembeka enfraqueceu e Dan lembrou do que

Nellie tinha dito sobre o levante de Soweto.

Crianças foram mortas pela polícia.

Ele teve que virar o rosto.

— Posso olhar essas? — perguntou Amy, espiando a pilha de fotos.

— É claro, meu bem. — Enquanto Amy pegava avidamente as fotos, a senhora Thembeka destrancou outra gaveta da mesa. — Poucos meses atrás, Grace me deixou uma mensagem no telefone. Parecia fraca, mas eu não fazia ideia de que ela estava morrendo. Ela me alertou sobre o documento de Churchill. Pediu que eu o listasse no catálogo, mas limitasse sua consulta estritamente a estudiosos e a seus descendentes diretos. Devidamente identificados. — A senhora Thembeka se encolheu, parecendo um pouco constrangida. — Era um pedido estranho, não estávamos acostumados com isso.., francamente, imagino que nenhuma biblioteca estaria. Mas ela foi insistente. A diretoria aprovou, pois ela havia feito muito por nós. Então, embora eu odeie pedir, terei que ver uma prova...

— Acho que tenho minha carteirinha da escola. — Dan fuçou no bolso. Tirou uma embalagem de chocolate amarrotada, um barbante solto, uma bala de cereja, vários pedaços não identificados de plástico transparente e o passaporte australiano do pai. Ele entrou em pânico por um instante, até enxergar um canto da carteirinha escolar despontando de dentro das páginas.

Ele abriu o passaporte em cima da mesa. Sua carteirinha estava grudada numa página interna. Dan a desgrudou, revelando a foto e o nome falso do pai dele, Roger Nudelman.

— Aqui está! — disse Dan, segurando a carteirinha. Porém a senhora Thembeka cravou seus olhos arregalados na foto.

— Nudelman? — ela perguntou. — Que diabos você está fazendo com o passaporte do Nudelman?

— Oh — disse Dan. — Esse na verdade não é...

Amy pisou no pé dele embaixo da mesa. Ele estava prestes a dar um soco na cabeça da irmã, mas fisgou o olhar dela e leu na mesma hora o que havia em seu olhar. Ela obviamente não conhece o papai e deve ter um

bom motivo pra isso, eles estavam dizendo.

— O passaporte é... meu achado do mês — Dan improvisou. — Estava no chão do aeroporto.

Dan achou ter visto a senhora Thembeka tremer.

— Então eu destruiria isso — ela disse. — E se vocês acharem o da esposa dele, destruam também. Embora provavelmente não adiante de nada. Falsificar passaportes não é nada demais para assassinos e ladrões.

CAPÍTULO 16

ASSASSINOS? LADRÕES? ISSO SÓ PODE SER UM ENGANO.

Os nomes nos passaportes tinham parecido um pouco estranhos para Amy, mas não soaram familiares. Talvez o pai dela tivesse escolhido o nome de um criminoso sul-africano por engano.

Amy olhou para Dan, mas ele olhava fixo para a foto.

— Eu... não acho... — ele gaguejou.

— Sinceramente, não consigo imaginar como esse passaporte foi parar no chão do aeroporto — disse a senhora Thembeka enquanto abria um dos arquivos de metal. — Os Nudelman eram australianos, acredito, mas percorreram o mundo inteiro em sua farra. Índia, Indonésia, África do Sul...

Índia, Indonésia, África do Sul... o itinerário de Arthur e Hope em busca de Amelia Earhart.

—O que eles fizeram? — disse Nellie.

— Sem dar muitos detalhes — respondeu a senhora Thembeka —, basta dizer que eles cometeram crimes brutais sem motivo algum. Pilharam prédios e não deixaram ninguém vivo. Felizmente, faz anos que ninguém os vê. Acreditei que eles tivessem morrido, mas... ah, aqui está!

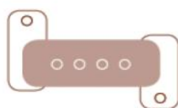
— Ela tirou um documento do arquivo e o colocou na mesa. Podem fazer uma cópia, se prometerem não mostrar para mais ninguém.

— Mas... sobre o... — começou Dan.

Amy o cortou com um olhar de censura.

Um engano. Era isso. Pura e simplesmente.

— Obrigada — disse Amy. — Vamos tirar uma cópia.



Dan saiu correndo do prédio. Estava tremendo.

— Peraí! — gritou Amy, segurando um envelope pardo.

Nellie vinha logo atrás.

— Cara, você está tremendo — ela disse, pondo a mão no ombro de Dan.

— Ela é velha. Não enxerga direito — falou Nellie num tom reconfortante.

— Se a senhora Thembeka era miga íntima da Grace, como não sabia como era meu pai? — perguntou Dan.

— Como eu disse, velha — disse Nellie. — Velha no nível avó. Pessoas assim não mostram fotos de seus filhos crescidos. Isso é para pais de crianças pequenas.

— Então... meu pai escolheu usar o nome de um bandido famoso no passaporte? — perguntou Don. — Por quê?

— Talvez ele não soubesse quem era Nudelman — disse Amy. — “Roger Nudelman”... esse é o tipo de nome engraçado que o papai sempre inventava. Lembra do Oscar Schmutz, o mágico de unhas sujas?

— Não — respondeu Dan, triste.

Amy olhou Dan nos olhos.

— O que você lembra, Dan? Da mamãe e do papai?

— Praticamente nada — disse Dan, com as lágrimas brotando nos olhos.

— Dan, pense — insistiu Amy. — Você disse que não lembrava deles

na sua mente, mas lembrava em todos os outros lugares. Que memórias são essas?

Dan estava penando para respirar.

Histórias bobas. Chocolate quente na mesa branca da cozinha. Músicas de noite. O cheiro de roupa limpa. Braços grandes em volta de mim...

— Quando você tinha uns 2 anos — Amy começou a contar—, ouvi o papai dizer pra mamãe: "Quero conseguir chegar aos 43. Só isso. Então ele vai ter 8 anos e, se eu morrer, pelo menos vai lembrar quem eu sou". Não era para eu ter ouvido isso e fiquei assustada. A mamãe disse que ele estava sendo mórbido. Nunca vou esquecer do que ela disse em seguida. "Os bebês se lembram das almas, Arthur." Só agora eu compreendo o que ela queria dizer. Sabe essas coisas de que você lembra? É disso que a mamãe estava falando.

— Pessoas como sua mãe e seu pai — disse Nellie — não são capazes de cometer atrocidades.

— No fim, Irina tinha uma boa alma — retrucou Dan. — E foi capaz de cometer atrocidades enormes.

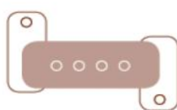
Amy pôs a mão no ombro de Dan.

— Irina demorou para encontrar sua bondade. A mamãe e o papai já tinham.

— Certo — disse Dan. — Isso é verdade. Agora podemos ir embora?

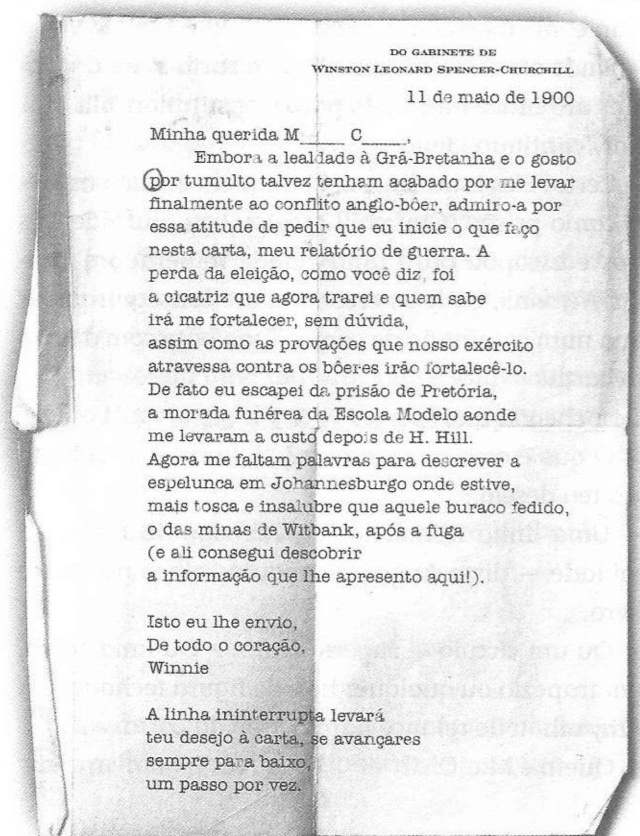
Enquanto ele andava até o carro, desdobrou a cópia da carta de Churchill.

Amy deu o braço para Nellie. Torcia para que Dan conseguisse parar de pensar nisso. E ela também.



No estacionamento, Dan estendeu a cópia.

— Olha só isso... — ele disse, embasbacado.



DO GABINETE DE
WINSTON LEONARD SPENCER-CHURCHILL

11 de maio de 1900

Minha querida M____ C____,
Embora a lealdade à Grã-Bretanha e o gosto
por tumulto talvez tenham acabado por me levar
finalmente ao conflito anglo-bôer, admiro-a por
essa atitude de pedir que eu inicie o que faço
nesta carta, meu relatório de guerra. A
perda da eleição, como você diz, foi
a cicatriz que agora trarei e quem sabe
irá me fortalecer, sem dúvida,
assim como as provações que nosso exército
atravessa contra os bôeres irão fortalecê-lo.
De fato eu escapei da prisão de Pretória,
a morada funérea da Escola Modelo aonde
me levaram a custo depois de H. Hill.
Agora me faltam palavras para descrever a
espelunca em Johannesburgo onde estive,
mais tosca e insalubre que aquele buraco fedido,
o das minas de Witbank, após a fuga
(e ali consegui descobrir
a informação que lhe apresento aqui!).

Isto eu lhe envio,
De todo o coração,
Winnie

A linha ininterrupta levará
teu desejo à carta, se avançares
sempre para baixo,
um passo por vez.

— Isso ajudou muito — reclamou Dan, com desgosto.

— H. Hill — repetiu Amy, folheando a biografia de Churchill. — Isso deve significar Hospital Hill. Era assim que eles chamavam Constitution Hill naquela época.

— Certo. E o Churchill odiava o lugar. Nellie deu de ombros. — Até aí, não é surpresa nenhuma.

— Aqui diz que o Churchill foi transferido da prisão daqui de Johannesburgo para um lugar chamado Staats Model, ou Escola Modelo Estadual, em Pretória — Amy continuou.

Dan confirmou com a cabeça:

— Onde ele escreveu isto. Onde a carta ficou durante anos até Grace mandá-la para Constitution Hill.

Amy continuou lendo o livro:

— Certo. Eles estavam usando aquela escola em Pretória como prisão.

Churchill escalou um muro de três metros e escapou para uma cidade mineradora chamada Witbank, onde se escondeu até conseguir pegar carona num caminhão de carga. Tudo bate com o texto desta carta!

Dan chegou mais perto:

— O que é essa parte no fim? “A linha ininterrupta levará teu desejo...”?

— Uma linha ininterrupta pode significar, tipo, a eternidade — disse Amy, passando os olhos no índice do livro.

— Ou um círculo — sugeriu Dan. — Ou uma caixa, ou um trapézio ou qualquer tipo de figura fechada!

Amy olhou de relance para o topo da carta.

— Quem é M... C...?

— C de Cahill! — exclamou Dan. — Quem sabe ele estava escrevendo isso, tipo, pra nossa bisavó? Nós sabemos o nome dela?

— Não — disse Amy, andando de um lado para o outro. — Certo, vamos pensar direito. O cara no aeroporto nos deu o código que nos trouxe para cá. De algum modo, ele está ligado a tudo isso. Grace deixou um documento secreto aqui para nós, um documento roubado de Pretória e escrito por um Cahill. Os Holt têm razão para acreditar que existe uma pista dos Tomas escondida em algum lugar da África do Sul...

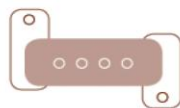
— Sim... e Churchill sabia qual era! — disse Dan. — É isso que a Grace está tentando nos mostrar. Talvez a localização da pista tenha morrido junto com o Churchill. Olha o que o velho Winnie escreveu no final da mensagem.

— “Minas de Witbank...” — leu Amy — ... “e ali consegui descobrir a informação Um Cahill talvez escrevendo para outro sobre descobrir urna informação! Me parece uma pista.

Amy sentiu uma tontura. Grace estava falando com ela do túmulo. Será que sabia onde a pista estava?

Nellie entrou no Yugo e começou a mexer em seu GPS novo.

— Carlos, querido, leva a gente pra Witbank.



Eles demoraram mais para achar Witbank do que tinham imaginado, principalmente porque o nome oficial da cidade tinha sido mudado para Emalahleni e ninguém avisara o Carlos. Também ninguém avisara o Carlos de que ele devia ser um ar-condicionado e, na humilde opinião de Dan, isso era ainda pior.

Depois de algumas perguntas confusas em um posto de gasolina, eles se dirigiam para a mina abandonada onde Churchill tinha ficado escondido.

Amy estava lendo outra vez. Sem parar.

— "... uma cidade construída a partir de seus ricos recursos minerais, Witbank era o lar de simpatizantes britânicos que esconderam Churchill após sua ousada fuga da Escola Modelo Estadual — Amy leu.

— Isso foi antes de ele virar.., você sabe, um gordão famoso — disse Dan.

— Primeiro-ministro da Inglaterra — corrigiu Amy. — Durante a Segunda Guerra Mundial.

Nellie parou o carro num pequeno estacionamento. Do lado havia uma casa e atrás dela uma paisagem seca pontilhada por morros de terra. Eles entraram pela porta aberta

Ali dentro, um homem magro e enrugado com um lápis atrás da orelha jogava xadrez com um adolescente.

Quando o menino se virou, Amy começou a gaguejar. Em silêncio. Era uma proeza da qual apenas Amy era capaz e que apenas Dan conseguia perceber.

E aquilo só acontecia na frente de meninos parecidos com este. Ele tinha cabelos castanhos e olhos cor de caramelo, como Nick Santos, amigo de Dan, que deixava qualquer menina do sexto ano com cara de tonta quando olhava para ela. Na verdade, ele até dizia

Repara, eu tenho o dom de deixar ela com caro de tonta, e então ele fazia isso. Só que este era mais velho.

— Que *ga-ti-nho* — sussurrou Nellie.

— Você também? — Dan reclamou.

— Xeque-mate! — exclamou o rapaz.

— Uauuu. — Foi o que Amy conseguiu dizer.

— Hã, estamos procurando o lugar onde o Churchill se escondeu, lembram? — disse Dan.

O homem deu um gemido e levantou da cadeira:

— É nos fundos. Vocês vão ver a placa. Dá uma ajuda pra eles, Kurt, pode ser? Vou querer minha revanche quando você voltar do ensaio do coral amanhã.

O menino sorriu. Principalmente para Amy.

— Foi mal, o coração dela pertence ao lan Kabra — disse Dan, se bem que alguma coisa nos olhos de Amy o fez perceber que o coração dela não pertencia a lan Kabra naquele exato momento.

Kurt abriu um sorriso confuso.

— Venham por aqui — ele disse, ficando de pé. Ele devia ter pelo menos 1,90 metro de altura. Amy o observou desfilar até a porta.

— Churchill se escondeu dos bôeres neste poço de mina depois de fugir — disse Kurt —, até que conseguiram tirá-lo daqui num caminhão de carga.

— Ele deixou algum tipo de mensagem aqui? — perguntou Dan. — Por exemplo, cartas escritas para alguém de dentro da mina? Com coisas sobre, hã, lugares e tal?

Kurt chegou mais perto de Dan:

— Pelo jeito você sabe o segredo... que a história do Churchill era tudo mentira.

— Sim, exatamente — concordou Dan, jogando verde e tentando não parecer um idiota. — Uma mentira deslavada. Eu sabia disso.

— Uma m-m-mentira? — gemeu Amy.

— Churchill era agente duplo — sussurrou Kurt. — É por isso que ele estava na África do Sul. Não para trabalhar como repórter. Para encontrar segredos.

— Agente duplo para os bôeres? — perguntou Nellie.

— Para outra pessoa — disse Kurt. — Para algum grupo. Ele deixou um símbolo num pedaço de roupa que guardamos lá dentro. Duas cordas e uma espada, com um grande L. Ainda não descobrimos o que significa. Mas ele estava procurando alguma coisa. E estava trocando mensagens com seus agentes, nos túneis. Eu sei, pois ele deixou uma mensagem na parede.

Dan olhou para Amy e soube que ela estava pensando a mesma coisa que ele. *L de Lucian.*

— O que dizia a mensagem? — perguntou Dan.

Kurt deu de ombros.

— Eu vi quando era criança. Eu costumava passar horas lá embaixo, praticando canto onde ninguém podia me ouvir. — Ele sorriu para Amy. — Antigamente eu era tímido.

— Onde fica essa parede? — Dan perguntou. — Podemos ver?

— Você tem asma — disse Amy. — As minas são cheias de pó.

— A caverna em Seul também era — respondeu Dan.

— E eu fiquei bem!

— Bom, deem uma olhada — falou Kurt, fazendo um gesto na direção de uma estrutura capenga, uma área cercada por uma placa em que se lia PROIBIDA A ENTRADA. — Já aconteceram alguns acidentes nessa mina. Basta você olhar torto para alguma coisa e acontece um desabamento lá dentro. Eles planejam implodir a mina em breve.

— Então... não podemos entrar? — disse Dan.

— Podem, claro. Se vocês quiserem um enterro grátis — respondeu Kurt. Ele piscou para Dan, depois virou-se para Amy. — Você joga xadrez?

— Um p-p-pouco — gaguejou Amy.

Perfeito. Dan não estava acreditando na sua sorte.

— Ela é ótima — interrompeu Dan. — Vai te destruir!

— Eu aceito o desafio — disse Kurt num tom de paquera. Dan não conseguia acreditar, o Kurt realmente gostava da irmã dele?

Enrubescida, Amy seguiu Kurt até a casa. E Dan se afastou lentamente,

Em direção à mina abandonada.

CAPÍTULO 17

— VOCÊ ESTÁ MALUCO?

Dan virou de costas. Contra o sol poente, viu a silhueta de Nellie. Seu corte de cabelo atual parecia um pequeno estegossauro montado num corpo humano.

— Ele piscou — disse Dan. — Quis dizer que não tem problema eu fazer isso.

— Você está mesmo maluco — repetiu Nellie. — Ele piscou porque gosta da sua irmã. Amy agora é prisioneira do enxadrista insano da África do Sul.

Dan olhou por cima do ombro dela. Pela janela, podia ver que o homem mais velho conversava, consertando alguma coisa num forno, enquanto Amy e Kurt jogavam xadrez sentados. Quando eles não estavam olhando para o tabuleiro, trocavam olhares.

— Eles formam um casal perfeito — comentou Dan.

— E ele estava exagerando sobre esta mina. Esses caras só ficam estressados com essas coisas por causa da cobertura do seguro.

— Você pelo menos sabe do que está falando? — Nellie perguntou.

— Não — respondeu Dan. — Mas e daí? Essa mina já está de pé desde o século XIX, não é verdade?

Nellie pensou um instante. Então estendeu o braço para trás, abriu a mochila e tirou uma lanterna.

— Leve isto. Se eu ouvir uma pedrinha se soltar, vou te puxar para cima por motivos de segurança. Desça agachado no poço. Não caia. Se você achar alguma coisa escrita na parede, vou te ajudar a anotar. Se você não achar nada, desencana e nós vamos embora daqui. Entendeu?

Dan agarrou a lanterna.

— Você é demais — ele disse.

— Eu sei. Agora vai logo.

Dan correu para a cabana e a contornou, correndo até os fundos. No centro de uma área cercada havia um buraco largo com a ponta de uma escada de corda puída pregada à borda. Ele engoliu em seco.

— Essa escada parece bem velhinha.

Nellie veio espiar.

— Certo, plano B. Você se debruça e olha. Só isso. Vou segurar suas pernas. Depressa!

— Certo. — Por um instante Dan congelou. Da última vez em que tinha estado numa mina, em Coober Pedy, na Austrália, havia deparado com aranhas venenosas e uma cobra assassina. Para não falar na asma. Você não vai entrar de verdade, disse a si mesmo, Só vai mergulhar um pouquinho.

Engolindo em seco, ele se agachou na beira do buraco. Sentiu as mãos de Nellie agarrando seus tornozelos enquanto ele ligava a lanterna.

O buraco era largo o bastante para apenas uma pessoa. As paredes eram lustrosas, como se fossem envernizadas. A escada de corda pendia até lá embaixo, desaparecendo no nada e balançando devagar ao sabor de alguma brisa invisível. Um fedor azedo, vagamente podre, exalava lá de dentro.

O buraco fedido das minas de Witbank... Churchill havia escrito.

— O que você está vendo? — sussurrou Nellie.

— Segura com força — pediu Dan.

As paredes de pedra eram ásperas e esburacadas, e uma grande rachadura descia pelo lado oposto. Dan pensou ter visto alguma coisa

escrita, mas era só o acúmulo de cascalho numa saliência estreita.

— Ouvi alguma coisa! — exclamou Nellie. — Vai rápido!

Nada.

Dan soltou o ar. Estava escuro demais, era pressão demais.

— Acionar teletransporte! — ele disse.

As palavras ficaram presas na sua boca. A lanterna agora estava apontada para dentro, iluminando a parede logo abaixo dele.

E ali, na pedra a pouco mais de um metro abaixo, havia várias linhas escritas cuidadosamente entalhadas.

— Espera! Achei! — gritou Dan. — Me abaixa um pouco! Estou vendo uma coisa!

Nellie chegou alguns centímetros para a frente. Dan desceu mais fundo no poço. Pedrinhas desprenderam-se da borda e choveram para dentro do buraco, caindo no silêncio. Dan não as ouviu atingir o chão.

Ele espremeu os olhos, estendendo a lanterna na direção dos escritos. Era difícil demais de ler.

Um decalque. Aquilo ia funcionar.

— Me puxe para cima! — pediu Dan.

Num instante, Dan estava saindo pelo buraco.

— Certo, Nellie, preciso descer de novo, desta vez com papel e lápis. Tem alguma coisa escrita lá embaixo e posso fazer um decalque.

— Agora eu sei que você está maluco — ela disse.

— Xeque-mate! — A voz de Amy ecoou da cabana, seguida de uma risada do velho e de um resmungo brincalhão de Kurt.

— Temos mais alguns minutos — afirmou Dan. — Ele vai pedir uma revanche.

— Como você sabe?

— É coisa de homem!

Nellie suspirou. Fuçando na mochila de Dan, ela tirou um lápis e um caderno e arrancou uma folha.

— Certo, mas vai rápido.

Manobrar a lanterna, o lápis e o papel não ia ser nada fácil.

— Vou precisar de um conjunto de reserva — ele disse. — Pro caso

de eu deixar cair alguma coisa.

Com um olhar exasperado, Nellie arrancou mais páginas e achou dois outros lápis. Dan os enfiou no bolso da calça.

Prendendo a lanterna na boca, ele disse:

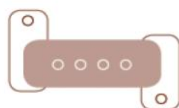
— Chertcho, vamoj lhá!

Dan se estirou de barriga para baixo na beira do buraco. Sentiu um calafrio e ouviu o som de pedrinhas escorregando pela parede por baixo dele. Ele avançou para a esquerda até agarrar algo que parecia pedra.

— Achhi! — tentou dizer Dan, avançando aos poucos por cima da beirada.

— Só um minuto, rapaz. Tem alguma coisa grudenta na sua mochila — disse Nellie. — Estou tirando da minha...

De repente, a terra abaixo de Dan desabou, numa explosão de solo preto. Ele sentiu uma queda abrupta. E depois estava escorregando para baixo no escuro, sua boca aberta num grito silencioso.



— PEGUEI!

— AAAAH! Dan achou que sua perna esquerda ia ser arrancada do corpo. Ele estava pendurado por ela, com a mão de Nellie segurando com força seu tornozelo.

Ele abanou os braços. Lápis e papel caíram. A lanterna despencou também, lançando uma breve luz descontrolada ao redor dele.

— Vou te puxar pra cima! — berrou Nellie. Instintivamente, Dan apertou as mãos contra a parede, procurando uma raiz, algo que o sustentasse, só por via das dúvidas.

A parede ali era sólida, repleta de pequenas rachaduras.

Não. Não eram rachaduras.

Eram letras entalhadas.

— Achei! — disse Dan. — Achei a mensagem!

— Você é pesado! — reclamou Nellie.

— Um minuto, Nellie! Só um minuto!

Depressa, ele tirou do bolso o papel e o lápis sobressalentes. Colocou o papel em cima da parede e começou a decalcar.

Quando teve certeza de que havia terminado, ele dobrou o papel e o enfiou de volta no bolso.

— Certo... agora!

— Aaahhh... — Nellie puxou. Dan sentiu seu corpo começar a subir. Lentamente.

Ele sentiu um tranco. A terra estava escorregando em volta dele, grudando em seu cabelo, entrando pelas pernas da calça.

— Puxa mais forte! — ele gritou. — O buraco está desmoronando!

— Estou puxando o mais forte que consigo!

Agora Dan estava ouvindo um burburinho. Outras vozes... de Amy, de Kurt e do velho.

Ele sentiu seu corpo subindo em velocidade constante. Tentou se segurar na parede, mas a terra se desfazia sob seus dedos onde quer que ele encostasse, caindo lá embaixo em cascatas.

— Muito bem! — disse a voz de Kurt e Dan foi erguido pela beira do buraco, tossindo.

— Hhhhhhh... hhhhhh... — Sua respiração consistia de chiados contraídos, como ruídos de papel cortando a noite.

— Levem ele pra dentro! — disse a voz do velho.

Asma. Às vezes, em emergências, a adrenalina entrava em ação e impedia os sintomas. Assim como tinha acontecido em Seul. Mas a asma era imprevisível. E agora ele sentia como se alguém tivesse tapado seu nariz e sua boca com um pano.

Ele sentiu seu corpo sendo carregado para dentro e deitado num sofá.

— Mastigue isso — disse Kurt, entregando a ele um objeto cilíndrico, parecido com um cacto, quebrado para soltar um líquido branco.

Era uma coisa úmida, mas sem gosto. No começo Dan engasgou, mas se obrigou a engolir. Amy ficou sentada ao seu lado até ele voltar a respirar direito.

E só então ela deu um chilique.

— Como você pôde fazer isso? — ela disse e depois olhou feio para Nellie. — E você! Devia tomar conta de nós, não incentivar as ideias cretinas do Dan!

— Mas... — Dan reclamou.

Amy não ia deixar que o irmão tomasse a palavra.

— Você não entende? Nós só temos um ao outro, Dan!

— Eu... eu achei a mensagem do Churchill! — ele disse.

— Você o quê? — espantou-se Kurt.

— Você o quê? — repetiu Amy.

Dan enfiou a mão na mochila e tirou o decalque.

— Estava na parede do poço da mina!

— Ex-poço da mina — corrigiu Kurt. — Agora é só um amontoado de pedras e terra.

— Um amontoado! — repetiu Amy.

Kurt levantou uma lanterna potente do parapeito de uma janela e iluminou um trecho de terra desmoronada.

— Eu... eu teria ficado enterrado embaixo disso? — disse Dan.

— Não pense nisso, amigo — disse Kurt. — Vamos dar uma olhada.

Dan olhou para a irmã:

— Você não vai repetir o que seu novo namorado

Antes que ela tivesse tempo de reagir, ele estendeu na mesa o decalque que tinha tirado da parede:



Dan ficou olhando em silêncio, lendo a mensagem diversas vezes.

— WLSC... — disse Kurt.

Winston Leonard Spencer-Churchill! — acrescentou Amy.

— Vocês dois formam uma ótima equipe — comentou Dan. Mais uma vez, Amy ficou vermelha.

O velho estava sorrindo de orelha a orelha:

— Mas olha só isso! Nós nem sabíamos que era nesse poço que ele tinha ficado escondido!

— Bom, alguns de nós sabiam — murmurou Kurt. — Mas... o que quer dizer essa mensagem? É totalmente sem sentido. Parece o delírio de um louco.

— Apoiado — concordou Nellie. — O cara ficou preso durante semanas num poço de mina. Quem não ia ficar meio lelé?

Kurt soltou uma gargalhada:

— “Não acho mico Kaasha”?

Churchill estava ficando lelé. Maluco. Delirando.

Dan fez a única coisa que parecia certa.

— É, tem razão — ele disse, levantando a folha. — Não faz sentido nenhum. Vamos esquecer que vimos isso.

Diantes dos rostos boquiabertos de Amy e Nellie, ele rasgou a mensagem secreta em pedacinhos.

CAPÍTULO 18

AMY NÃO CONSEGUIA ACREDITAR.

Alguma coisa tinha acontecido entre ela e Kurt. Ela não sabia explicar bem o quê. Sim, eles tinham jogado xadrez. Mas tinha sido mais que isso. Era como se todos os sentidos dela tivessem sido ligados de repente.

Pela primeira vez em semanas, ela tinha conseguido pensar em algo que não fosse a busca pelas pistas.

Então, sem mais nem menos, tinha que ir embora.

Mal houve tempo para se despedirem.

— Boa sorte — Kurt tinha dito a ela.

Mas ela só sentia o azar do momento.

E além disso havia o fato de Dan ter destruído a mensagem de Churchill.

— Como você pôde fazer isso? — ela perguntou enquanto Nellie os conduzia em alta velocidade para longe das minas de Witbank... e de Kurt.

O irmão olhou para ela, descrente:

— Ora, vamos, Amy. Você não achou que só porque eu rasguei...

— Eu sei, eu sei, você decorou! — disse Amy. — É o Show de Ginástica Mental de Dan Cahill. Mas a questão não é essa! Como você pôde ter se arriscado desse jeito tão idiota na mina? Você podia ter

morrido! De novo!

— Achei uma coisa que nenhuma outra pessoa achou em cem anos — disse Dan. — Que tal você, tipo, me agradecer?

— Ele também enganou aqueles dois caras, fez eles acharem que o papel não tinha importância nenhuma — completou Nellie.

— Você foi tão idiota quanto ele! — Amy disparou de volta.

Dan levantou um dedo:

— Winston Churchili uma vez disse: "Em tempos de guerra, a verdade é tão preciosa que deve ser guarnecida por uma escolta de mentiras".

— Como você sabe isso? — perguntou Amy.

— Está bem aqui, na página aberta do seu livro — respondeu Dan, apontando para a biografia jogada no banco do carro. — Churchill adorava mensagens em código. Ele trabalhava com espiões. Eu guardei essa belezura na cabeça, cara.

Na outra folha em branco que Nellie havia lhe dado, ele escreveu o que tinha achado dentro da mina:

ENTENDI GRIPE:
MASTRO.
NÁO ACHO
MICO
KAASHA
- Ó, LETRAS CONFUSAS,
FUJA, PRAIA, FUJA DESSAS LINHAS!
WLSC
- 29.086341/ 31.328/7

— Churchill não era maluco — disse Dan. — E não estava bêbado. Aposto que tudo isso significa alguma coisa.

Amy observou as palavras.

— "Não acho mico Kaasha"?

— Ainda estou apostando na explicação psiquiátrica — disse Nellie.

— Certo, certo, parece meio bizarro, mas vamos pensar — concordou

Dan. — O nome desse mico, Kaasha, parece meio árabe, não?

— Churchili tinha acabado de escapar da prisão, certo? — disse Nellie. — Será que ele trouxe um macaquinho pra fazer companhia? E não entendi essa história de mastro. A gente não está perto do mar...

— Dan? — perguntou Amy. — Lembra daquele código que tivemos que resolver na casa do tio Alistair para abrir a porta do cofre no quintal dele? Em que a dica na verdade era uma charada? E se essa coisa na verdade tiver duas partes: a parte de cima é o código e a de baixo são as instruções para decodificar?

— Hmm... — Dan olhou para as últimas linhas da mensagem. — Então, "Ó, letras confusas" seria parte das instruções.

— Ahã, e "confusas" podia ser um código para "embaralhadas". Letras embaralhadas, ou seja, um anagrama — disse Amy. — E "fuja"... isso talvez signifique que as letras têm que fugir, ou seja, você tem que tirar uma letra ou uma palavra...

— Praia! — exclamou Dan. — É isso. Não faz sentido mandar uma praia fugir. Ele deve estar falando das letras da palavra, p-r-a-i-a! E "destas linhas".., cinco letras, cinco linhas!... Espere, acho que eu sei...

ENTENDI GRIPE, — P = ENTE NDIGRIE
MASTRO, - R = MASTO
NÃO ACHO, - A = NÃOCHO
MICO,-I = MCO
KAASHA, - A = KASHA

Dan deu um tapa na testa.

— Aahhh, está em holandês

— Não é língua nenhuma — disse Amy. — Agora precisamos desembaralhar. 0k, essa penúltima palavra é fácil: com.

— Shaka! — exclamou Dan. — Essa é a última palavra! Por isso as últimas palavras são com Shaka! Certo, vou descobrir o resto em dois minutos. Podem marcar o tempo. Vai, comecem.

Mas Amy já estava olhando fixo para a primeira palavra.

— Dan, acho que ganhamos na loteria.

O rosto de Dan se iluminou, como se ele estivesse diante da seção de sorvetes do supermercado. Lenta- mente, ele atacou o quebra-cabeça e só parou quando terminou:

<u>ENTENDIGRIE</u> INGREDIENTE
<u>MASTO</u> TOMAS
<u>NÃOACHO</u> NO CHÃO
<u>MCO</u> COM
<u>KASHA</u> SHAKA

— Ingrediente Tomas no chão com Shaka! — anunciou Dan.

— Demorou três minutos e sete segundos — comentou Nellie.

— Ele sabia! — exclamou Amy. — Churchill sabia onde estava a pista dos Tomas!

— Ele deve ter descoberto enquanto estava na prisão — disse Dan. — Ou quem sabe tinha um Cahill tomando conta da mina.

— Então... a pista deve estar enterrada junto com o corpo de Shaka — concluiu Amy.

—Agora sim é que vai ser legal! — respondeu Dan.

— Eca — reclamou Nellie, do banco da frente. — Nós temos que desenterrar um corpo?

— Dan? — perguntou Amy. — Onde o Shaka está enterrado?

Dan pegou seu livro sobre Shaka e folheou até o fim.

— Bom, ninguém tem 100% de certeza. Mas diz a lenda que ele foi morto num lugar chamado Durban, que fica na província de KwaZulu-Natal.

— E onde fica isso? — Nellie quis saber.

— Depois da província de Mpumalanga — respondeu Dan.

— Ah, valeu muito.

Mas Dan estava olhando para o pé da página de código.

— Só uma coisa. E esses números de loteria?

Amy olhou os números de perto:

— Parecem coordenadas de latitude e longitude. Temos como descobrir onde isso fica?

Dan começou a mexer no GPS:

— Parece uma tarefa para o nosso amigo Carlos.



O telefone tocou no instante em que o professor Robert Bardsley ouvia os últimos acordes da sinfonia Ressurreição", de Mahler.

— Oi, Winifred, querida — ele disse, enxugando uma lágrima enquanto colocava o telefone no ouvido.

— Você me pegou num momento emotivo.

Enquanto ele ouvia a voz do outro lado da linha, suas lágrimas secaram. Desligou a música.

— Você conheceu quem? Sim, eu sei que ela tinha netos... Que idade?... Isso é ótimo. Que triste que ela se foi. Então você mostrou a carta do Churchill para eles? Ah... Sim, também não sei por que tanto segredo. Um poema de amor bastante sem graça, na minha opinião. Oh, tenho certeza de que são crianças incríveis. Ora, não se preocupe, tudo bem que você esqueceu de passar meu contato para eles. Por que eles iam querer conhecer um velho acadêmico cansado como eu? Obrigado por telefonar... Vamos mesmo tomar um chá, talvez quando eu estiver em Johannesburgo em julho. Sim, boa noite.

Depois de desligar o telefone, o professor Bardsley guardou alguns CDs, um telescópio, um afinador e um par de óculos infravermelhos numa bolsa de lona e espiou pela porta da frente. A rua estava vazia, pelo menos até onde ele podia ver. Mas ele teria que tomar precauções.

Ele voltou agachado para dentro e discou um número, que caiu na caixa postal.

— Olá, Nsizwa, aqui é o Bardsley. Vou precisar que você assuma o ensaio amanhã cedo, pois fui chamado para passar o dia fora. — Após uma

pausa, ele acrescentou: — Pensando bem, eu talvez precise do grupo. Você receberá notícias minhas em breve...

Ao sair, ele tirou de cima da prateleira do armário um chapéu de abas largas e uma faca de caça.

CAPÍTULO 19

— O CORRETO É DIZER QUE SE PRECISA IR AO BANHEIRO — DISSE O policial no Museu de Shaka em Durban.

— Como é?

Dan não estava com paciência para aquilo. A viagem na noite anterior tinha demorado uma eternidade. E agora, depois de umas poucas horas de sono em Durban, o centro da província KwaZulu-Natal, e uma visita ao museu, ele só tinha perguntado onde era o banheiro. Não queria uma aula de gramática.

O guia sorriu:

— Vocês vieram aqui atrás do Churchill, não é? Não sabem que ele dava muito valor às regras gramaticais? Você disse que queria ir no banheiro...

— Hã, preciso ir, senhor... — respondeu Dan.

— Sou o senhor Cole — disse o homem. — Primeira porta à sua direita.

Ao entrar no banheiro, Dan quase trombou com um velhinho caquético, cujo rosto parecia o de um esqueleto.

— Foi mal, cara.

Depois de finalmente se aliviar, Dan saiu rapidinho. O velho, andando

muito devagar não tinha nem conseguido chegar até a metade do caminho.

— Ao longo dos anos, de tempos em tempos — o senhor Cole estava contando para Nellie e Amy —, algumas pessoas fizeram perguntas sobre a relação entre Churchili e Shaka Zulu. Meu pai não gosta muito desses visitantes.

Ele fez um gesto na direção do velho.

— Bom, o Churchill não pode ter tido uma relação com o Shaka — observou Amy. Ele nasceu quase cinquenta anos depois que o Shaka morreu.

— Pois é — concordou o senhor Cole. — Já dissemos isso várias vezes para nossos visitantes. Então, um dia, após uma visita, uma de nossas peças mais preciosas desapareceu: um escudo muito grande que pertenceu a Shaka. Era meu pai quem tomava conta do museu naquela época e ele nunca se perdoou.

— Esse escudo que os caras roubaram era parecido com este? — perguntou Dan, tirando do bolso o cartão de Shaka e mostrando-o ao homem.

— Muito parecido — respondeu o senhor Cole, confirmando com a cabeça.

— E esse grupo... eles eram, tipo, grandes? — perguntou Dan. — E barulhentos e mandões?

Ele não conseguiu deixar de notar que o velho senhor quase os alcançara. O homem estava fazendo uma cara feia e, quando começou a falar, sua voz era um sussurro áspero.

— Por que vocês querem saber sobre Churchill? — ele exigiu saber.

— Pai, por favor... eles são crianças, não são ladrões.

— O senhor Cole sorriu, como se pedisse desculpas. — Meu bisavô, o avô do meu pai, conhecia Churchill.

— Churchill era malandro — disse o velho. — Obcecado por Shaka. Foi por isso que veio à África do Sul. Não para trabalhar como repórter. Não para lutar. Foi para descobrir sobre o *isipho.*

Dan olhou apreensivo para a irmã e depois de volta para o homem, cujos olhos estavam ficando vermelhos.

— *Isipho?*

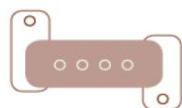
— É uma coisa que Shaka deu aos europeus — explicou o idoso. — Eles salvaram sua vida com a medicina deles e Shaka pensou que eles tinham poderes mágicos. Mas eles também estavam procurando alguma coisa. Algo que os zulus possuíam. Algo que os europeus levaram e transformaram numa poção. Dizia-se que ela havia multiplicado os poderes de Shaka.

Os olhos de Amy diziam exatamente o que Dan estava pensando. Parece coisa dos Cahill.

— Uma p-poção? — perguntou Amy.

— Tudo bobagem, é claro! — retrucou o velho. — Mas eles permitiram que Shaka se tornasse um deles... que pertencesse à família deles. Shaka confiou neles! E não devia ter confiado em ninguém! Shaka devia ter dado o aniklwa para Fynnl

— Pai, por favor, não vamos começar de novo — disse o senhor Cole. Enquanto conduzia o pai de volta para o acervo, ele ergueu os ombros para Dan, se desculpando. — Podem olhar à vontade.



— Os Tomas! — exclamou Amy enquanto Nellie pegava o acesso à rodovia. — Era deles que o senhor Cole estava falando.

— Grandalhões debiloides perguntando sobre Shaka e Churchill — completou Nellie. — Isso faria sentido.

— E roubar um escudo que por acaso estava marcado com o brasão dos Tomas — observou Dan, com o nariz enterrado na biografia de Shaka.

— Vocês lembram o que o senhor Holt estava reclamando? — disse Amy. — Que os outros Tomas acharam a pista, blá-blá-blá? Achei que ele estava sendo paranoico, mas quem sabe ele tinha razão. Talvez os ladrões que visitaram o museu foram os mesmos que acabaram encontrando a pista.

— Fynn... Certo, aqui está ele! — disse Dan, apontando para uma

página na biografia de Shaka. — Era desse cara que o velho estava falando: Henry Francis Fynn. Depois de uma batalha, ele forneceu ajuda médica e armas para Shaka. Shaka ficou tão grato que permitiu que os britânicos ficassem no reino zulu. Então as coisas começaram a dar errado. Muito errado. Anos depois, Fynn falou supermal do Shaka num livro. Disse que ele era um monstro.

Amy fez que sim com a cabeça:

— A Inglaterra estava tentando colonizar a África do Sul, principalmente por causa dos diamantes.

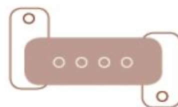
— Isso mesmo! — concordou Dan. — E de qualquer modo, mesmo sem os rifles europeus, Shaka era um superstar. Antes dele, as tribos arremessavam lanças compridas nos inimigos e esperavam. Tipo, lá-lá-lá, flechas no ar, enquanto isso, aceita um cafezinho? Shaka disse: chega dessa palhaçada, melhor usar lanças curtas! Daí você pode ir direto na fuça do inimigo e pá! Tchuft! Aaaahhhh!

— Você por acaso já pensou em ser escritor? — brincou Neilie.

— O seu livro diz o que é um isipho? — perguntou Amy.

— Negativo — respondeu Dan, balançando a cabeça.

— Dan... — disse Amy. — Fynn e os outros europeus... eles disseram a Shaka que ele pertencia à família. Foi isso que aquele senhor disse. Quem sabe o Shaka era um Cahill afinal. Não de nascença, mas por causa de alguma coisa que eles trocaram. O isipho.



Seguindo a orientação de Carlos, Nellie saiu de Durban e foi em sentido noroeste rumo às coordenadas -29.086341/31.32817. Pequenas vilas se espalhavam pelo campo, agrupamentos de cabanas circulares de tijolos de barro com telhado de palha. Numa das vilas, um grupo de homens conduzia o gado para dentro de um cercado capenga de madeira. Em outra, Dan trocou acenos com uma equipe que fazia tijolos de barro,

colocando-os em pilhas perfeitas de cor marrom avermelhada. Nellie precisou dar uma guinada para desviar de um grupo de mulheres que andava na beira da estrada, cada uma equilibrando na cabeça um feixe de galhos que parecia equivaler a uma árvore inteira. E numa sala de aula ao ar livre, crianças pequenas ergueram o olhar quando o Yugo passou, tão entediadas quanto crianças americanas.

— Estrada não detectada — Carlos estava dizendo agora. — Virar à direita quando possível.

Nellie parou. À direita havia um monte de pessoas espalhadas entre cobertores cheios de roupas, contas, obras de artesanato e embalagens de comida. Em volta pessoas cantavam e dançavam, crianças corriam de um lado para o outro e brincavam, e pessoas mais velhas sentadas como reis e rainhas eram entretidas e alimentadas. A maioria dos aldeões usava roupas comuns em estilo ocidental, mas uns poucos trajavam penas coloridas, peles de bezerro e vestidos enfeitados de contas.

— Uma feira de rua — disse Dan —, sem a rua.

— Sawubona! Bem-vindos! — exclamou um dos vendedores, um jovem vestindo algo que parecia ser uma pele de leopardo, inclusive com uma faixa de leopardo na cabeça. Ele apontou para todas as mercadorias em volta e falou num sotaque pesado, que parecia vaga- mente britânico: — Temos contas, estátuas, comida! Juntem-se a nós! Eu sou Mondli... Mondli, palavra zulu que significa “aquele que alimenta” E vocês?

— Dan — respondeu Dan. — Palavra americana que significa “aquele que come”. Qual é a ocasião?

— Dia da pensão! Os idosos na nossa comunidade recebem a aposentadoria todo mês. E nós respeitamos nossos idosos. Por isso comemoramos, e eles fazem compras! — Mondli soltou uma risada e depois estendeu uma saia elaborada, enfeitada com contas, na direção de Amy. — Que tal para a senhorita?

— É... mais o estilo da Nellie — disse Amy.

Porém Nellie estava com o olhar perdido ao longe:

— Hã, galera? De acordo com o Carlos, estamos indo para lá.

Dan seguiu o olhar dela. Atrás da feira, o campo formava uma subida

íngreme, salpicada de formações rochosas. No topo, uma manada distante de antílopes de chifres compridos pastava em silêncio. Uma área coberta de árvores se estendia num declive para a esquerda. Mas Nellie estava olhando para uma construção branca e atarracada no topo do morro.

— Ali? — disse Mondli. — Tem certeza? Posso perguntar o que vocês vão fazer ló?

— Estamos... hã, pesquisando a cultura zulu — respondeu Dan. Amy lançou para ele um olhar de mandou mal.

— Ah, bom. Nesse caso, fiquem conosco aqui — disse Mondli. Ele apontou para o morro e franziu o rosto. — As pessoas que construíram aquele lugar não são zulus.

— E são o quê? — perguntou Dan.

Mondli deu de ombros:

— Pessoas brancas, amarelas, escuras. Uma fábrica. Nos disseram que iam trazer empregos. Mas as pessoas que foram trabalhar ali... elas mudaram.

— Mudaram? — disse Nellie. — Em que sentido?

— Segredos — falou Mondli com desgosto. — Elas nunca quiseram nos contar. Muito importante. Disseram que nosso povo vai se beneficiar, porém não vimos nada disso. Alguns dos nossos jovens desapareceram. A empresa disse que foram transferidos. Para locais secretos.

Um dos anciãos que estava sentado ali perto numa cadeira de praia veio na direção deles. Estava descalço e vestia roupas simples, folgadas.

— *Tokoloshe!* — ele disse, apontando para cima do morro com um dedo trêmulo. — *Tokoloshe!*

— Com licença. — Mondli assentiu com a cabeça num sinal de respeito e escoltou o homem de volta para a cadeira, falando com ele em zulu. Ao voltar, fez um gesto para que Dan e Amy o seguissem até um lugar um pouco mais afastado. Sob a sombra de uma árvore cuja copa parecia ter sido achatada por uma mão gigante, Mondli disse: — Temos tentado fazer essas pessoas deixarem a comunidade. Sou ex-aluno da universidade e um grupo nosso está trabalhando com uma pessoa de lá. Não tivemos sucesso. — Ele olhou para cima do morro. — É verdade que

temos um espião infiltrado, mas, para conseguir qualquer coisa contra eles, é preciso praticamente um exército.

Dan não estava gostando daquela história. Ergueu o olhar para o imponente prédio e engoliu em seco.

— Se nós, há, decidirmos ir lá, qual é o melhor jeito?

Mondli indicou uma trilha que subia entre as rochas da encosta íngreme:

— Eu sugiro que vocês não façam isso... Mas não se afastem do caminho. Evitem as árvores a qualquer custo. Há armadilhas de caça. — Ele deu um passo para trás, tirando um maço de papéis de debaixo da túnica. — Sou cartógrafo profissional. Minha firma está trabalhando no mapeamento da área. Ainda não terminamos, mas peguem uma cópia. Como lembrança.

— Obrigado — agradeceu Dan. — Só uma pergunta. O que aquele senhor estava falando pra gente?

— Ele é um sangorna, um curandeiro tradicional — disse Mondli. — As pessoas geralmente olham para cima do morro e veem uma grande empresa. Ele vê outra coisa. Tokoloshe.

— Toko...? — Amy tentou repetir.

— Não existe tradução para isso — disse Mondli com um suspiro. — Você acredita na existência da alma? Os tokoloshe levam a alma embora. Eles a roubam e não devolvem nunca mais.

CAPÍTULO 20

CÃES DE GUARDA
CERCA ELETRIFICADA
ALARME!! NÃO SE APROXIME!!!

DAN FICOU BOQUIABERTO AO VER A PLACA SOBRE O PORTÃO trancado. Atrás dele havia um caminho de pedra ladeado por arbustos. Levava a um prédio de seis lados sem janelas, construído num mármore claro que parecia mudar de tonalidade conforme se andava. De um lado, um enorme aparelho de ar-condicionado zumbia, e acima da porta da frente pendia uma placa com um logotipo corporativo: UBUHLALU ELETRÔNICA.

— Olha, que simpático — ironizou Nellie.

— Eu... eu acho que o senhor Mondli tinha razão — disse Amy. — A gente provavelmente não devia fazer isso.

— Como a gente conseguiria entrar? — perguntou Neilie.

— Nós queremos mesmo entrar? — replicou Amy. — Isso pode ser uma perda de tempo. Afinal, Churchill escreveu essas coordenadas mais de cem anos atrás. Não sabemos se os Tomas realmente estão aqui. E se

eles mudaram de lugar?

Nellie lançou um olhar cético para o prédio.

— Esse lugar não tem muito a cara dos Tomas — ela disse.

Dan pensou por um instante. Churchill dera coordenadas para uma pista dos Tomas. A descrição do senhor Mondli fez parecer que aquelas pessoas poderiam ser Tomas. Mas empresas também podiam ser hostis.

— Vamos investigar este lugar — ele sugeriu, começando a contornar a lateral do prédio —, e tomem cuidado nos arbustos.

— Por quê? — Amy perguntou.

— Estamos na África do Sul, cara — respondeu Dan.

— O lugar de onde vêm as najas. E não são cobras bonitas que nem o lan.

Ele seguiu o prédio até o outro lado, onde a encosta do morro formava uma leve descida. Estendendo-se a partir dos fundos da fábrica, havia uma estrutura feia, de metal enferrujado, que parecia as ruínas de um velho armazém. Acima dela estavam dispostos vários painéis de energia solar, azuis e brilhantes. Uma pequena cerca branca de madeira rodeava o armazém a partir da parede do prédio maior e descia o morro. Um jardineiro de aspecto abatido estava abrindo uma porta do armazém, O homem fez uma careta e acenou para que eles fossem embora. Depois entrou e saiu da vista deles.

— É reciclagem — comentou Amy. — Prédio velho embaixo, coletor de energia solar em cima.

Havia uma placa com uma mensagem em várias línguas diferentes presa à cerca. Uma delas dizia: NÃO AVANÇAR ALÉM DESTA ÁREA/COLETORES DE ENERGIA.

— Certo, agora chega — disse Nellie. — Sugiro que a gente volte lá pra baixo, compre umas contas dos moradores locais, faça umas piadas sobre antílopes...

Mas Dan estava de olho em alguma coisa. Havia uma estaca vertical de madeira presa ao prédio maior, com uma faixa de vidro que percorria todo o seu comprimento. Uma série de estacas iguais, feito cactos fora do lugar, havia sido fincada no gramado entre a cerca de madeira e os

coletores de energia solar, como os restos de uma cerca mais antiga dentro da mais nova.

— Amy, você tem uma moeda?

Amy tirou do bolso várias moedas de rúpias indonésias e as entregou para Dan. Recuando, ele jogou as moedas contra o velho prédio.

ZzzipI Zzzip! Zzzip! Zzzip!

Uma por uma, elas produziram faíscas e caíram no chão, soltando fiapos de fumaça.

— Noooossa — exclamou NeIlie. — O que você fez?

— É uma cerca elétrica invisível — disse Dan. — Quem passa por ela é fulminado na hora. Deve ser o jardineiro que liga e desliga.

— Fulminar pessoas para proteger painéis solares? — perguntou Amy.

— Vamos fazer uma visitinha pra esses caras. — Dan começou a correr de volta para a entrada principal.

Amy alcançou Dan em frente à placa de aviso:

— "Cães de guarda... Cerca eletrificada." Quem vai primeiro?

— Talvez tenha uma campainha em algum lugar — ponderou Nellie.

— Ei, podia ser pior — disse Dan. — Pelo menos não diz... — Pelo canto do olho, ele avistou um movimento rasteiro na grama. — COBRA!

Amy revirou os olhos:

— Muito engraçado.

— Não, Amy. Olhe!

— Ahhh... achhh... — As palavras ficaram presas na garganta de Amy. Ela sentiu o peso em cima dos sapatos antes mesmo de olhar para baixo. Quando olhou, seus pés estavam embaixo do corpo verde e fluido de uma cobra de quase dois metros de comprimento. O animal deslizava depressa, os olhos bem abertos.

— Mamba — disse Dan, lembrando da aula de ciências. Cobras eram um dos únicos assuntos que o mantinha acordado na escola. — Não se mexa. Enquanto a cabeça dela estiver perto do chão, está tudo bem.

Os braços de Amy estavam tremendo. Seu rosto estava branco como uma folha de papel. Agora metade do corpo da cobra já tinha passado pelos pés dela... A cauda... Quase acabando...

PLAFTI

A porta do prédio se abriu de repente. Amy deu um pulo.

Com um chiado furioso e expandindo as laterais do corpo, a cobra se afastou.

— Dan! — berrou Amy.

Um homem veio pisando duro na direção deles, seguindo o caminho de lajotas. Tinha pele escura e mais de dois metros de altura, com uma pança roliça que esgarçava os botões de sua camisa preta. Uma cicatriz dividia sua sobrancelha esquerda, descendo pela bochecha até o maxilar. O homem olhou feio para eles, com os olhos esbugalhados. Na mão direita, trazia um rifle.

A cobra levantou o corpo, agora de olho no guarda. Quando o homem se aproximou, ela deu o bote.

Num reflexo rápido, o homem apanhou um galho do chão com a mão que estava livre. A mamba cravou os dentes com força na madeira. Com calma, o homem arremessou o galho morro abaixo e a cobra foi junto se debatendo.

Ele olhou feio para Dan, Amy e Nellie. A raiva em seus olhos tinha se transformado em perplexidade.

— Pois não?

Seu crachá exibia o nome A. Bhekisisa.

— Isso f-foi incrível — disse Dan.

O guarda sorriu:

— Obrigado. Estou confuso. Um alarme disparou. Foram vocês?

— Talvez — respondeu Dan. — A gente meio que se perdeu.

— Estamos... p-p-procurando nossos p-p-pais — gaguejou Amy.

Dan resmungou por dentro.

— Sinto muito — disse o senhor Bhekisisa, dando risada. — O rifle está deixando vocês nervosos. Tenho ordens de carregá-lo. Temos um equipamento muito sensível e caro aqui. As pessoas estão sempre tentando roubar. Venham!

Amy odiou aquele lugar. Era amplo e limpo, com pisos lustrados e veículos com rodas de borracha que iam de um lado para o outro. Em volta havia cubículos onde pessoas com cara de nerd estudavam planilhas.

O senhor Bhekisisa pediu que eles esvaziassem os bolsos por questões de segurança, pedindo desculpas o tempo todo. Ofereceu-se para jogar fora as embalagens de doce de Dan. Examinou as diversas anotações dobradas e os souvenirs de Amy. Mexeu no iPod de Nellie. Depois abriu as mochilas deles.

A carteira de Irina.

Amy gelou. Se ele olhasse ló dentro, iria suspeitar de alguma coisa.

Mas ele se limitou a fuçar em tudo e devolver as mochilas.

— Mil desculpas, mas eles são um tanto paranoicos por aqui — disse o senhor Bhekisisa. — Então. Onde estão os seus pais?

— Nós... hã, viemos cedo — balbuciou Dan. — Eles devem chegar daqui a uma hora mais ou menos.

— Então vou levar vocês para fazer um tour — ofereceu o senhor Bhekisisa.

Enquanto caminhava, Dan murmurou:

— Cercas invisíveis assassinas.., pra isso?

— Acho que sei do que o sangoma estava falando — disse Nellie. — Este lugar realmente rouba sua alma. Credo.

Amy passou por uma parede forrada de caixas de papelão que escondiam parcialmente uma porta com uma pequena placa:

RADIOATIVO: APENAS FUNCIONÁRIOS AUTORIZADOS

Os olhos dela pararam. Aonde dava aquela porta?

Ela traçou um mapa mental do ambiente.

A área de armazenagem de energia solar. O velho armazém.

A porta ficava mais ou menos onde estavam aqueles anexos do prédio. Ela examinou a placa.

Radioativo.

Aquilo era estranho. Energia solar não era radioativa.

Por outro lado, energia solar geralmente não era protegida por uma cerca invisível de alta voltagem.

Ela se aproximou discretamente. A porta tinha um pequeno painel retangular brilhante perto do trinco. Seguindo a intuição, Amy tirou a carteira de Trina da mochila. Percorreu a pilha de documentos de plástico até chegar ao cartão de Reagan Flolt. Com cuidado, ergueu o documento na altura do painel.

Uma pequena tela se acendeu:

HOLT, R.

POSICIONAR DEDO NO SENSOR AGORA

CAPÍTULO 21

— DAN, VOCÊ TEM QUE VIR AGORA! NELLIE, VOCÊ TAMBÉM!

Amy entrou correndo na sala dos funcionários da Ubuhlalu Eletrônica, parecendo incrivelmente entusiasmada.

— Onde você estava? — exclamou Nellie.

— Não me diga — disse Dan. — Você achou uma biblioteca.

— Cadê o guarda? — perguntou Amy, olhando em volta.

Dan fez um gesto na direção do senhor Bhekisisa, que estava de pé num canto falando ao celular.

Amy agarrou a mão de Nellie:

— Rápido!

Dan atravessou o cômodo atrás delas. Amy os conduziu até a porta escondida atrás da pilha de caixas. Ele chegou mais perto da placa.

— Radioativo? — surpreendeu-se. — Esta porta deve dar lá fora, naqueles anexos.

— Exatamente — disse Amy. — Certo, vocês se lembram da carteira da Irina, com todos aqueles documentos? Ela tinha um cartão para cada membro da família Holt. — Olhando para os dois lados, ela tirou três identidade de plástico, pertencentes a Hamilton, Reagan e Madison. — Quando encostei o cartão da Reagan na tela, o nome dela apareceu.

— É um esconderijo dos Tomas — falou Dan. — Eu sabia! E nós temos acesso!

Amy fez que não com a cabeça:

— Precisa de impressão digital, Dan.

— Droga, eu sabia que nós devíamos ter amputado eles quando tivemos a chance — disse Nellie.

Dan franziu a testa:

— Peraí... a porta simplesmente fica aqui? Não está nem escondida?

— Se essa empresa é uma fachada — disse Amy —, então deve ter muitos Tomas aqui. Talvez todo mundo seja. Por isso não seria preciso esconder a porta. As pessoas provavelmente entram e saem por essa porta o tempo todo.

— Deixa eu ver essa carteira — pediu Dan.

Amy entregou a carteira e ele fuçou lá dentro, tirando os três saquinhos plásticos fechados, cada um contendo uma lamina de microscópio. Havia uma inicial escrita com caneta preta em cada saquinho. Dan abriu com cuidado o que estava marcado com a letra H e tirou a lamina. Então a segurou contra a luz.

— Não dá pra enxergar nada — reclamou Amy. — Alguém deixou uma mancha bem no meio.

Mancha.

Isso queria dizer que alguém tinha mexido naquilo. Mexido com as mãos. Ou seja...

— Não é uma mancha qualquer — disse Dan. E separou os dois pedaços de acrílico que compunham a lâmina. Dentro havia uma membrana úmida e enrugada, num formato côncavo. — É uma impressão digital.

— O quê? — Amy se surpreendeu.

Dan enfiou a mão na carteira outra vez e tirou a identidade de 1-lamilton Holt.

— Segura isso — disse, entregando o documento para Amy. Do jeito mais delicado possível, Dan grudou a pequena membrana por cima de seu indicador direito. Era meio gosmenta, mais espessa do que havia

imaginado.

Ele acenou com a cabeça para a irmã:

— Agora.

Amy passou o cartão sobre a placa.

HOLT, H

POSICIONAR DEDO NO SENSOR AGORA

Acendeu-se um disco vermelho, logo abaixo das palavras. Dan pressionou firmemente o dedo dentro do círculo e esperou.

— Nada — ele murmurou. — O que será que eu fiz de errado?

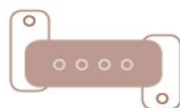
Ele tirou o dedo e olhou para a membrana.

O disco vermelho piscou e ficou verde. A porta soltou um bipe.

ENTRADA AUTORIZADA!

BEM-VINDO, HAMILTON HOLT.

Com um clique, a porta se abriu.



— Nossa, isso sim é que é legal... — disse Dan.

Ao pisar numa escada rolante, ele se virou para Nellie e Amy. Um por um, os três tinham passado pelo sensor. A porta tinha se fechado atrás deles e agora estavam todos dentro do anexo.

Como a ponta de um iceberg, a estrutura com os painéis de energia solar era apenas o topo de um quartel-general monstruoso que parecia se estender até o infinito. Era como se o morro inteiro tivesse sido escavado.

O lugar era todo iluminado por luz natural. Devia haver janelas estrategicamente situadas entre os painéis de energia solar, talvez até escondidas no meio da grama do morro.

Conforme a escada rolante descia, Dan percebeu como o lugar estava organizado. Tinha o formato de uma vasta colmeia: câmaras hexagonais de vidro encostadas umas nas outras, todas cheias de gente.

A parte mais estranha eram as vozes: grunhidos, gritos de angústia, pedidos de misericórdia, urros triunfantes. Como uma câmara de tortura

com orçamento ilimitado. Algumas continham duas pessoas, algumas tinham grupos — de ‘uta-livre, boxe e outras formas de combate que Dan nunca tinha visto antes. Algumas das paredes de vidro estavam manchadas de vermelho.

— O que eles estão fazendo ali dentro? — perguntou Amy, contorcendo-se apreensiva.

— Aquilo não é aula de dança de salão — comentou Nellie.

Quando a escada rolante chegou ao fim, um homem robusto de cabelos grisalhos veio num passo apressado na direção deles.

— Holt — ele disse, estudando-os com um olhar impassível. — Estados Unidos?

— Sim — respondeu Dan.

— Senhor Malusi — apresentou-se o homem de maneira eficiente. — Sigam-me.

— IAAAAAAHHHH... PARE! — gritou uma voz enquanto eles passavam por uma câmara cuja placa dizia COMBATE LIVRE.

— É mais calmo no meu escritório — disse o senhor Malusi. Ele os conduziu até uma sala espaçosa, gelada por causa do ar-condicionado. Apontou para um conjunto de poltronas de couro enquanto se sentava atrás de uma mesa escura de madeira lustrosa.

— Holt... Holt... — ele repetiu, tamborilando no telefone. — Não tenho muitas informações aqui. Oh! Oh, meu Deus. Rã! Eisenhower...

Involuntariamente, Dan sentiu uma pontada de ofensa:

— Nossa família tem sido leal há diversas gerações...

— Sim, sim, os pecados do pai, *et cetero* — retrucou o senhor Malusi, vagamente afastando o pensamento com um gesto. — Mesmo assim, é muito bom que vocês tenham se oferecido como voluntários para o treinamento.

— Treinamento? — perguntou Nellie.

— Vocês viram nossos favos — disse o senhor Malusi.— Cada um é dedicado a um aspecto do treinamento zulu adaptado para o século XXI: agilidade, tática, força, resistência. Os zulus, é claro, foram os maiores guerreiros que o mundo jamais conheceu. Sob o comando do maior líder

da história. Somos uma escola de liderança. — Ele se levantou de forma abrupta. — Temos exatamente duas horas para fazer um tour e instalar vocês nos dormitórios. Depois vocês precisam escolher sua especialidade de combate.

— Eu... eu... eu não sei se... — Amy gaguejou.

Mas o senhor Malusi já tinha saído pela porta.

Eles o seguiram, passando por um ringue de boxe com três paredes, onde dois homens se enfrentavam com luvas acolchoadas e sem capacete. Os dois giravam numa velocidade estonteante, alcançando alturas quase impossíveis com pulos, investindo com pernas e braços, parecendo desafiar a gravidade enquanto subiam pelas paredes para dar saltos e ataques frontais.

— Nossa, isso é muito legal — disse Dan.

— É o samhetsin, uma arte marcial inventada pelos Tomas — comentou o senhor Malusi.

Logo à frente do ringue, ocupando quase metade da sala, havia uma jaula com chão de terra. Dentro dela, um homem de peito nu enfrentava um animal salivante de costas arqueadas.

— Isso é uma hiena? — perguntou Dan.

O senhor Malusi fez que sim com a cabeça:

— Escolhida pela força de suas mandíbulas, capazes de esmagar e pulverizar ossos.

A hiena saltou para cima do homem. Com um grunhido, ele deu um passo para o lado, conseguindo se esquivar da hiena e, ao mesmo tempo, estender a mão até o pescoço dela.

O animal desabou em silêncio no chão.

— Excelente, senhor Yaman! — gritou o senhor Malusi. Notando a expressão de horror no rosto de Amy, ele disse: — Não se preocupe. O senhor Yaman domina a arte do isolamento de nervos. Ele imobilizou a hiena apenas por um breve tempo, depois a soltamos de volta na selva.

— E se ele errar? — questionou Amy.

— Ele nunca erra — disse o senhor Malusi, dando de ombros.

Enquanto o senhor Malusi continuava andando, Dan sentiu Amy

agarrar sua camiseta.

— D-D-Dan, não podemos fazer isso — ela gaguejou.

— Eu sei — ele sussurrou. — Estou pensando.

— Diferentemente dos outros clãs — disse o senhor Malusi por cima do ombro —, temos consciência de que estamos em guerra. Manter a posse das pistas exigirá a maior defesa, os guardas mais ferozes e treinados do mundo. Outros clãs talvez tenham conhecimento técnico, capacidade de projetar equipamento, etc. Mas apenas os Tomas estarão preparados para guardar e proteger o segredo das 39 pistas.

E fazer o quê?, pensou Dan. *O que você faz exatamente quando encontra o maior poder do planeta?*

Dan olhou nervoso para Amy. Sabia que ela estava pensando a mesma coisa.

— Como vocês... nós... vamos compartilhar o segredo? — perguntou Dan.

O senhor Malusi virou, inclinando a cabeça num gesto de curiosidade:

— Compartilhar? Esse é um conceito insólito. Por acaso um país compartilha seu armamento nuclear? Um comerciante bem-sucedido compartilha seus produtos? Nosso negócio não é o caos, jovem Hamilton. Nosso negócio é tomar e manter. Em beneficio da nossa gloriosa família.

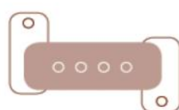
Ele os conduziu até uma seção afastada das outras, do tamanho de vários favos juntos.

— Este é o nosso teatro — ele mostrou. — O timing de vocês é impecável. A peça sobre Shaka Zulu começa daqui a cinco minutos.

— Posso ir no banheiro antes? — perguntou Dan.

O senhor Malusi olhou para o relógio:

— Você tem três minutos. Quarto favo à esquerda.



Amy teve uma sensação meio sinistra antes mesmo de a peça começar.

Estar no centro de treinamento dos Tomas era como uma espécie de fantasia apocalíptica. Era esta a filosofia do clã? Pessoas se transformando

em máquinas de guerra? Se era isso que o poder fazia com as pessoas, então por que procurar as 39 pistas, afinal?

Porque Grace queria isso, ela pensou. *Ela tinha um plano. E ela não era uma Tomas.*

Ou será que era? Amy se deu conta de que, além dela própria e de Dan, Grace era a única Cahill cujo clã ela desconhecia.

Quando as luzes diminuíram, Dan se enfiou no assento ao lado da irmã e a peça começou. O senhor Malusi, que estava sentado na fileira logo à frente, olhou para o relógio e fez uma cara feia de censura para Dan.

Ao som ritmado de uma banda vestindo trajes tradicionais, a peça contava a vida de Shaka. Era brutal e realista, atingindo o clímax na batalha de NdwandweZulu, em que centenas de atores arrancavam escudos uns dos outros com gestos grandiosos, depois cravavam lanças no peito uns dos outros. Amy fechou os olhos.

— Eca — resmungou Nellie.

— Não é de verdade — sussurrou Dan, — Acho que não.

Quando Amy abriu os olhos, o ator que interpretava Shaka estava jogando uma mulher mais velha, que não parava de gritar, dentro de uma cabana, O rosto dela estava coberto de maquiagem azul e marrom, seus olhos eram branco puro. Ela entoava cânticos para os céus, suscitando uma série de relâmpagos cênicos. Em cima do palco surgiram três chacais salivantes, muito realistas, O senhor Malusi se virou no assento para falar com eles.

— Shaka era um grande homem, mas não tinha escrúpulos — ele explicou, entusiasmado. — Acreditava que a mãe de Zwide, o rei dos nwandwes e seu maior rival, era uma san goma malvada cujo espírito entrara por magia no reino zulu e dizimara seu povo. Por isso, quando ele a capturou, deu de comer para os...

— AAAHHH! —veio um grito de dentro da cabana.

Amy não estava conseguindo aguentar aquilo. Levantou num pulo e saiu correndo.

— Um Tomas com estômago fraco? —comentou o senhor Malusi para Dan. — Também temos treinamento para isso.

— Vou falar com ela — disse Dan.

Ele encontrou a irmã fora do teatro, andando de um lado para o outro.

— Vamos embora — ela falou. — Quero sair daqui, Dan. Odeio este lugar.

— Você é brilhante — disse Dan, puxando Amy pelo braço. — Eu estava tentando bolar um jeito de sair do teatro junto com você, mas você fez isso por mim. Vem, depressa.

— Aonde nós vamos? — perguntou Amy.

— Eu não fui no banheiro — disse Dan. — Quando descemos a escada rolante, notei um favo que era diferente dos outros. Por isso fui dar uma olhada...

Ele a conduziu até o centro da colmeia. As paredes de vidro de uma das câmaras estavam cobertas de hera, que subia em direção a uma claraboia que parecia estar quilômetros acima deles. Ld dentro, havia um quadrado de terra iluminado pelo sol, com caminhos sinuosos repletos de grama. Cactos exóticos com brotos em cores vivas ocultavam o que parecia um monumento de pedra.

— Nossa, que lugar imenso — exclamou Amy.

— Vem — disse Dan. — Nós temos permissão. Somos Tomas.

Amy seguiu o irmão e entrou no enorme favo, percorrendo um dos caminhos até o monumento. Tinha o formato de uma cabana circular zulu com um telhado pontudo de palha. Na frente havia uma estátua de Shaka Zulu, segurando um escudo de corpo inteiro.

No centro do escudo estava o símbolo dos Tomas.

— Este é o escudo que foi roubado do museu de Durban — sussurrou Amy.

Dan estava vendo uma série de placas nas paredes da cabana, cada uma numa língua diferente.

— Holandês... Africâner... Zulu... — leu Dan. — Xitsonga... Xhosa... Sesotho... Setswana.. Siswatl... Shangaan... Venda... Tsonga... Pronto, achei! Leia isto.



— Dan, isto é...? — perguntou Amy.

— Uma cripta? — O rosto de Dan estava tão carregado de emoção que parecia que ia rachar. — Certo, este prédio fica no ponto indicado pelas coordenadas de Churchill. E ele escreveu “Ingrediente Tomas no chão com Shaka”. A lenda diz que Shaka foi enterrado em Durban, mas ninguém jamais conseguiu provar. É aqui, Amy. Encontramos o verdadeiro túmu’o de Shaka Zulu!

Amy olhou para baixo. O solo era seco e duro. A base do monumento estava abarrotada de plantas que pareciam cactos.

Quando ela ergueu o olhar, Dan estava segurando uma lança.

— O que você está fazendo com essa coisa? — chiou Amy.

— Não é uma coisa, é uma azagaia — corrigiu Dan. — Tem um monte delas aqui. Escondi uma no mato.

Ele apontou a lança na direção de Amy e a arremessou para baixo.

— Ei! — gritou Amy, jogando o corpo para o lado.

A lança se fincou na terra com um tum sólido, dividindo um cacto.

— Consigo fazer isso — disse Dan. — Mas você precisa me dar cobertura. Quanto tempo vai durar essa peça?

— Não vai dar pra enganar o senhor Malusi por muito tempo! — insistiu Amy. — Isso é suicídio. Desta vez estou falando sério, Dan. Isso não vai dar certo.

— Dan? Amy? — Nellie chamou do corredor. — Ei, onde vocês estão?

Amy se virou e abriu a porta.

CAPÍTULO 22

O HOMEM DE PRETO ODIAVA AEROPORTOS. TANTA ESPERA, TANTO controle.

Ele olhou para cima. Seu sistema de vigilância o tinha alertado para a chegada de inimigos a qualquer minuto. Porém os voos estavam lotados hoje. Os horários seriam alterados, os pousos, adiados. Talvez eles ficassem voando em círculos por um bom tempo. Ou, o que seria muito pior, seriam enviados para Outro aeroporto.

Mas os Lucian eram mestres na arte de aparecer sorrateiramente e o homem de preto tinha paciência de sobra. Pelo canto do olho, ele avistou alguém se aproximando da área de pouso. O funcionário de uma companhia aérea. Ele baixou a lente de aumento sobre os óculos de sol e esperou até obter uma visão nítida do rosto de frente.

Ali estava. Usando a câmera telescópica de alta resolução no aro dos óculos, ele capturou a imagem e a transferiu para seu aparelho de vigilância portátil. Esperou 0,7 segundos por um teste de reconhecimento facial com base no banco de dados central.

Era um agente dos Lucian. Um Arranjador, sem dúvida. Muito bem pago hoje em dia, pois infiltrar-se em companhias aéreas tornou-se tarefa muito difícil.

O homem de preto sorriu. Os dois estavam esperando a mesma chegada. Mas por motivos muito diferentes.

Um barulho familiar cruzou ao longe o espaço aéreo. O serviçal dos Lucian ergueu o olhar. Seu rosto era uma máscara rígida de eficiência.

Quando o homem de preto começou a avançar, um grande lenço de seda surgiu por trás dele, na frente do rosto. Ele rapidamente estendeu as mãos para cima, agarrando a echarpe antes que pudesse entrar em contato com seu pescoço.

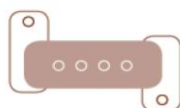
Hermès. Seda.

Virando-se com rapidez e agilidade, o homem de preto levantou a echarpe e, junto com ela, os braços de seu agressor.

Ele baixou a echarpe em volta do pescoço de Alistair Oh.

— Aaarrgllch... — balbuciou Alistair.

— Alistair — disse o homem de preto —, eu imaginava que, na sua idade, com a sua experiência, você não seria ingênuo de cometer um erro tão grave.



Dan ficou totalmente imóvel junto ao monumento de Shaka, prendendo o fôlego.

— Ei, Amy, Dan... o senhor Malusi está procurando vocês! — A voz em pânico de Nellie veio da porta do favo-gigante. — Onde vocês estão?

— Deixa que eu cuido disso — Amy anunciou para Dan. — Vou voltar para o teatro e inventar alguma desculpa para o senhor Malusi sobre o seu paradeiro. Depressa

Amy correu até a porta. E, com um leve tum, ela se fechou.

Dan circundou rapidamente o monumento. Por onde começar? As plantas da família dos cactos eram grossas e teimosas, difíceis de tirar do lugar. Ele puxou os talos para o lado da melhor maneira que pôde, examinando a pedra lisa na base do monumento, torcendo para achar alguma dica.

Logo embaixo da estátua de Shaka, havia três ou quatro entalhes na pedra, como se alguém tivesse batido nela com instrumentos pontudos. Uma pá grossa podia ter feito aquilo. Era o melhor lugar para começar.

Dan foi cavando com a lâmina. O solo era muito denso, mas ele continuou cutucando, levantando pequenas explosões de terra. A azagaia podia ser uma excelente lança, mas era uma péssima pá.

Do lado de fora ele ouvia um tumulto, uma confusão de vozes. Foi fincando a lança com mais força, com um barulho ritmado que ecoava cada vez mais alto nas paredes em volta. TCHUC... TCHUC... TCHUC...

Uma voz vinda de fora foi se aproximando.

— Eu sei que ele é só um menino.., mas é um menino Tomas e espero dele um senso de responsabilidade digno do clã!

Era o senhor Malusi.

TCHUC... TCHUC... TCHUC...

O suor caía nos olhos de Dan. Ardia.

— Você pode me mostrar as a-a-artes marciais femininas? — Amy perguntou.

TUC.

Dan parou e se ajoelhou. Aponta da lança atingira alguma coisa sólida. Ele espanou a terra solta com a mão. Aquilo não era uma raiz nem uma pedra. Era metal.

Ele pôs a mão perto da lâmina da azagaia e firmou o cabo com a outra mão, raspando a terra até distinguir as bordas de um quadrado.

Cavou nos quatro lados. Teve a impressão de estar atravessando mais vegetais do que solo. O emaranhado de raízes era tão denso que parecia um exército de cobras mortas. Por fim, ele conseguiu soltar o objeto e o retirou da terra.

Era um pequeno cubo de metal, com uma dobradiça no meio e fechado com um cadeado antigo, entupido de terra.

Limpando a terra, Dan viu o nome Shaka entalhado na tampa da caixa. Ele puxou o cadeado, porém estava emperrado.

Seu coração bateu mais forte. A mensagem de Churchill dizia no chão com Shaka.

Só podia ser aquilo.

Ele se levantou e cobriu o buraco de terra outra vez. Depois jogou pedaços de plantas por cima do morrinho e bateu várias vezes com os pés. jogou a azagaia num arbusto, tirou a mochila das costas e abriu o zíper.

Então ele notou a quina saliente da base de pedra do monumento, despontando cerca de um centímetro da estátua da cabana. Se ele conseguisse bater o cadeado naquela pedra, com bastante força...

Deixando a mochila aberta cair no chão, Dan segurou a caixa bem acima da cabeça. Depois baixou os braços com força, mas a caixa se estatelou contra a pedra, e um som surdo ecoou no pátio.

Dan cerrou os dentes e tornou a levantar a caixa. Com um grunhido, arremessou-a com força contra a pedra. O cadeado bateu na quina e partiu-se em dois.

TUÓÓÓI TUÓÓÓ! TUÓÓÓ!

Um alarme soou. Dan recolheu a caixa e a mochila e correu para a porta. Com um forte estalo, ela se abriu.

O senhor Malusi entrou de repente, com Amy e Neilie logo atrás.

— Jovenzinho, o que raios você está fazendo?

CAPÍTULO 23

— AMY, NELLIE, CORRAM! — DAN GRITOU.

O senhor Malusi disparou na direção dele. Dan rapidamente foi até onde tinha deixado a azagaia, recolheu-a do chão e a arremessou em uma das paredes de vidro. A lança passou por entre o emaranhado de trepadeiras, estilhaçando o vidro numa explosão ensurdecedora.

Ele correu até o buraco a toda velocidade, pulando para desviar das plantas. Atravessou-o com um salto e saiu da câmara.

O vasto salão central, com seus caminhos sinuosos entre os favos, estava um caos.

— DETENHAM ESSE MENINO! — berrou o senhor Malusi.

A voz veio da esquerda.

Os olhos de Dan vasculharam a área e ele fugiu em disparada para a direita, segurando a mochila. Amy e Nellie agora corriam na direção dele.

— Sigam-me! — ele gritou.

Um zumbido forte se alastrou pelo complexo. Holofotes de emergência se acenderam acima das cabeças deles, projetando colunas de luz branca ofuscante que circulavam pelas salas. De todos os lados, Dan ouvia as batidas de portas se fechando.

— A escada rolante! — apontou Nellie.

Dan olhou de relance para cima. A porta no topo da escada rolante tinha se aberto e por ela entrava uma enxurrada de homens vestindo ternos brancos vindos do outro prédio.

— Não — ele disse. — Venham. Vamos seguir pela parede mais externa.

A densa rede de favos justapostos fazia da parede o melhor esconderijo. Eles caminhavam devagar ao longo dela. No caos, Dan ouviu um grito estridente acima deles.

— Agachem-se!

Os três se jogaram no chão, mas Dan percebeu que era só um passarinho. Devia ter entrado pela porta do jardineiro.

A porta.

Onde estava? Ele olhou em volta, desesperado.

Ali. Estava totalmente fechada, muito acima das cabeças deles. Perto dela havia uma cabine feita de tela de metal. Uma cabine de elevador.

— Por aqui! — ele gritou, correndo até o fundo da cabine. O elevador estava parado no chão, de porta aberta. Dentro dele havia dois vasos de cerâmica quebrados e pedaços de uma mangueira de jardim. — Entrem!

Depois que Nellie e Amy entraram, ele fechou a porta e girou um disco de metal para a posição LIGAR. O elevador subiu lentamente acima do caos. Eles se encolheram no chão sujo de terra e ficaram escondidos, passando despercebidos pelas hordas de Tomas que berravam lá embaixo.

— DETENHAM-NOS! — berrou uma voz.

Quase despercebidos.

O elevador parou de repente.

— Dan! — gritou Amy.

Mais ou menos trinta centímetros da parte de cima da porta do elevador já haviam alcançado a saída do velho armazém. Era um buraco grande o bastante para um corpo humano. Dan abriu a porta do elevador com um puxão, depois juntou as mãos em concha.

— A gente consegue. Amy, vai você primeiro.

— Não posso abandonar vocês! —protestou Amy.

— Corre, antes que eles baixem essa coisa! — disse Dan.

Ele levantou a irmã, que passou espremida pela abertura.

— Você é o próximo, moleque — Nellie se adiantou.

— E nem pense em discutir comigo.

Ela deu impulso para Dan atravessar a abertura. Ele jogou a mochila de lado, se debruçou e estendeu a mão para Nellie. Juntos, ele e Amy agarraram os braços da *au pair* e a puxaram.

O elevador começou a ranger e sacudir. E então começou a descer.

— PUXEM! — Nellie gritou.

Metade do seu corpo já havia passado, porém o espaço estava se fechando, prestes a esmagá-la.

Por trás de Amy e Dan, um braço de homem alcançou a abertura do elevador. A palma da mão pressionou o teto do elevador para cima, enquanto o cotovelo se firmava no chão.

O elevador gemeu, depois parou de se mexer. Com o outro braço, o homem agarrou Nellie.

Dan enrijeceu. Não havia tempo para suposições. Não havia tempo para olhar.

— Subindo! — gritou o homem.

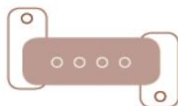
— IAAAUUUU! — Nellie passou espremida e rolou na grama.

Dan e Amy rolaram junto com ela, enquanto o elevador descia depressa e sumia de vista.

— Você perdeu isso? — perguntou uma voz grave.

Dan se virou para encarar o homem que havia salvado Nellie.

O senhor Bhekisisa estava segurando a caixa de Shaka. E não estava sorrindo.



— Onde vocês acharam isto? — o senhor Bhekisisa exigiu saber.

— Eu não pretendia roubar nada. Vou devolver! — Dan respondeu. — Nós... nós podemos resolver essa situação juntos!

— Venham comigo, todos vocês — ele disse. — Agora!

Ele começou a correr morro abaixo, afastando-se da porta da frente da Ubuhlalu.

Amy não tinha intenção alguma de seguir aquele cara para... onde?

— Aonde ele vai? — ela perguntou.

— Vocês estão esperando um convite? — disse o senhor Bhekisisa.

— Vamos — disse Dan. — Ele está com a caixa!

Enquanto Dan, Amy e Nellie corriam atrás dele, o senhor Bhekisisa gritou:

— Eles nunca tiveram uma violação de segurança como esta. Vocês deram sorte. Eu disse a eles que vocês tinham encontrado a rede secreta de túneis. Isso vai mantê-los ocupados por um tempo.

— Peraí... você é... — começou Dan.

É verdade que temos um espião infiltrado, mas para conseguir qualquer coisa contra essas pessoas, é preciso praticamente um exército... Foi isso que o senhor Mondli disse.

— Você é um espião! — exclamou Dan.

O senhor Bhekisisa avançava depressa.

— Eu era... um Tomas — ele disse, sem fôlego. — Agora... sou o que era quando nasci. Um sul-africano. Corram. Tem outros de nós esperando.

— Outros? — Nellie se espantou. — Como eles sabiam?

— Depressa! — O senhor Bhekisisa continuou descendo a encosta para o mato. Ali, um grupo de homens e mulheres subia o morro na direção deles.

Dan desceu correndo e Amy e Nellie vinham logo em seguida. Os olhos do menino estavam focados em um homem à sua frente. De repente, a figura lhe pareceu familiar, o rosto cheio de rugas com uma cicatriz comprida, os olhos verde-acinzentados. A calça cáqui e a camisa eram um traje muito mais alinhado que a roupa que ele estava vestindo antes.

Precisam de um serviço de carro? Ou jovens animados como vocês conseguem se orientar na África do Sul por conta própria?

— Você! — exclamou Dan. — Você é o cara que estava no aeroporto... O que deu o cartão pra gente!

O homem estava enxugando o suor da testa.

— O que aconteceu lá em cima, Bhekisisa? — ele perguntou, num tom de urgência.

O senhor Bhekisisa mostrou a caixa, abrindo um sorriso largo:

— Essas crianças são muito espertas.

O queixo do outro homem caiu:

— Bom Deus, vocês realmente acharam a pista do Churchill?

— Sua dica... — disse Amy. — Constitution Hili...

— Sim, e Church Hill — respondeu o homem de modo breve. — Peço desculpas pelo erro criativo de ortografia... Considerem um toque de simetria poética. Eu sou Robert Bardsley, professor de música. Estes são meus alunos.

O homem apontou para trás de si, mas não tirou os olhos da caixa.

Amy ficou boquiaberta. Dan inclinou a cabeça e seguiu o olhar da irmã até o fim do grupo de pessoas, onde um garoto alto de cabelos castanhos estava parado, sorrindo.

— Kurt? — disse Amy, arregalando os olhos. — O que você está fazendo aqui?

— Eu canto com a turma do professor Bardsley às vezes. Ele disse que ia levar a gente numa excursão. — Quando Kurt deu um passo à frente, seus olhos pousaram no senhor Bhekisisa, que ofegava enquanto segurava a caixa. O olhar entusiasmado de Kurt se transformou numa expressão apreensiva quando olhou outra vez para Amy. — Você está bem? O que está acontecendo?

O professor Bardsley pós a mão no ombro de Kurt.

— Vocês conhecem o Kurt, crianças? Um ótimo cantor... só queria que ele pudesse vir de Emalahleni mais vezes. — Ele sorriu para o aluno, depois se virou. — À pista. Está aí dentro?

O senhor Bhekisisa estendeu a caixa para Dan:

— Vou deixar que os dois irmãos tenham esta honra. Mas antes precisamos sair de onde possam nos ver.

— Então venham — chamou o professor Bardsley. — Depressa.

Ele começou a correr em direção às árvores. Kurt agarrou a mão de Amy e seguiu, com Nellie logo atrás.

Mas Dan congelou onde estava. Evitem as árvores a qualquer custo.

— Espera... nós não podemos entrar aí! — ele berrou. — Lembrem o que o senhor Mondli disse!

— Não podemos nos preocupar com isso agora! — Amy gritou de volta. Esses caras devem conhecer a região!

Dan desceu o morro correndo e alcançou Nellie, Amy e Kurt, que acompanhavam o professor Bardsley.

— Quem está perseguindo vocês? — perguntou Kurt, enquanto ajudava Amy a pular por cima de um galho caído.

— Ela explica depois — disse Nellie, ofegante. Depois virou para Robert: — Quer dizer que o Bhekisisa não é

um Tomas de verdade. Vocês estão junto com o Bhekisisa. Vieram aqui resgatar a gente. Vocês sabem das 39 pistas. E você é um professor que por acaso estava passeando nas árvores com seu coral de alunos?

O professor Bardsley falava depressa, o tempo todo olhando por cima do ombro:

— A maioria de nós já foi Tomas um dia. Nós conhecemos os favos de treinamento. Também conhecemos os aldeões locais e sabemos como têm sido explorados pelo clã. Eu sou sul-africano. Faz muito tempo que estou farto de exploração. — Ele sorriu. — Acontece que a música é minha profissão. Por isso, gostando ou não, os que se unem à resistência devem concordar em cantar.

— Seu nome... Robert... — Amy disse enquanto eles desciam um declive. — Lá no museu, a senhora Thembeka perguntou se o Robert tinha mandado a gente.

— Winifred e eu somos velhos amigos — disse Robert.

De trás deles vieram gritos. Dan espiou. Os Tomas estavam correndo para fora do prédio e se espalhando pela encosta do morro.

Amy entrou em pânico.

— Esconde a caixa! — ela gritou.

— VÃ0! — berrou o senhor Bhekisisa.

O grupo se mantinha unido, pulando por cima de arbustos e atravessando a lama. Dan segurava a caixa. Não havia tempo para escondê-

la. Não havia tempo para pensar.

Eles estavam em enorme desvantagem numérica.

— Dan — disse Amy, correndo ao lado dele. — Temos que dar a caixa pra eles!

— Você está maluca? — perguntou Dan.

— Isso pertence a eles, Dan! — Amy respondeu. — Nós roubamos! Não é que nem as outras pistas. Nós roubamos isso deles. Isso nos torna tão ruins quanto eles.

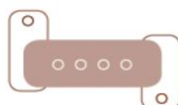
— Crianças, corram! — gritou o professor Bardsley.

Amy e Kurt saíram em disparada e se embrenharam entre as árvores. Dan seguiu atrás, olhando para os dois lados.

Mondli dissera que havia armadilhas de caça. Mas que tipo de armadilha? Mandíbulas de ferro? Gaiolas suspensas? E onde estavam elas, afinal?

O mapa.

Dan parou de repente e abriu a mochila. Enfiou a mão lá dentro e tirou uma folha de papel enrolado.



— Galera! PAREM AGORA MESMO!

Amy e Kurt pararam ao ouvir a voz de Dan. Ele estava correndo na direção deles, com o rosto todo vermelho.

— Nós os despistamos? — o professor Bardsley perguntou.

— Manda o seu pessoal parar! — insistiu Dan.

O professor Bardsley gritou para os outros, que começaram a virar, curiosos.

Logo à frente deles, visível por entre as árvores, havia uma enorme clareira coberta de grama.

— Precisamos evitar essa clareira a qualquer custo — afirmou Dan, passando por eles até chegar à beira da linha das árvores.

Os outros se agruparam atrás dele, olhando para o campo oval e esturricado.

— Pode parecer loucura — continuou Dan —, mas confiem em mim. Temos que contornar até o outro lado.

Os alunos, mesmo parecendo céticos, contornaram a clareira. Apinharam-se atrás de arbustos, escondidos pelas copas das árvores.

— O que está acontecendo? — perguntou Amy.

Dan tinha no rosto aquela expressão concentrada e intensa, aquela que na vida normal dizia Estou esperando para ver se a Mindy Bluhdorn vai perceber que pus um chiclete no cabelo dela, mas agora podia significar qualquer outra coisa.

— Todos, escutem! —exclamou Dan. — Os Tomas estão vindo em nossa direção pela esquerda, pelo norte, atravessando o mato. Comecem a fazer barulho... agora!

— Isto é uma estratégia? — o professor Bardsley se espantou.

— Façam o que eu disse... por favor! — insistiu Dan.

Amy olhou para Nellie, que estava com o rosto pálido.

Um por um, com relutância, todos fizeram o que Dan mandou. Gritando, cantando, batendo nas árvores com galhos caídos.

Agora Amy ouvia passos, vozes. Os Tomas estavam abrindo caminho no mato.

— Dan, vamos! Nós não podemos ficar simplesmente parados aqui! — gritou Amy.

Os primeiros Tomas saíram por entre as árvores. Entre eles estava o senhor Malusi. Kurt ficou na frente de Amy e começou a cutucá-la para que recuasse.

— Ora, ora — disse o senhor Malusi, franzindo o rosto numa expressão rígida. — Daniel e Amy Cahill, imagino? Eu devia ter imaginado. Vocês não pareciam ser da estirpe dos Holt. Que bela peça vocês me pregaram. Agora só o que vocês precisam fazer é devolver a caixa.

Em pouco tempo, a borda oposta da clareira se encheu de lutadores, espadachins e guardas. Toda aquela massa de Tomas começou a se

aproximar lentamente dos alunos do professor Ilardsley, mantendo-se ao redor da clareira.

— Não acredito nisto — sussurrou Dan. — Esta parte não devia acontecer...

— O quê? A nossa morte? — disse Nellie.

— Não era para eles ficarem ao redor desse jeito, sem entrar na clareira. — Dan gritou por cima do ombro: — Comecem a cantar! Espalhem-se para os dois lados!

— Como é? — disse o professor Bardsley.

— "I'm with you and you're with me"... cantem essa! — pediu Dan. — Precisamos confundi-los. Fazer com que eles entrem na clareira!

Os alunos trocaram olhares perplexos. Porém Kurt deu um passo à frente e, numa voz grave e ressonante, começou a cantar:

— I'm with you and you're with me, and so we are all together, so we are all together, so we are all together...

Os homens e mulheres estenderam os braços para os lados, buscando as nados dos cantores e cantoras a fim de formar uma corrente humana. Suas vozes se ergueram até o topo das árvores. Enquanto cantavam, avançavam paro a direita num passo ritmado, seguindo o perímetro da clareira.

— Sing with me, I'll sing with you, and so we will sing together, as we march along! We are marching to Pretoria, Pretoria, Pretoria...

Os Tomas pararam onde estavam, entreolhando-se apreensivos. Amy não fazia ideia do plano maluco que o irmão tinha em mente, mas também estava cantando.

— Isso mesmo — disse Dan em voz baixa para o professor Bardsley. — Vamos cercá-los pelos dois lados.

Bardsley olhou para Dan como se o menino tivesse perdido o juízo. Então um sorriso se esboçou de repente em seu rosto.

— Você é um discípulo de Shaka...

Dan confirmou com a cabeça:

— Os chifres de búfalo. Alguns de nós formam o corpo e os outros...

Os alunos avançaram para fora, embrenhando-se nas árvores,

cantando, cercando os Tomas como um grande punho.

O senhor Malusi olhou para os dois lados com um sorriso de quem estava confuso, meio que achando graça daquela cena.

Mas os Tomas estavam mudando de direção, recuando, se amontoando... e lentamente avançando para o centro da clareira.

— Não estou com humor para assistir a um interlúdio musical — reclamou o senhor Malusi. — E não estou com humor para atacar crianças estúpidas. Mas vocês viram o tipo de treinamento que nós recebemos. E, se não devolverem essa caixa imediatamente, imaginem o que vai acontecer!

A turma do professor Bardsley estava fechando o círculo, de braços dados. Os Tomas se apinharam em volta do senhor Malusi, aguardando ordens.

Dan respirou fundo e segurou a caixa com força.

— Só por cima do meu cadáver — ele disse.

O senhor Malusi deu de ombros:

— Certo. Tomas... ATACAR!

CAPÍTULO 24

— IIIIIIIAAAAAAAAAAAHHHHHHHH!

As vozes se espalharam pela clareira, sanguinárias e ressonantes. Amy estava gritando atrás dele. A cantoria tinha parado.

E de repente, nada. Não havia mais nenhum som.

Dan sentiu seus braços tremendo. As pontas de seus dedos estavam amortecidas, mas ele ainda segurava a caixa. Em volta da clareira, os alunos do professor Bardsley tinham se reunido, todos olhando fixo para baixo.

Os Tomas haviam... sumido.

Tem mesmo armadilhas.

Dan estava tremendo.

— Eu... eu não acredito que deu certo... — ele murmurou.

Onde antes ficava o gramado, agora havia um buraco enorme, de pelo menos três metros de profundidade e que ocupava quase toda a circunferência da clareira. Do fundo, no meio daquela horda lamurienta e ferida de Tomas heroicos, o senhor Malusi jazia atordoado.

— Dan, o que foi que você fez? — Amy estava puxando o irmão por trás, dando gritinhos.

Atordoado, Dan tirou o mapa enrolado do bolso:

— O senhor Mondli deu isso pra gente. É um mapa topográfico. Mostra essa armadilha gigantesca. Não sei que tipo de bicho eles capturam aqui. Talvez rinocerontes.

O professor Bardsley enxugava a testa com um lenço:

— Brilhante, rapaz. Não sei se teríamos escapado sem você!

— Sem o Shaka — corrigiu Dan.

Jogue o corpo para a frente, depois deixe os chifres se formarem de fora para os lados. Esprema seu inimigo.

— A formação em chifre de búfalo funcionava na batalha — continuou Dan. — As pessoas ainda usam essa técnica em guerras. Os caras não estavam indo pra onde a gente queria que fossem. Precisávamos fazer com que eles se mexessem. Apenas achei que a gente podia... aprender com a história, sabe?

— Peraí ! — interrompeu Nellie. — Esse é mesmo o Dan Cahill falando?

Os Tomas estavam abaixo deles, num buraco largo, gemendo, discutindo e tentando escalar as paredes quase verticais. Os alunos ficaram na borda, cantando outra música numa língua estrangeira com uma harmonia fluida. O professor Bardsley sorriu.

— Francês — ele disse. — "Mon coeur se recommande à vous". Orlando di Lasso. Uma das canções favoritas da sua avó. E minha também.

— A caixa, Dan — sussurrou Amy. — Abre a caixa!

Dan tentou levantar a tampa, porém ainda havia pedaços daquela planta da família dos cactos incrustados na fenda.

— Deixa eu tentar — disse Amy, batendo com força na tampa. Ela conseguiu levantá-la, e voaram pedaços de raízes de plantas. No entanto, as raízes haviam crescido para dentro da caixa, cujo interior parecia um bolo compacto de plantas.

— Nossa — comentou Dan —, parece uma lata de atum.

Kurt tirou um canivete do bolso.

— Talvez vocês precisem disso — ofereceu.

Amy cravou a faca nas raízes e começou a arrancá-las. — Tem alguma

coisa aqui dentro — ela murmurou.

— Ahã, um bolo de cactos — disse Dan.

— Não são cactos — sorriu Kurt. — Isso é umhlaba, também conhecida como *inhlaba*, uma planta medicinal. Vocês a conhecem como aloe. Ela ajuda no tratamento de diversos problemas de saúde. Praticamente só existe nesta parte do mundo.

— Dan, olhe!

Amy tirou da caixa uma joia delicada, uma pulseira com pedras preciosas que capturavam a luz do sol, refletindo-a em pequenos pontos de luz. Ela largou a caixa e segurou a joia pendurada, para que pudesse ser vista por completo.

Uma combinação de letras brilhantes formava o nome SHAKA.

— Posso? — pediu o professor Bardsley, segurando a pulseira contra a luz. Ele tirou do bolso unia faquinha e raspou uma das pedras. — Meu Deus, são diamantes. Vocês sabem quanto isto vale?

Dan estendeu a mão, passando os dedos naquelas pedras translúcidas e frias. Lembrou das palavras do velho no Museu de Shaka em Durban:

Churchil? era obcecado por Shaka. Foi por isso que veio à África do Sul. Não para trabalhar como repórter. Não para lutar. Foi para descobrir sobre o isipho.

— Hã, galera? — perguntou Dan. — Algum de vocês conhece a palavra isipho?

— É uma palavra zulu — respondeu o professor Bardsley. — Significa presente.

O cérebro de Dan estava girando. Churchill estava cumprindo uma missão. Estava obcecado pela pista dos Tomas. Tinha sido preso, tinha se escondido numa mina... e nada disso o detivera. Enquanto os homens caminhavam na frente, Dan murmurou para Amy e Nellie:

— Na mensagem, o Churchill dizia que queria a coisa que estava no chão com Shaka. E lembram do que disse o cara no museu? Ele estava atrás do *isipho!* Esta é a pista dos Tomas, Amy!

Diamante. A mais mágica das substâncias. Matéria orgânica — plantas, árvores, restos animais — comprimida pelo tempo e pelo peso da

terra, transformando-se na substância mais dura e brilhante que se conhece. Ele segurou o bracelete sob um feixe de luz do sol que passava por entre as copas das árvores, Os diamantes tinham ficado escondidos por sabe-se lá quanto tempo e mesmo assim refletiam a luz solar com um brilho quase ofuscante.

— Devíamos ter imaginado — disse Amy, pegando de volta a pulseira. — Guerras, apartheid... tudo isso aconteceu por causa dos diamantes na terra.

— Todos queriam isso e havia pessoas dispostas a matar para ficar com eles... — completou Dan. — Parece o segredo das 39 pistas.

— *Vocês vão pagar por isso* — berrou a voz do senhor Malusi de dentro do buraco. — Vocês são ladrões de identidade e ladrões da nossa propriedade!

Amy queria jogar alguma coisa nele. Contou até dez e parou de cerrar os dentes, segurando a pulseira com força. Tomá-la do senhor Malusi seria a vingança perfeita. Mas ela percebeu uma coisa: não sabia ao certo se aquilo pertencia legitimamente aos Tomas, porém com certeza também não pertencia a ela.

Amy deu um passo à frente. Kurt fez menção de ir atrás, mas ela fez um gesto para que ele ficasse. Então ela andou até a beira do buraco e olhou para baixo:

— Hã, sabe aquele escudo que vocês roubaram do museu em Durban?

O senhor Malusi ficou em silêncio, lançando um olhar de ódio para ela.

— Talvez os Tomas ainda acreditem que uma boa ação leva a outra — ela continuou, calma.

A pulseira era bela e valiosa. Porém, o objetivo daquela caçada era o conhecimento, não a posse. Ela deu uma última olhada na pulseira, depois a jogou dentro do buraco.

— *Amy, o que você está fazendo*? — gritou Dan.

Nellie gemeu:

— Isso podia ter pago a fatura do meu cartão de crédito!

Abaixo dela, os Tomas começaram a pular uns em cima dos outros, estapeando-se para pegar os caríssimos diamantes, O senhor Malusi logo foi engolido num, mar de braços agitados.

— Parem! PAREM... ISSO É UMA ORDEM! — ele gritou.

Amy deu as costas ao som daquela massa de pessoas se engalfinhando e foi embora.

CAPÍTULO 25

KARACHI.

Fazia dias que aquele nome estava na cabeça de Amy, mas agora ele estava brigando por espaço com a imagem de um sorriso fácil e um canto que a deixava arrepiada.

Lá em Sydney, enquanto ameaçava jogar Amy aos tubarões, Isabel Kabra tinha listado os lugares onde Dan e Amy haviam estado. Por algum motivo, ela tinha incluído um lugar que eles nunca visitaram: Karachi, no Paquistão.

Amy teve que aceitar o fato de que eles não tinham mais o que fazer na África do Sul. Ficar mais tempo ali seria um erro. Os Holt ainda estavam à solta e irados. Mas isso não facilitava nem um pouco a partida.

— Vamos manter contato — Kurt tinha dito antes de eles se despedirem. — Espero que a gente se encontre outra vez.

Amy também esperava. Porém não podia contar com aquilo. Não podia contar com nada além da mudança constante.

— Voo 796, de Johannesburgo a Karachi, embarque em dez minutos — uma voz ecoou no terminal.

— Ei, temos que ir — chamou Dan.

Amy abraçou o professor Bardsley.

— Obrigada pela ajuda.

— Pois é, e pelas músicas que você me deixou passar pro iPod — disse Nellie, sem muito entusiasmo. — Estou louca pra ouvir música religiosa renascentista.

— Imagino — disse o professor Bardsley — que eu não possa convencê-los a ficar.

— Desculpa — murmurou Amy, triste.

O professor Bardsley tinha sido gentil com eles. Tinha dirigido o Yugo durante toda a viagem de volta a Johannesburgo, permitindo que Neilie, Dan e Amy dormissem. Tinha achado comida para Saladin, ajudado a reservar os voos e até se oferecido para pagar.

— Nós sabemos o que pensa das 39 pistas, professor Bardsley — disse Amy. — Mas temos que continuar. Aceitamos um desafio e temos que chegar até o fim.

— Pela Grace — ele suspirou. Então franziu o rosto e deu uma piscadela.

Amy não estava esperando aquela resposta:

— Grace...?

— Ela era uma mulher notável, doce e generosa — disse o professor Bardsley.

— Você conheceu ela? — Amy se espantou.

— Ela conhecia todo mundo na África do Sul? — completou Dan.

O professor Bardsley fez que sim com a cabeça, sorrindo.

— A Grace Unha muitos amigos aqui. Isso surpreende vocês?

Amy sorriu. Bardsley tinha um longo histórico com as 39 pistas e os Tomas. Conhecia Winifred Thembeka. Fazia sentido que ele tivesse conhecido Grace.

— Não vamos perder o contato, professor.

— Vão com Deus — respondeu ele.

Ela, Dan e Nellie entraram na fila da segurança. Foi mais rápido do que eles estavam esperando. Depois de passar pelo detector de metais, seguiram a placa em direção aos portões de embarque. Mas um homem de bigode apontou para um carrinho motorizado.

— Por aqui, por favor — ele indicou.

— Não, obrigada — respondeu Amy. — Vamos a pé.

O homem chegou mais perto:

— Por aqui.

— Dá logo um baksheesh pra ele ir embora — murmurou Dan.

— País errado, amigo — disse Nellie.

O homem rapidamente se colocou no caminho de Dan. Em sua mão direita havia uma pequena faca.

— Mas que...? — Dan olhou em volta, aflito.

Atrás dele, Nellie respirou fundo:

— Melhor fazer o que ele diz. Agora.

Amy tremeu. Ela e Dan subiram na parte de trás do carrinho enquanto Nellie tomava o assento do passageiro na frente. O homem guiou o veículo em alta velocidade para longe do portão, saiu por uma porta dos fundos e cruzou uma pista de aterrissagem. Pequenas aeronaves zumbiam logo acima e aviões cargueiros passavam por eles.

Em pouco tempo eles dobraram a esquina de um hangar. Se a barra estivesse limpa, eles podiam fugir correndo até lá.

Dan cutucou Amy. Ela olhou para ele de relance e fez um leve gesto de consentimento com a cabeça. O motorista deu uma guinada, contornando o hangar.

De repente, Dan sentiu sua cabeça ser coberta com um saco.

— *Ei!* — ele gritou.

Amy e Nellie estavam gritando. Dan tentou ficar de pé, porém seus braços foram puxados para trás: Ele sentiu uma corda áspera se estreitando ao redor de seus pulsos e uma mordaça apertando sua boca.

Em poucos instantes, ele estava sendo empurrado por trás. Eles estavam andando no concreto. Uma lufada de vento levantou a barra da camisa dele quando um avião passou em baixa altitude.

Dan foi forçado a passar por urna porta. Depois, duas mãos o empurraram para baixo, obrigando-o a sentar-se numa cadeira. Uma de cada lado, ele ouvia Amy e Nellie gemendo por baixo das mordaças.

— Um... dois... três... todos presentes. — A voz foi como uma

queimadura de ácido em Dan. — Vamos ser civilizados, certo?

O saco que cobria sua cabeça foi puxado e ele encarou o rosto de Isabel Kabra.

— Diamante — disse Isabel Kabra, lixando as unhas e parecendo deslocada numa cadeira de plástico. — Vocês vieram à África do Sul e descobriram que a pista era diamante. Eles não são espertos, crianças?

— Espero que não tenha sido... hã, difícil pra vocês — disse Natalie com uma risadinha irônica.

— Pena terem precisado fazer tanto esforço — lan continuou, no mesmo tom da irmã —, quando podíamos facilmente ter contado a vocês.

O homem de bigode agachou-se atrás de Amy, Dan e Nellie, amarrando as pernas deles às cadeiras. Isabel, lan e Natalie estavam de frente para eles, no chão de cimento de um galpão de armazém. Havia prateleiras abarrotadas de latas, caixas, ferramentas e peças. Atrás da cabeça de lan, uma enorme hélice amassada estava deitada de lado sobre uma máquina com uma correia.

Amy puxou as cordas que a prendiam. Isabel sabia da pista. De algum modo, tinha conseguido rastreá-los. Mas Amy não se surpreendia mais com Isabel. Não tinha mais medo dela. A esta altura, só queria uma coisa.

Vingar-se dela.

— Como você sabia? — cuspiu Dan. — Essa era uma pista dos Tomas!

Churchili era um Lucian, meu bem — disse Isabel com uma risadinha. — Encontrou a pista dos Tomas cem anos atrás. Você achou mesmo que nós não íamos saber?

— Realmente — concordou lan. — Bem colocado, mãe.

Ela lançou um olhar para o filho e ele calou a boca.

— Então... se vocês já sabem — começou Nellie —, por que estamos aqui?

— Senti saudade de vocês, meus queridos — respondeu Isabel. — Mudei muito desde nosso horrível tête-à –tête com os tubarões, Amy... pelo qual peço desculpas, aliás. Estou preocupada com a saúde de vocês.

— Você não parecia muito preocupada com isso quando armou

aquele incêndio, sua animal! — esbravejou Amy.

Dan olhou feio para a irmã, com o rosto paralisado de medo.

Mas Isabel apenas sacudiu a cabeça, triste:

— Animal. É uma palavra forte para alguém que assassinou Irina Spasky.

— Eu... assassina? Foi VOCÊ! — gritou Amy.

— É mesmo? Hmmm, não é isso que os jornais estão dizendo — ironizou Isabel. — Não é verdade, crianças?

— Realmente — disse lan.

— É só isso que você sabe dizer? — bronqueou Isabel, depois virando-se de volta para Dan e Amy. — Vocês sabem, não é fácil ser um fugitivo internacional. As pessoas tendem a querer mandar gente assim para a cadeia. Vocês não iam gostar. Embora eu imagine que seja genético. Afinal, o senhor e a senhora Nudelman eram mestres nisso.

Amy sentiu um nó no estômago:

— Outra mentira!

— Ah, que drama — suspirou Isabel, sorrindo. — Vejo que você reconhece o nome!

— O que você quer de nós? — Amy quis saber.

Isabel se inclinou para a frente:

— Sei o que vocês acham de mim e não os culpo. Mas ando precisando de boas mentes jovens. E vocês, meus caros, estão precisando de uma coisa mais profunda. — Ela deu de ombros. — Uma família.

Dan olhou para ela, descrente:

— Você quer adotar a gente?

— Querem uma prova das minhas boas intenções? — Isabel enfiou a mão na bolsa e tirou um frasco de líquido verde. — Voilà!

— Seus filhos roubaram isso da gente! — exclamou Amy. — Em Paris!

— E eu estou disposta a compartilhar isso com vocês — disse Isabel. — Vocês não fazem ideia de como isso é importante para a busca das 39 pistas. Com este frasco, vocês estarão lado a lado com a equipe vencedora. Pensem nisso. Vamos acolher vocês na família Kabra. Vocês nos

emprestarão suas habilidades e seu conhecimento. Serão como irmão e irmã de lan e Natalie.

Natalie ficou pálida:

— Por favor! Primos pobres distantes, no máximo...

Amy precisou de muito esforço para não dar uma gargalhada. Isabel tinha alguma coisa em mente... mas se estava falando sério sobre aquilo, era realmente insana.

Ela encarou Isabel. Seus olhos eram como os de um lagarto, frios e vidrados. Mas, pela primeira vez, mesmo vulnerável como estava, Amy não sentiu medo. Pertencer família Kabra? Ela preferiria morrer cem vezes.

— Amy? — perguntou Isabel com um sorriso magnânimo. — Eu sei, talvez você precise de um momento para assimilar esta extraordinária oportunidade...

Arny sorriu de volta.

— Na verdade, não preciso de momento nenhum — ela respondeu numa voz doce. — Enfia essa sua proposta onde quiser.

Isabel recuou. Neilie soltou uma gargalhada.

— Amy! — exclamou Dan.

— Então que seja — retrucou Isabel. — Algumas pessoas gostam mesmo de simplificar as coisas. — Ela estendeu o frasco para o filho. — lan?

lan se levantou, hesitante. Pôs o frasco numa prateleira logo atrás da hélice horizontal. Parou por um instante, como se tentasse decidir alguma coisa, depois mexeu num interruptor na parede. -

A hélice começou a girar, produzindo um zunido baixo que rapidamente se transformou num ronco. Ela estava a menos de um metro e meio do chão e o vento que criou espalhava papéis para todos os lados.

Isabel apontou para o frasco verde.

— Um por um! Venham buscar! — ela cantarolou.

O homem de bigode agarrou o encosto da cadeira de Dan e a posicionou em direção à hélice que girava.

E começou a empurrar.

CAPÍTULO 26

— NÃ-Ã-ÂO! — AMY ESTAVA BERRANDO ATRÁS DE DAN.

Dan tentava se soltar das cordas. O som da hélice fazia doer seus ouvidos. Ele via um borrão prateado, as lâminas se aproximando. Sentiu o cheiro do motor queimando, da graxa.

Apertado demais.

Ele dava trancos com o corpo, tentando derrubar a cadeira.

Ian Kabra, nervoso, alternava o olhar entre Dan e a hélice.

Agora a lâmina estava a poucos centímetros do pescoço de Dan. Ele se inclinou para trás, de olhos fechados, e sua mente pareceu voar longe. Ele ouviu um grito e não soube ao certo se tinha saído dele.

Porém Dan sentiu a cadeira se inclinar. E sua cabeça bateu em alguma coisa, com força.

— *Peguem-no!* — ordenou uma voz.

Isabel.

Dan abriu os olhos. Viu Amy atravessar a sala correndo, ainda amarrada à cadeira, e acertar Isabel Kabra com uma potente cabeçada.

De repente, ele se sentiu rolando para a frente.

— Dan! Dan, está me ouvindo? — perguntou uma voz grave.

— Auuuuu.

Alguém soltou as cordas que prendiam as mãos de Dan, e ele finalmente as sentiu livres. Dan cambaleou até conseguir ficar em pé. Do outro lado da sala, Amy estava em cima de Isabel, prendendo-a ao chão.

Uma mão o empurrou na direção da porta.

— Vá. Não podemos perder tempo. Vire à esquerda e siga até o hangar 3. Depois eu encontro vocês.

O professor Bardsley o empurrava. Três de seus alunos se engalfinhavam com os Kabra enquanto desamarravam Nellie e Amy. A hélice estava desacelerando.

Dan pôs a mão no pescoço, só para garantir que estava tudo bem. Depois correu para agarrar a irmã.

— Vamos!

Eles correram até a porta, com Nellie logo atrás. Isabel gritava, e sua voz estridente atravessava o ronco da lâmina que desacelerava.

— ISSO É UMA INJUSTIÇA!

Enquanto Amy e Nellie saíam depressa, Dan voltou agachado para pegar Saladin. Então contornou a hélice e agarrou o frasco de líquido verde que Isabel havia deixado na prateleira.

Correndo para fora, enfiou o frasco no bolso. Dan alcançou a irmã e Nellie bem em frente ao hangar 3. A porta aberta revelava um avião coberto por uma lona grossa.

— Você está bem? — perguntou Amy. — Oh, meu Deus, Dan, achei que você ia... — Ela engoliu o resto da frase.

— O que você fez com a Isabel foi incrível — elogiou

Dan.

O professor Bardsley vinha em disparada na direção deles.

— Crianças, estamos indo embora — ele disse, ofegante. — Vocês não podem mais ficar na África do Sul. Os Kabra podem ser domados, mas não podem ser detidos. E tem mais alguém... — E olhou por cima do ombro.

— Quem?— questionou Dan.

Mas o professor Bardsley entrou agachado no hangar, gritando:

— O-láááááá!

Dois funcionários uniformizados vieram correndo.

— Você tem autorização para decolar, professor? — perguntou um deles.

— Por favor, consiga isso para mim... o mais rápido possível! — pediu o professor Bardsley.

O homem saiu correndo enquanto o outro funcionário o ajudava a descobrir o avião.

As laterais eram amarelas, com canos vermelhos e um nome escrito em letras rebuscadas: *O Lêmur Voador.*

— É o avião da Grace! — exclamou Amy.

— Grace me ensinou a pilotar — contou o professor Bardsley. — Quando ela soube que ia morrer, me deu permissão para manter este velho de guerra na ativa. Agora vamos levá-lo para um passeio, que tal?

Amy correu até o outro lado e pulou no assento do passageiro da cabine.

— Ei! Eu quero sentar aí — protestou Dan.

— Cara, você devia ter sido mais rápido — acrescentou Nellie, sentando-se no banco de trás.

O professor Bardsley ligou a ignição. As hélices giraram.

— Vai! — o funcionário do aeroporto estava gritando. — Você tem sinal verde!

— Eles deixaram você furar a fila assim, sem mais nem menos? — perguntou Nellie.

O professor Bardsley sorriu:

— Não faça perguntas. Entre, Dan!

Nellie puxou Dan para o assento de trás.

Dan soltou o corpo ao lado dela, fumegando de raiva.

— Vocês acham que eu devia ter sido mais rápido? ele reclamou. — Você acha que não teve nada a ver com o fato de eu estar segurando o Saladin, por isso talvez tenha sido injusto a Amy pular no banco desse jeito?

— Prrr — ronronou Saladin, concordando.

Nellie encolheu os ombros:

— Vocês podiam ter passado meia hora tirando par Ou ímpar.

— Haha. fica aí dando risada com a minha irmã — disse Dan, cruzando os braços e recostando-se no assento enquanto Amy se encolhia no banco da frente.

— Cara, pra onde você está levando a gente? — perguntou Nellie.

— No mínimo, ele deve estar esperando que a gente pouse na Suazilândia — disse o professor Bardsley.

— Ele? — indagou Nellie.

— Eles — o professor Bardsley corrigiu depressa. — Qualquer pessoa que possa estar na cola de vocês. Por isso vou levá-los para Moçambique. Ali vocês vão embarcar num avião para a Alemanha, onde vou conseguir transporte para... onde quer que vocês precisem ir agora.

O avião saiu do hangar e taxiou na pista. As hélices zuniam.

— Por que você está fazendo isso por nós, professor Bardsley? — Amy quis saber. — O que está acontecendo?

— Porque vocês já cumpriram sua missão aqui — ele respondeu. — Porque vocês acharam uma pista. Porque, mesmo não fazendo parte disto, eu respeito o fato de vocês cumprirem a vontade da sua avó.

— Quanto você conhecia a Grace? — pressionou Amy. — Você sabia a que clã ela pertencia?

Quando o professor Bardsley puxou o manete com força, o barulho foi ensurdecedor.

— O quê? — ele disse.

O avião deu um tranco para a frente.

— UUUU-HUUU! — gritou NeIlie.

Do banco de trás, Dan se debruçou para falar com Amy.

— Você acha mesmo que eu sou lerdo? Bom, se eu sou lerdo, como é que fui eu quem lembrou de pegar isto?

Ele estava sacudindo uma coisa diante do rosto da irmã. O frasco verde dos Kabra.

— Dan, senta direito e põe o cinto de segurança! — Amy virou de costas. O frasco voou da mão de Dan e deu duas voltas no ar. Ele agitou os braços tentando agarrá-lo mas só conseguiu jogá-lo contra a parede do

avião.

O frasco se estilhaçou, cuspindo uma gosma verde no braço de Dan e no banco ao lado dele.

— *Aaaaaiiiiii!* — Dan gritou. — *Amy, não acredito que você fez isso, sua idiota!*

Amy deu um suspiro:

— Isso é falso, Dan.

Mas quando uma gota caiu no banco, o tecido derreteu.

— HÃ, DAN? — Nellie gritou para ser ouvida por cima do barulho do motor. — VOCÊ DISSE QUE ISSO ERA O QUÊ?

A sensação de Dan era de que um zoológico inteiro de escorpiões caíra do céu em cima do braço dele.

— AI — ele berrou. — ISSO ARDE!

O avião já estava em voo. Amy olhou para o professor Bardsley pelo retrovisor.

— DE QUE COR VOCÊ DISSE QUE ERA O SORO? — ele perguntou.

— VERDE. GOSMENTO. ESTÁ QUEIMANDO O BANCO.

Os olhos do professor Bardsley se arregalaram.

— ISSO NÃO É UM SORO. É UM VENENO DE AÇÃO LENTA! OS KABRA TESTARAM ISSO NUM DOS MEUS COMPANHEIROS. VAI CORROER A PELE E COM O TEMPO ATINGIR O SISTEMA NERVOSO! — As mãos dele mexiam freneticamente nos controles, acionando interruptores, girando botões. — PRECISO DE ALGUÉM PARA OPERAR A CABINE!

Nellie se debruçou para a frente:

— DEIXA COMIGO! EU SEIO QUE ESTOU FAZENDO!

O professor Bardsley rapidamente trocou de lugar com Nellie, fazendo Saladin cair no chão com um chiado. O velho homem enfiou a mão atrás do banco e tirou de lá uma latinha com uma etiqueta que dizia UMHLABA.

A dor estava se alastrando. Dan sentiu seu corpo inteiro vibrar. Cerrou os dentes. Não pense nisso não pense nisso não pense nisso não pense

nisso...

— O Q-QUE É ISSO? — ele perguntou.

— CONCENTRADO DE ALQE — respondeu o professor Bardsley. — VAI RETARDAR O EFEITO DO VENENO ATÉ CHEGARMOS A UM HOSPITAL EM MOÇAMBIQUE. VAI DEMORAR UMAS DUAS HORAS, MAS VOCÊ VAI FICAR BEM. TALVEZ ELES TENHAM O ANTÍDOTO APROPRIADO LÁ.

— TALVEZ ELES TENHAM? — Amy gritava. O rosto dela estava completamente pálido. — VOCÊ NÃO PODE DEIXAR OS KABRA MATAREM MEU IRMÃO!

O professor Bardsley concordou com a cabeça, franzindo a sobrancelha.

Ele embebeu um lenço e o aplicou no braço de Dan. A sensação era de água gelada abrandando o fogo. O corpo de Dan começou a se acalmar, porém ainda não era suficiente.

— MAIS! — gritou Dan. — MAIS!

O professor encharcou o lenço com mais líquido.

— NÃO TEM MAIS NADA NO AVIÃO DA GRACE? — gritou Amy. — QUEM SABE ELA TINHA ALGUM ANTÍDOTO AQUI!

Bardsley de repente ergueu o olhar para Amy:

— QUE É QUE EU ESTOU FAZENDO? EU SEI DE UM LUGAR ONDE PODEMOS ARRANJAR O ANTÍDOTO.

MAS VOU PRECISAR REDJRECIONAR O CURSO PARA MADAGASCAR!

— XÁ COMIGO, CARA! — Nellie estava girando botões com confiança. O avião se inclinou para a direita.

— Prrr! — disse Saladin, escorregando no chão.

— O QUE TEM EM MADAGASCAR? — esbravejou Amy. Com suas pálpebras trêmulas, tudo o que Dan via eram as veias do pescoço da irmã, inchadas como raízes de árvores...

O professor Bardsley agora amarrava um torniquete no braço de Dan. A sensação era boa, porém a dor estava mudando. Espalhava-se em ondas, subindo pelo pescoço, descendo até as pernas, indo e voltando como uma

espécie de tortura medieval.

A voz do professor Bardsley chegou até Dan como uma estação de rádio lentamente saindo do ar.

— ESTAMOS INDO — ele respondeu — PARA A CASA AFRICANA DA SUA AVÓ!

CAPÍTULO 27

— DAN...? — CHAMOU AMY, ARRASTANDO O IRMÃO PELA TRILHA coberta de arbustos, um emaranhado de trepadeiras e raízes. — Dan, fique acordado!

Ele estava gemendo. Piorava depressa.

Amy mal notou a entrada. A "casa africana" de Grace era minúscula, pouco mais que uma caverna de pedras e terra com uma porta feita sob medida.

— Não vamos entrar na central de operações — disse o professor Bardsley. — Tem uma casinha lá atrás. Eu... eu tenho um cartão... um cartão de entrada...

O professor Bardsley estava tremendo. Ele tinha aterrissado o avião em segurança porém fizera uma curva fechada demais ao taxiar, batendo uma das asas. Amy percebeu que ele estava em frangalhos.

Por favor, ela pensou. Mantenha o meu irmão vivo!

Dan se arrastava entre NeIlie e Amy, não conseguia mais caminhar.

— Você vai f-f-ficar b-b-bem — consolou Amy.

Sozinha. A palavra abriu caminho à força no cérebro de Amy. Durante toda a sua vida, ela se sentira como uma parte, uma metade. Nunca era Amy. Eram Dan e Amy. Como uma palavra.

DaneAmy.

AmyeDan.

— Chegamos! — ela disse, parando em frente a uma casinha com telhado de pedra e venezianas, enquanto o professor se digladiava com a fechadura. Dan tremia. Seus braços estavam embrulhados em torniquetes brancos empapados de umhlaba, mas seu rosto estava passando de vermelho para amarelo.

Nellie o segurava entre os braços.

— Ele está entrando em choque tóxico — ela falou. — Depressa!

O professor Bardsley abriu a porta da frente, que rangeu com força.

— Coloquem ele sentado! — exclamou. — Vou até o armarinho de remédios.

Nellie e Amy ajudaram Dan a passar pela porta.

Amy não conseguiu conter um calafrio de reconhecimento. Numa fração de segundo, identificou detalhes gravados no fundo de sua memória: toalhas de renda sobre mesinhas de madeira escura, pequenas xícaras arrumadas como se Grace estivesse prestes a sair da cozinha com uma bandeja de chá, um retrato da avó que Amy desenhara na terceira série.

Ela e Nellie sentaram Dan num sofá adamascado.

— AIIl... AI AI AI AI! — ele gritava.

O professor Bardsley entrou correndo, com uma seringa hipodérmica na mão.

— Você precisa dar uma injeção nele? — Amy gritou, nervosa.

— É o único jeito de fazer o remédio entrar logo na corrente sanguínea — rebateu o professor Bardsley.

Amy desviou o olhar, segurando a mão de Dan com força. Sentiu o irmão enrijecer por um instante. Ele emitiu um pequeno gemido que era mais respiração do que som.

Por fim, Amy percebeu que o irmão amolecia. Ela sentiu o coração virando do avesso.

— O que está acontecendo? Ele está...?

O professor Bardsley enxugou a testa, completamente tenso.

— Agora só podemos rezar — ele disse.

— Obrigada — agradeceu Nellie. — Por tudo.

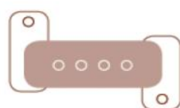
O professor Bardsley deu um sorriso abatido:

— Obrigado digo eu. Se eu mesmo tivesse que mudar a rota do avião...

A cabeça de Dan caiu para o lado. Sua boca se mexia, mas não saía nenhum som.

O professor Bardsley testou a temperatura de Dan com a mão.

— Preciso voltar para a pista de pouso. O jeito como aterrissei O Lêmur Voador pode ser um perigo para outras aeronaves. Não vou demorar muito. Assim que Dan estiver se sentindo bem, precisamos partir. Não podemos ficar aqui.



O professor Bardsley ficou fora por mais tempo do que Amy esperava. Nellie continuou a aplicar compressas de umhlaba no braço de Dan, mas ele ainda demoraria para voltar ao normal. Havia queimaduras graves na pele.

— A-Amy? — murmurou Dan com voz rouca, contorcendo o rosto. Amy correu para o lado dele.

— Dan! Você está falando!

— Dã — disse Dan. — Aquela carta do Churchill... a que a senhora Thembeka deu pra gente? Onde está?

— No seu bolso de trás, eu acho — respondeu Amy.

— Quer que eu pegue? — NeIlie se ofereceu.

Dan soltou um grunhido.

— Você pode... pegar outra compressa? Por favor?

Enquanto Nellie sumia dentro do banheiro, Amy continuou a explorar o recinto. Ela lutava para segurar as lágrimas. Quase tinha causado a morte de Dan. Sua raiva havia irritado Isabel. Tinha feito lan empurrar Dan na direção da hélice. Então, no Lêmur Voador, ela deixara o irmão tão

frustrado que ele se esqueceu de tomar cuidado com o veneno...

— Dan? — ela chamou. — Desculpa por eu ser tão esquentadinha.

Dan deu um sorriso fraco.

— Você está salvando minha vida — ele respondeu.

— Por isso não me importo. Ei, olha só esse piano.

Enfiada num canto, quase não cabendo ali, havia uma espineta com uma pilha de partituras em cima. Amy foi até o instrumento e tocou alguns acordes, mas infelizmente estava desafinado. Ela se lembrou das horas que Grace passava na mansão em Massachusetts, num piano muito melhor, ensinando a Dan e Amy todas as letras de suas canções favoritas da Broadway. "Agora quero ver você dizer que o iPod se compara a isto!", Grace adorava dizer.

Ali perto havia uma escrivaninha com formas tão elaboradamente entalhadas que contrastavam com as linhas simples do piano. Amy abriu uma gaveta e deu um pulo quando uma aranha peluda saiu andando. Olhou por cima do ombro, para checar Dan. Ele estava fazendo rascunhos num bloco de papel, sem força.

Aproximando-se da gaveta, Amy notou um caderninho enfiado no fundo. Ela o tirou de lá e esfregou com as mãos a capa mole de couro.

O caderno estava repleto da letra pequena e perfeita de Grace. Parecia a Amy que abria uma carta escrita no dia anterior. Cada página estava coberta de anotações, a maior parte notas de viagem, com cartões-postais de vários países presos às folhas com fita adesiva.

Amy parou numa página com notas sobre a China. Grace nunca tinha lhes contado sobre essa viagem...

Escrevi a Deng Xiaoping, que concordou em conceder visita a A & H ao descobrir que os dois, como ele, são M.

A & H. O coração de Amy pulou. Só podiam ser Arthur e Hope!

— Dan? — ela chamou.

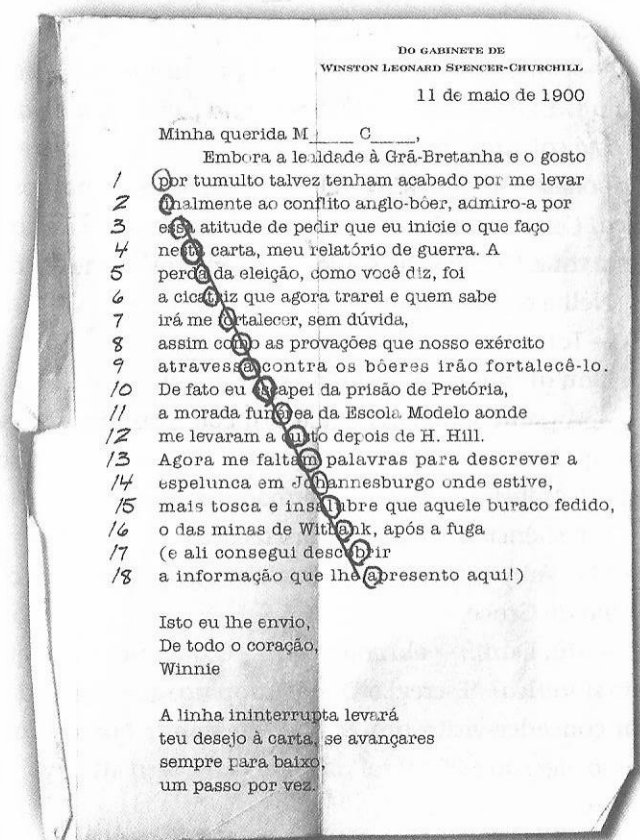
— Amy... olhe! — exclamou Dan. Ele se arrastou na direção da irmã, segurando uma folha de papel com a mão trêmula.

— Calminha aí, super-herói — repreendeu Neilie. Dan colocou a mensagem de Churchill na escrivaninha.

— A carta... olha o que ele escreveu no fim.

— "A linha ininterrupta levará teu desejo à carta, se avançares sempre para baixo, um passo por vez." — Amy leu em voz alta.

— Lembra do que nós falamos sobre uma linha ininterrupta? — falou Dan numa voz rouca. — Olha... O círculo de Churchili. Uma letra, um P. Bem no topo, bem à esquerda! Agora, "Avançares para baixo, um passo por vez", era isso que eu não conseguia entender. — Dan contraiu o rosto enquanto Nellie passava gaze ao redor das compressas. — E se a gente descer... a partir dessa primeira letra? Passo a passo? Olhe!



Do gabinete de
Winston Leonard Spencer-Churchill

11 de maio de 1900

Minha querida M____ C____,
Embora a lealdade à Grã-Bretanha e o gosto
1 por tumulto talvez tenham acabado por me levar
2 finalmente ao conflito anglo-bôer, admiro-a por
3 essa atitude de pedir que eu inicie o que faço
4 nesta carta, meu relatório de guerra. A
5 perda da eleição, como você diz, foi
6 a cicatriz que agora trarei e quem sabe
7 irá me fortalecer, sem dúvida,
8 assim como as provações que nosso exército
9 atravessa contra os bôeres irão fortalecê-lo.
10 De fato eu escapei da prisão de Pretória,
11 a morada funérea da Escola Modelo aonde
12 me levaram a custo depois de H. Hill.
13 Agora me faltam palavras para descrever a
14 espelunca em Johannesburgo onde estive,
15 mais tosca e insalubre que aquele buraco fedido,
16 o das minas de Witbank, após a fuga
17 (e ali consegui descobrir
18 a informação que lhe apresento aqui!)

Isto eu lhe envio,
De todo o coração,
Winnie

A linha ininterrupta levará
teu desejo à carta, se avançares
sempre para baixo,
um passo por vez.

— “A informação.., que lhe apresento aqui” — disse Van. — A informação era a pista, Amy. Estava enterrada nesta carta!

— “ Pista Tomas é umhlaba” — leu Amy. — Isso é impressionante!

— Nossa! — exclamou Nellie. — Achei que a pista fosse diamante! Os Kabra também disseram que era. Olha, vocês não podem negar isso. Tinha aquela mensagem dizendo que a pista estava “no chão com Shaka”!

— O que tinha dentro daquela caixa, Nellie? — perguntou Amy. — O que nós tivemos que cortar? O que estava crescendo na caixa inteira?

— A pista que nós estávamos procurando... — concluiu Dan, encostando de leve numa compressa de aloe está salvando a minha vida!

— Aloe... — murmurou Amy. — Estava bem na nossa fuça. Os Kabra não devem ter decodificado a carta do Churchill. Quem sabe somos os primeiros a fazer isso!

Nellie comemorou:

— Toma essa, Mulher-Dragão!

Dan afundou, exausto, no sofá.

— A gente é demais — ele brincou, com um sorriso tranquilo se espalhando pelo rosto. — Agora só precisamos descobrir qual é nosso próximo destino.

Um silêncio se abateu sobre a casa.

Mas Amy estava concentrada na mensagem no caderno de Grace.

— Hã, Dan... — ela começou. — O que você acha que isso significa? “Escrevi a Deng Xiaoping, que concordou em conceder visita a A & El ao descobrir que os dois, como ele, são M.”

— Deng... ele era o líder da China, né? — disse Nellie.

— A e H... — repetiu Dan. — Arthur e Hope, a mamãe e o papai. Eles conheceram o líder da China? Legal. Lá é o nosso próximo destino.

— Talvez — ponderou Amy. — Mas ouça isso outra vez: Deng concordou em encontrá-los porque descobriu que eles eram...

— M — repetiu Nellie. — O que é M? Mandarim? Não, espere...

Dan ficou de pé e foi mancando até uma janela dos fundos.

— Galera, cadê o professor Bardsley?

Ele deu uma topada no pé do piano e seus joelhos dobraram. Nellie

correu até Dan quando a mão dele bateu com força nas teclas.

— Ai! — ele gritou, enquanto um acorde dissonante ecoava no recinto.

Amy correu até ele, ainda segurando o caderno de Grace.

— Você não consegue ficar sentado?

— O caderno... — Dan estava sorrindo. — Deixa eu ler um pouco...

Amy folheou o caderno inteiro até o fim. Havia umas 12 páginas vazias, páginas que Grace poderia ter preenchido se não tivesse morrido.

A última página escrita continha uma única anotação.

— Escutem isso. — Amy leu em voz alta: — "Hoje estou melancólica, pensando nos meus queridos A & H e com muita saudade deles. Não aguento nem ouvir meu amado Di Lasso, por causa da lembrança..."

— Lembrança? — perguntou Nellie. — Lembrança de quê?

Dan olhava fixamente para o piano, com o rosto pálido.

— Oh, não... — ele murmurou.

Amy entrou em pânico:

— Dan, senta! Você está muito doente!

— Orlando di Lasso... — murmurou Dan. — O professor Bardsley é especialista nesse cara. Adora a música dele e tal. Olha.

Ele tirou uma partitura do piano e mostrou para Amy e Nellie.

Amy leu de relance o título, um nome complicado em francês.

— Foi essa peça que a turma do professor Bardsley cantou depois que derrotamos os Tomas, certo?

— Ele disse que a Grace adorava essa música — completou NeIlie.

— Hã... não estou acompanhando — interrompeu Amy.

— Amy, quer saber a que clã nós pertencemos? — perguntou Dan. — Bom, devia ser o mesmo que o dos nossos pais, certo?

— E...

— E eles eram M, Amy! Puderam ver esse líder chinês porque eram M. E a Grace não podia nem olhar essa música porque isso fazia ela pensar neles. — O rosto dele enrubesceu e sua voz áspera ficou mais alta. — Você leu a capa dessa partitura? Viu isso de perto? Quer saber quem nós somos? Leia a terceira linha!

Ele segurou a partitura na cara da irmã:

Mon coeur se recommande à vous

de Orlando di Lasso

Um Madrigal, em Quatro Partes.

Madrigal.

Amy piscou para recuperar os sentidos e fechou o caderno de Grace.

Ao colocá-lo na mesa, virado para baixo, notou que uma foto tinha sido plastificada na contracapa.

Arthur e Hope, jovens e felizes, abraçavam um homem esquelético que não sorria.

Da cabeça aos pés, ele estava vestido de preto.

FIM

CONTINUA EM:

O CÓDIGO DO IMPERADOR